

Alice Walker

A Cor Púrpura



A Cor Púrpura

Alice Walker

Alice Walker nasceu em Eatonton, Georgia, nos EUA, em 1944. Estudou na Universidade Sarah Lawrence em Nova Iorque, onde o seu talento para a escrita foi elogiado e encorajado pelos seus professores.

Depois de acabar o curso, em 1965, Walker viveu um tempo em Nova Iorque, e depois mudou-se para Tougaloo, Mississippi. Membro do Movimento dos Direitos Civis, dos anos 60, Alice desde muito cedo se bateu pelos direitos das mulheres negras, e continuando a ser uma fervorosa ativista.

Detentora de vários prêmios de literatura, destacam-se dos seus romances e coleções de contos, *You can't Keep a Good Woman Down* (1981), *The Temple of*

My Familiar (1989), To Hell with Dying (1988), Possessing the Secret of Joy (1992), By the Light of My Father's Smile (1998), e the Way Forward is with a Broken Heart (2000).

Alice Walker escreve também poesia, tendo publicado vários livros de poemas, e contos para crianças.

A COR PÚRPURA, que em 1983 ganhou o Prêmio Pulitzer, narra a história de duas irmãs negras – uma é missionária na África e a outra, que foi casada na adolescência, vive no Sul dos Estados Unidos.

Apesar da distância, física e de circunstâncias, que as separa, ambas mantêm viva a lembrança e o amor que sentem uma pela outra, através de uma assídua correspondência.

A voz dominante é a de Celie, violada pelo pai, privada dos filhos e casada com um homem que ela odeia. Vive para a irmã, que espera voltar a ver um dia, e para o amante do marido que um dia vai viver para sua casa...

Em 1985, Steven Spielberg levou A COR PÚRPURA ao cinema. Contando

com a participação de Whoopi Goldberg, na sua estréia no cinema, Danny Glover e Margaret Avery, o filme foi nomeado para nove Óscares, entre os quais Melhor Filme, Melhor Argumento Adaptado e Melhor Cinematografia.

A Cor Púrpura
Alice Walker

Título original: The Color Purple
Tradução de Paula Reis cedida por
Editorial Teorema, Lda.

© Alice Walker, 1982

© 2004 BIBLIOTEX EDITOR, S.
L., para esta edição

Impressão
Printer, Indústria Gráfica, S.A. Bar-
celona

ISBN 84-96180-59-X
Dep. Legal: B-ll 104-2004

Bibliotex Editor 2004

De venda conjunta e inseparável
com este jornal

Os livros do Cinema

Nota do Editor

Por acordo entre o editor e a tradutora, ficou à partida estabelecido o princípio de que a tradução deste livro tentaria, na medida do possível e do razoável, aproximar-se das incorreções e das deficiências de escrita de Celie, a protagonista. E, mesmo passando ela a escrever muito melhor, a partir de certa fase da sua vida, houve erros e deficiências que se mantiveram.

O critério seguido na tradução será naturalmente discutível, como qualquer outro, aliás. Mas correspondeu ao desejo de dar veracidade ao texto em português.

Ao Espírito:
Sem cuja assistência
Nem este livro
Nem eu
Teríamos sido
Escritos

Ensina-me a fazê-lo como tu
Ensina-me a fazê-lo.

(Stevie Wonder)

Não contes a ninguém se não à Deus. Era capaz de matar a tua mãe.

Meu Deus:

Tenho catorze anos. Tenho sido sempre boa rapariga. Talvez possas fazer-me algum sinal que me faça perceber o que me está a acontecer. Na primavera passada, pouco depois de Lucius nascer, ouvi-os brigar.

Ele puxava-lhe por um braço e ela dizia:

- É muito cedo, Afonso, ainda não estou bem. Ele deixava-a em paz, mas na semana seguinte, volta a puxar-lhe pelo braço.

E ela dizia:

- Não, não posso. Não vês que estou quase morta? E essas crianças todas. — Ela tinha ido a Macon para ser vista pela irmã doutora e fiquei a tomar conta dos miúdos. Ele não me disse nem uma palavra amável.

Só:

- O que a tua mãe não quer fazer, vais tu fazer. - E encostou-me aquela coisa à anca e começou a mexê-la e agarrou-me a mama e metia-me a coisa por baixo e, quando eu gritei, esganou-me e disse: - O melhor é calares o bico e começares a te acostumar. - Mas nunca me acostumei. E agora fico indisposta cada vez que tenho que fazer comida. A mãe anda ralada e passa a vida a olhar para mim, mas já está mais feliz porque ele a deixa em paz. Mas

está muito doente e parece que não dura muito.

Meu Deus:

A mãe morreu. Morreu a gritar e a praguejar. Gritava comigo. Praguejava para mim. Estou prenha. Não posso mexer-me bem. Ainda não chego do paço e a água já está quente. Ainda não preparo a bandeja e a comida já ficou fria. Ainda não arranjo os miúdos para irem para a escola e já são horas de almoçar. Ele não dizia nada. Estava sentado à beira da cama. Pegava na mão dela e chorava e repetia:

- Não me deixes, não te vás embora.

Quando foi do primeiro, ela perguntou:

- De quem é?

Eu disse:

- De Deus. - Não conheço mais nenhum homem e não sei que dizer. Quando comecei a ter dores de barriga e ela a mexer-se e saiu de lá aquele bebê que mordida a mão fiquei pasmada. Ninguém nos vinha ver. Ela estava pior e cada vez pior.

Um dia perguntou-me:

- Onde está?

Eu disse:

- Deus levou-o. - Mas foi ele que o levou. Levou-o quando eu estava a dormir. E matou-o no bosque. E vai matar este agora se puder.

Meu Deus:

Diz que está farto. Já não pode comigo. Diz que sou má e só aborreço. Tirou-me o outro bebê. Era um menino. Mas parece-me a mim que não o matou. Acho que o vendeu a um casal de Monticello. Tenho o peito cheio de leite e sai sempre e estou encharcada. Ele pergunta:

- Porque não tens um ar mais decente? Veste qualquer coisa. - Que quer ele que eu vista? Não tenho nada. Oxalá encontre alguém para se casar. Olha muito para a minha irmã mais nova e ela tem medo. Mas eu digo: - Eu tomo conta de ti. Se Deus me ajudar.

Meu Deus:

Tem trazido cá a casa uma rapariga de Gray. É mais ou menos da minha ida-

de, mas casou-se com ela. Passa a vida em cima dela e a desgraçada anda de um lado para o outro como se não soubesse o que lhe acontece. O mais certo é ter pensado que gostava dele. Mas aqui nós somos tantos. E todos a precisar de qualquer coisa. À minha irmãzinha Nettie apareceu-lhe um pretendente que é quase como o nosso pai. Também é viúvo. A mulher morreu. Um amigo dela matou-a quando ia a sair da igreja. Mas ele ficou só com três filhos. Viu Nettie a sair da igreja e agora todos os domingos ao cair da tarde temos cá o Sr.. Eu digo à Nettie que se agarre aos livros. Ela não sabe o que é ter que tratar de crianças que nem sequer são nossas. E olha o que aconteceu à nossa mãe.

Meu Deus:

Hoje bateu-me porque diz que pisquei o olho a um rapaz. Pode ser que me entrasse qualquer coisa, porque não pisquei o olho. Nem sequer olho para os homens. É verdade. Para as mulheres olho porque não tenho medo delas. És capaz de pensar que tenho raiva à minha mãe por me ter rogado pragas. Mas não. Eu tinha pena da mãe. Foi por ela querer acreditar no que ele lhe contava que morreu. Às vezes ainda olha para a Nettie, mas eu meto-me sempre à frente. Agora digo à minha irmã que se case com o Sr.. Mas não lhe digo porquê.

Digo-lhe:

- Casa-te Nettie e goza a vida pelo menos um ano. Depois eu sei que fica grá-

vida. Mas eu, eu nunca mais. Uma rapariga na igreja diz que para a gente ficar grávida é preciso ter regras. E eu já não tenho.

Meu Deus:

Por fim o Sr. veio pedir a mão da Nettie. Mas ele não deixa ir. Diz que é muito nova e não tem saber. Que o Sr. tem filhos demais. E que, além disso, há a vergonha de matarem a mulher. E acerca de todos esses boatos sobre ele e a Shug Avery? Que se passa? Perguntei pela Shug Avery à nossa nova mãe. Quem é? Diz que não sabe, mas vai saber. Fez mais que isso. Arranjou um retrato. É o meu primeiro de uma pessoa a sério. Diz que o Sr. tirou qualquer coisa da carteira para mos-

trar ao meu pai e que o retrato caiu no chão e debaixo da mesa. A Shug Avery é a mulher mais linda que eu já vi na minha vida. Mais linda que a mamã. E dez mil vezes mais que eu. Tem umas peles e a cara pintada e o cabelo brilhante. Sorri mostrando os dentes e está a subir para um automóvel. Mas tem uns olhos sérios. E um pouco tristes. Perguntei se podia ficar com o retrato e passei a noite a olhar para ele. E sonhei com a Shug Avery. Ela estava vestida mesmo a matar e dançava e ria.

Meu Deus:

Disse-lhe que me possuísse a mim em vez da Nettie quando a nossa nova mãe adoeceu. Ele perguntou-me que es-

tava eu a falar. Eu disse-lhe que podia arranjar-me. Fui ao meu quarto embrulhei-me num pano de estofa, pus umas plumas e calcei uns sapatos de saltos altos da nossa nova mãe. Ele bateu-me por me vestir como uma desavergonhada, mas tornou a fazê-lo. O Sr. apareceu à noite. Eu estava na cama a chorar. Afinal a Nettie viu como é e a nossa nova mãe também. E também chorava no quarto. A Nettie andava do pé de uma para o pé da outra. Estava tão assustada que teve de sair para vomitar. Mas não pelo alpendre onde os dois homens estavam.

O Sr. disse:

- Bom, suponho que já pensou melhor.

Ele disse:

- Não pensei melhor.

O Sr. disse:

- Sabe, é que os meus pobres pequenos precisam de uma mãe. Não penso dar a Nettie a si, - disse ele falando muito devagar. - É muito nova e não sabe nada da vida. Além disso, quero que estude. Tem de ser professora. Mas pode levar a Celie. Assim como assim, é a mais velha. Tem de ser a primeira a casar. Já não está virgem, espero que saiba isso. Já a mancharam. Duas vezes. Mas você também já não precisa de uma mulher ainda virgem. Eu trouxe uma que estava pura e agora está sempre doente. - E cuspiu, por cima da varanda. - Os miúdos chateiam-na, não presta para nada a fazer comida e já está prenha. - O Sr. não dizia nada. Eu, de pas-

ma já nem chorava. - É feia, - dizia ele, - mas sabe trabalhar. E é limpa. Além disso Deus fez dela uma mulher mansa. Pode fazer-lhe o que quiser e não tem que a vestir nem que lhe dar de comer.

O Sr. continuava a não dizer nada. Eu peguei no retrato da Shug Avery e olhei para os olhos dela. Sim, diziam-me eles, às vezes estas coisas acontecem.

- A verdade é que tenho que a tirar cá de casa, - dizia ele. - Já é muito grande para viver aqui. É má companhia para as minhas outras raparigas. Leva o enxoval dela. E a vaca que criou lá atrás no curral. Mas quanto à Nettie tire daí a idéia. Nem agora nem nunca.

O Sr. falou por fim. Tossiu.

- A verdade é que nunca atentei na outra, - disse ele. - Pois da próxima vez deite-lhe uma vista de olhos. É feia. Nem sequer parece parente afastada da Nettie. Mas há de ser boa esposa. Também não é muito viva e, tenho que o avisar, tem que tomar conta dela senão pudesse a dar tudo o que tem em casa. Mas é capaz de trabalhar como um homem.

O Sr. perguntou:

- Quantos anos?

- Quase vinte, - responde ele. - E outra coisa: - diz mentiras.

Meu Deus:

Levou a primavera toda para pensar, de março até junho. Eu só pensava na Nettie. Se me casasse ela podia viver co-

nosco e se ele continuasse tão interessado talvez eu pudesse arranjar uma maneira de fugirmos. Andamos as duas a estudar no duro pelos livros da escola da Nettie porque sabemos que se quisermos fugir temos que aprender muito. Eu já sei que não sou tão bonita nem tão inteligente como a Nettie. Mas ela diz que eu sou parva. A Nettie diz que a maneira de se saber quem deu com a América é pensar em pepinos^{1}. Porque o som é parecido. Essa história do Colombo eu tinha aprendido na primeira classe. E também a primeira coisa que esqueci. Ela diz que o Colombo chegou aqui em três barcas, chamadas, *Neater*, *Peter* e *Santomareater*^{2}. Os índios foram tão simpáticos que ele levou

um bando deles lá para a sua terra para serem criados da rainha. Mas custa a estudar, com medo do casamento com o Sr.

A primeira vez que fiquei prenha o meu pai fez-me sair da escola. Nunca se importou que eu me ralasse. A Nettie ficou ali à porta, sem largar a minha mão. Eu estava toda arranjada para o primeiro dia de aulas.

- Burra como és não vale a pena continuares na escola, - disse o pai. - A esperta aqui é a Nettie.

- Mas pai, - dizia Nettie a chorar, - a Celie também é esperta. Até a Miss Beasley o diz. A Nettie adora a Miss Beasley. Diz que não há no mundo ninguém como ela.

- E quem vai ouvir a Addie Beasley? - Disse o pai. - Ficou solteira por ser bisbilhoteira. Ninguém quis sustenta-la e agora tem que dar aulas para ganhar a vida. - Falava sem deixar de olhar para a espingarda que estava a limpar. Depois chegou logo um grupo de homens brancos, cada um com espingarda. O pai levantou-se e foi com eles. Passei a semana toda a vomitar e ao cozinhar caía. Mas a Nettie nunca dá o braço a torcer. A Miss Beasley veio cá um dia a casa falar com o pai. Disse que desde que era professora nunca tinha visto ninguém com tanta vontade de aprender como eu e a Nettie. Mas quando o pai me chamou e ela viu como eu tinha o vestido esticado na barriga, calou-se e foi embora. A Nettie não percebia nada.

Nem eu. Só sabíamos que eu estava muito gorda e andava sempre agoniada. Sentia-me mal cada vez que a Nettie me passava à frente no estudo. Mas parecia que nada do que ela dizia entrava na minha cabeça e ficava lá. Um dia quis me convencer que a terra não era chata.

- Isso já eu sei, - foi o que respondi. Mas não disse como eu achava que era. Um dia o Sr. apareceu com cara de cansado. A mulher que andava a ajudá-lo tinha ido embora. E a mãe dele tinha dito basta.

Ele disse:

- Deixe-me ver outra vez a rapariga.

O pai chamou-me:

- Celie. - Como se não tivesse importância. - O Sr. quer ver-te outra vez.

Eu fui à porta. O sol batia-me nos olhos. Ele vinha à cavalo e olhou-me de cima a baixo. O pai sacudiu o jornal. - Mexe-te, que ele não morde, - disse. Eu cheguei-me à escada, mas não muito, porque tive um certo medo do cavalo. - Anda de roda - disse o pai. Eu andei de roda. Então apareceu um dos miúdos, parece que foi o Lucius que é gorducho e brincalhão e está sempre a comer.

- Que fazes tu? - Pergunta.

- A tua irmã está a pensar em casar, - disse o pai. Ele não se ralou, puxou-me pela saia e perguntou-me se lhe dava doce de amoras da silva.

- Sim, - disse eu.

- É meiga para as crianças, - disse o pai, a fazer mais barulho com o jornal -

Nunca a ouvi gritar-lhes. E dá-lhes tudo o que eles pedem, é a única coisa.

O Sr. perguntou:

- Essa história da vaca ainda vale? -

E ele responde - a vaca é dela.

Meu Deus:

Passo o dia todo do casamento a fugir do filho mais velho. Tem doze anos. A mãe morreu nos seus braços e não quer uma nova mãe. Partiu a minha cabeça com uma pedrada e o sangue correu-me por entre os Feitos.

O pai disse:

- Olha lá, isso não se faz. - Mas não passou daí. Ele tem quatro filhos e não três, dois rapazes e duas raparigas. O cabelo das raparigas nunca mais viu pente

desde que a mãe morreu. Eu disse que tinha que rapar a cabeça delas. Para nascer cabelo novo. Mas ele disse que cortar o cabelo às mulheres dá azar. Portanto atei um lenço à cabeça o melhor que consegui e depois de fazer a comida. Aqui há uma fonte, em vez de um paço, e um fogão de lenha que parece um armário. Comecei a desembaraçar o cabelo dos pequenos. As meninas têm seis e oito anos e choram. E gritam. E chamam-me assassina. Acabei às dez horas. Elas adormecem a chorar. Eu não. Enquanto estou na cama com ele em cima de mim, penso na Nettie e se ela está bem. E a seguir penso na Shug Avery. Sei o que me faz, faz à Shug Avery e talvez ela gostasse. Passo o braço à volta do pescoço dele.

Meu Deus:

Eu estava na cidade sentada na carroça enquanto o Sr. fazia compras na loja de fazendas. Então vi a minha filhinha. Soube logo que era ela. Era igualzinha a mim e ao meu pai. Inda mais parecida que nós dois. Ia pela mão de uma senhora e vestiam as duas iguais. Passaram ao pé da carroça e eu falei e a senhora respondeu muito delicada. A minha filhinha olhava para mim e fazia beicinho. Estava zangada com qualquer coisa. Tem os mesmos olhos que eu tenho agora. Como se tivessem visto o que já vi e estivesse a pensar nisso. Acho que é minha. O meu coração diz que é. Mas não sei se é. Se for a minha menina chamasse Olívia. Eu bordei o no-

me dela na roupa toda e estrelinhas e flores. Ele levou as roupas quando me tirou. Tinha dois meses. Agora talvez seis anos. Saio da carroça e fui atrás de Olívia e da nova mãe dela que entram numa loja. Ela passa a mão pelo canto do balcão, como se não estivesse nada interessada. A mãe está a comprar pano. Diz:

- Não toques em nada. - Olívia abre a boca com sono.

- É mesmo bonito - digo eu e ajudo a mãe a pôr o pano junto à cara, às pregas. Ela sorri.

- Vou fazer uns vestidos novos para mim e para a minha filha. O pai vai ficar todo orgulhoso.

- Quem é o pai dela? - Digo sem pensar. Parece que alguém sabe, por fim. Ela diz:

- O Sr. - Mas não é o nome do meu pai.

- O Sr.? - Digo eu. - Quem é?

Ela olha para mim como se eu não tivesse nada a ver com aquilo.

- O Sr. Padre-caixeiro.

- Bom, vais levar ou não, rapariga? Temos mais clientes na loja, - diz ele. Ela responde:

- Sim, senhor. Dê-me cinco metros, por favor. - Ele pega no tecido, estende a peça no balcão, desdobra. Não mede. Quando acha que tem cinco metros, rasga o pano.

- É um dólar e trinta, - diz ele - Precisas de linha? Ela responde:

- Não, senhor.

- Não podes coser sem linha, - diz ele. Pega num carrinho de linha e põe ao pé do pano. - Parece a cor certa. Não achas?

- Sim senhor.

Ele começa a assobiar. Pega nos dois dólares e dá a ela 25, e vira a cara para os 15 cêntimos de troco. Olha para mim.

- Precisas de alguma coisa?

Eu respondo:

- Não, senhor. - Saio atrás delas para a rua. Não tenho nada para dar a elas e sinto que sou pobre. Ela olha para os dois lados da rua.

- Ele não está aqui. Ele não está aqui. - Dá idéia que vai chorar.

- Quem é que não está aqui? - Pergunto eu.

- O Padre. Levou a carroça.

- A carroça do meu marido está mesmo aqui, - digo eu. Ela sobe.

- Muito obrigada, - diz.

Ficamos a ver toda a gente que veio à cidade. Eu nunca tinha visto tanta gente nem mesmo na igreja. Havia pessoas muitas bem vestidas. Outras assim. As senhoras estavam todas sujas de pó. Pergunta quem é o meu marido, agora que já sei tudo a respeito do pai dela. Ri um pouco.

Eu respondo:

- O Sr..

- Ah, sim? - diz, como se o conhecesse muito bem. - Não sabia que se tinha casado. É um homem muito bonito, - diz ela. - Não há nenhum como ele em toda a região. Nem branco nem negro, - diz.

- Não é feio, - respondo. Mas não é muito a sério, porque as mais das vezes os homens me parecem todos iguais, quase.

- Há quanto tempo tem a sua menina? - Pergunto.

- Vai fazer sete anos.

- Quando? - Pensa um bocado e diz que é em dezembro. Em novembro, penso eu.

- Como se chama? - Pergunto como se não fosse nada.

- Oh, a gente chama-lhe Pauline. -
O meu coração bate. Mas diz logo depois:
- Mas eu chamo-lhe Olívia.

- Por que a chama assim, se não é o
nome dela? - Pergunto.

- Bom, olhe só para ela, - diz com
uma espécie de ar traquinas, voltando-se
para olhar a criança. - Ela não lhe parece
uma Olívia^{3}? Repare só nos olhos dela.
Só um velho^{4} tinha uns olhos assim.
Portanto chamo-lhe Olívia. Risse.

- Olha, Olívia, - diz ela enquanto
lhe faz festas na cabeça, - vem aí o Padre
Vejo uma carroça e um homem alto com
um chicote.

- Muito obrigada pela sua hospitalidade. - Ri outra vez, vendo os cavalos a sacudirem as moscas.

- Horsepitality^{5} - diz ela. Eu percebo e rio. É como se levasse uma bofetada. O Sr. sai da loja e sobe para a carroça. Senta-se e diz muito devagar.

- Que estás aí a fazer a rir como uma idiota?

Meu Deus:

A Nettie está aqui ao pé da gente. Fugiu de casa. Diz que detesta deixar a nossa madrastra, mas que tinha que sair, e que talvez encontre maneira de ajudar os mais pequenos.

- Os rapazes não vão ter sarilhos,
- diz ela. - Podem aguentar com ele. E quando forem maiores podem bater-se com ele.

- Se calhar matam-no, - digo eu.

- E que tal te dás tu com o Sr. ? -
Pergunta ela. Mas ela vê tudo. Ele ainda gosta da Nettie. À tardinha senta-se no alpendre com o fato dos domingos. Ela está ao pé de mim a descascar ervilhas ou a ajudar as crianças nos trabalhos da escola. Ou a meter-me na cabeça aquilo que acha que tenho de saber. Aconteça o que acontecer, a Nettie continua sempre a dizer-me o que se passa no mundo todo. E é boa professora. Quase morro ao pensar que pode casar com alguém como o Sr. ou acabar na cozinha de alguma senho-

ra branca. Passa o dia a ler, a estudar, a apurar a letra e a ver se consegue que as nossas cabeças trabalhem. As mais das vezes estou demasiado cansada para pensar. Mas o segundo nome dela é Patient^{6}. Os filhos do Sr. são todos muito espertos, mas não esqueçamos que tinham estado sentadas numa carroça. Andam sempre a dizer: Celie quero isto, Celie, quero aquilo. A nossa mãe deixava-nos fazer isso. Ele não diz nada. Fazem por lhe chamar a atenção, mas ele esconde a cara por trás de uma baforada de fumo.

- Não os deixa mandar em ti, - diz a Nettie. - Tens que fazer com que percebam quem é que manda.

- Só eles, - digo eu. Mas ela continua. Tens que lutar. Tens que lutar. Mas

eu não sei lutar. Apenas sei manter-me viva.

- Tens um vestido muito bonito, - diz ele a Nettie.

E ela responde:

- Obrigada.

- Os sapatos também são bonitos.

- Obrigada.

E essa pele. E esse cabelo. Esses dentes. Todos os dias a mesma coisa. Há sempre qualquer coisa para estranhar. Ao princípio ela sorria de leve. Depois franzia o sobrolho. Depois fazia de conta que não era nada. Continuava sempre perto de mim. E dizia-me a mim: a tua pele, o teu cabelo, os teus dentes. Cada vez que ele lhe fazia um cumprimento ela fazia o mesmo a mim. Daí a pouco comecei a sentir-

me bastante jeitosa. Mas ele parou de repente. Uma noite na cama disse:

- Bom, já ajudamos a Nettie em tudo o que pudemos. Agora tem que se pôr a andar.

- Para onde? - perguntei.

- Isso tanto me faz.

Disse à Nettie no outro dia de manhã. Mas ela não ficou furiosa, ficou contente por ir. Só disse que tinha pena de me deixar. E demos um abraço quando me disse isto.

- Não há dúvida que detesto deixar-te aqui com estas crianças malcriadas, - disse a Nettie. - Já para não falar no Sr. É como se te visse morta.

É pior do que isso, pensei eu. Se estivesse morta não tinha que trabalhar. Mas só:

- Deixa lá, deixa lá, enquanto puder soletrar o nome de D-e-u-s, hei de ter alguém ao pé de mim.

Mas a única coisa que posso fazer é dar-lhe o nome do Padre. Digo-lhe para procurar a mulher dele. Pode ser que seja bom. É a única mulher que vi com dinheiro, na minha vida.

Pedi-lhe:

- Escreve.

- O quê?

- Queria que escrevesses.

E a Nettie disse:

- Só se morrer é que não escrevo.

Mas nunca escreve.

D-e-u-s:

Vieram cá duas irmãs dele. Muito bem postas.

- Uma coisa é certa, Celie, - dizem elas. - Tens uma casa muito asseada. Bem sei que não é bonito dizer mal dos mortos, mas a verdade nunca pode ser demais, e a Annie Julie nisso era uma porcalhona.

- Antes de qualquer coisa ela não queria estar aqui, - disse a outra.

- E onde é que queria estar? - Perguntei.

- Em casa dela, - respondeu.

- Isso não é desculpa, - disse a primeira.

Chama-se Carrie, a outra Kate.

- Quando uma mulher se casa é para ter uma casa decente e uma família bem tratada. Ora, era vulgar vir-se a esta casa no inverno e todas as crianças estarem com constipações, com gripe, com diarreia, com pneumonia, com lombrigas. Tinham arrepios de frio e febre. E fome. E os cabelos deles nem pente viam. E nem sequer se podia tocar-lhes.

- Mas eu tocava-lhes, - disse Kate. - E quanto a fazer comida nem é bom falar. Era como se ela nunca tivesse visto uma cozinha na vida. Nunca entrava lá.

- Uma vergonha, - diz a Carrie.

- Não há dúvida que era assim da parte dele, - diz Kate.

- Que queres dizer? - pergunta Carrie.

- Quero dizer que mal ele a trouxe para aqui a largou e continuou a andar atrás das saias da Shug Avery. É isso que quero dizer. Não tinha ninguém com quem falar, ninguém a vinha ver. Ele desaparecia dias inteiros. Depois ela começou a ter filhos. E era nova e bonita.

- Nem por isso, - diz Carrie, a olhar para o espelho. - Só aquele cabelo. Era escura demais. Bom, o nosso irmão deve gostar. A Shug Avery é tão preta como os meus sapatos.

- A Shug Avery, a Shug Avery, - diz Carrie. - Estou farta dela. Alguém me disse que anda por aí a cantar. Bah! Que cantará ela! Disseram-me que usa uns vestidos com as pernas todas ao léu e uns tou-

cados com miçangas e borlas, que até parece uma montra.

Fico de orelha arrebitada, quando falam da Shug Avery. Também gostava de falar. Mas elas calaram-se.

- Eu também estou farta dela, - diz Kate, irritada. - E também tens razão acerca aqui da Celie. É uma boa dona de casa, boa para as crianças e boa a cozinhar. O nosso irmão não podia ter achado melhor. E eu penso que não foi por não tentar.

Desta vez Kate veio sozinha. Deve ter vinte e cinco anos. É solteira. Parece mais nova que eu. Saudável, com olhos a brilhar e uma língua afiada.

- Compra qualquer coisa de vestir à Celie, - diz ao Sr.

- Precisa de roupa? - pergunta ele.

- Basta olhar para ela.

Ele olha para mim. É como se olhasse para o chão. Isto precisa de alguma coisa? Vejo nos seus olhos.

- Ela vai comigo à loja.

Eu penso qual seria a cor que Shug Avery escolhia. Para mim é como uma rainha, portanto digo à Kate:

- Qualquer coisa púrpura, talvez com um pouco de vermelho, também.

Mas ficamos fartas de olhar e não há nada púrpura. Há muitos vermelhos, mas ela diz:

- Não, ele não vai gostar de gastar dinheiro com isso. É demasiado berrante. Temos castanho cor de avelã ou azul marinho. Eu escolhi azul marinho. Não me lembro de ter estreado nenhum vestido

em toda a vida. Agora tinha um mesmo à minha medida. Tento dizer à Kate o que sinto. Fico corada e a gaguejar.

Ela diz:

- Não te preocupes, Celie. Mereces muito mais. - Lá talvez mereça, penso eu.

- Harpo, - diz ela, Harpo é o pequeno mais velho. - Harpo, não deixes a Celie carregar com a água toda. Agora já és um rapaz crescido. É altura de ajudares um pouco.

- As mulheres são feitas para trabalhar, - diz ele.

- O quê? - pergunta ela.

- As mulheres é que trabalham. Eu sou homem.

- Tu és uma porcaria de um negro. Pega naquele balde e vai enchê-lo. - Ele

deita-me um olhar de lado. Sai aos pontapés. Ouço a voz dele a dizer qualquer coisa em voz baixa ao Sr. que está no alpendre. O Sr. chama a irmã. Ela fica lá fora no alpendre conversando um bocadinho, depois entra, a tremer.

- Tenho que me ir embora, Celie,
- diz ela. Está tão furiosa que as lágrimas lhe saltam enquanto faz as malas. - Tens que lutar com eles, - diz Kate. - Não posso ser eu por ti. Tens que lutar por ti mesma.

Não respondo. Penso na Nettie. Ela lutou, fugiu. De que lhe serviu? Eu não luto, fico onde me dizem para ficar. Mas estou viva.



Meu Deus:

O Harpo pergunta ao pai por que me bateu.

O Sr. diz:

- Porque é minha mulher. E depois é casmurra. As mulheres todas só prestam para... - e não acaba. Dobra o jornal com a ajuda do queixo, como de costume. Faz-me lembrar o meu pai. O Harpo pergunta:

- Por que és casmurra? - Mas não pergunta: Por que és mulher dele? Isso ninguém pergunta.

- Já nasci assim, suponho, - respondo eu. Ele bate, como se bate às crianças. Só que não costuma bater nos filhos.

Diz-me:

- Celie, traz o cinto.

As crianças estão lá fora a espreitar pelas gretas da porta. Só posso fazer o

possível para não chorar. Transformar-me em madeira. Celie és uma árvore, digo comigo mesma. É assim que descubro que as árvores têm medo dos homens.

O Harpo diz:

- Estou apaixonado.

- Ah?

- Por uma rapariga.

- Ah, sim? - digo eu.

- Sim. Vamos casar.

- Casar? - pergunto. - Tu não tens idade para casar.

- Tenho. Tenho dezessete. E ela quinze. Já chega.

- E o que pensa a mãe dela? - pergunto.

- Não falei com a mãe.

- E que diz o pai dela?

- Também não falei com o pai.

- Bom, então que diz ela?

- Nós nunca falamos. - Baixa a cabeça. Não é muito feio. É alto e magro, escuro como a mãe, com grandes olhos redondos e esbugalhados.

- Onde é que vocês se encontram?

- pergunto.

- Eu a vejo na igreja e ela me vê na rua, - responde.

- Gosta de ti?

- Não sei. Pisco-lhe o olho e ela parece que tem medo de olhar.

- E onde está o pai dela enquanto se passa isso?

- Num dos cantos da igreja, - diz ele.

Meu Deus:

A Shug Avery está a chegar à cidade! Vem com a orquestra dela. Vai cantar no Lucky Star da Coalman Road. O Sr. vai lá. Veste-se em frente do espelho, olha-se todo, depois se despe e veste-se outra vez dos pés à cabeça. Acama o cabelo com pomada, depois lava-o. Tem estado a limpar os sapatos, cusbindo e esfregando com um trapo.

Só me diz: Lava isto. Passa aquilo a ferro. Procura isto. Procura aquilo. Vê se encontras isto. Vê se encontras aquilo. Resmunga por encontrar buracos nas meias. Eu ando num virote passando, passando a ferro e à procura de lenços.

- Que aconteceu? - pergunto.

- Que queres dizer? - pergunta ele, como se estivesse furioso. - Só estou a tentar ver-me um bocado livre do aspecto de lavrador. Qualquer outra mulher ficava contente.

- Mas eu estou, - digo.

- Que queres dizer? - pergunta ele.

- Que estás muito bonito, - digo. -

Qualquer mulher ficava cheia de vaidade.

- Achas que sim? - diz ele. É a primeira vez que me pergunta tal coisa. Estou tão admirada que quando digo que sim ele já está no alpendre, tentando fazer a barba no sítio onde há mais luz.

Tenho andado todo o dia com o anúncio na algibeira. Até parece que me faz um buraco no bolso. É cor de rosa. As árvores que ficam entre a curva da nossa

estrada e as lojas estão cheias de anúncios. Há perto de cinco dúzias no baú do Sr..

A Shug Avery de pé ao lado do piano com a mão na anca e o cotovelo dobrado e na cabeça uma coisa como as que os chefes índios trazem na cabeça. Tem a boca aberta, mostrando os dentes todos, e até parece que não é capaz de se ralar com nada. Venham todos, está no anúncio, venham todos. A Rainha das Abelhas voltou à cidade. Meu Deus, gostava tanto de ir! Não para dançar nem beber nem jogar cartas. Nem mesmo para ouvir a Shug Avery cantar. Ficava satisfeita só de lhe pôr os olhos em cima.

Meu Deus:

O Sr. esteve fora a noite toda de sábado e de domingo e a maior parte do dia de segunda-feira. A Shug Avery esteve na cidade no fim de semana. Ele apareceu a arrastar os pés e atirou-se para cima da cama. Está cansado. Triste. Fraco. Esteve a chorar. Depois dormiu o resto do dia e a noite toda. Acordou quando eu estava no campo. Andava a cortar algodão há três horas quando o vi. Não dissemos nada um ao outro. Mas eu tinha um milhão de perguntas para lhe fazer. Como estava ela vestida? Como na fotografia que tenho? E o cabelo? que Latão tinha posto? Usava cabeleira postiça? Está gorda? Está magra? Parecia de saúde? Cansada? Doente? Vocês sentiam-se como crianças quando ela cantava ali? Ela tinha saudades de-

les? Vinham muitas perguntas à minha cabeça. Eram como serpentes. Eu rezava a pedir coragem e mordida a língua. O Sr. pegou num sacho e começou a cortar. Deu três golpes, mais coisa menos coisa, depois parou. Deixou cair o sacho no chão, deu meia volta, foi para casa, fez um refresco, pegou no cachimbo, sentou-se no alpendre e ficou a olhar. Eu vim atrás dele, pensei que estava doente.

Então ele disse:

- É melhor voltares para o campo.

Não esperes por mim.

Meu Deus:

O Harpo não é muito melhor do que eu nessa história de levar a melhor com o pai. Todos os dias o Sr. se levanta,

se senta no alpendre, fica de olhar parado. Às vezes olha para as árvores que estão em frente da casa. Ou para uma borboleta se ela pousa na balaustrada. De dia embarca um copo de água, à tardinha um copo de vinho. Mas as mais das vezes nem se mexe. O Harpo queixa-se por termos que lavar muito.

O pai diz:

- Tem que ser.

O Harpo é quase tão alto como o pai. Tem um corpo forte, mas a vontade é fraca. Anda assustado. Eu e ele passamos o dia todo no campo. Suamos, cortamos e lavramos. Agora estou da cor do café torrado. Ele da mesma cor de uma chaminé por dentro. Tem uns olhos tristes e com

ar de quem anda a cismar. A cara dele começa a parecer-se com a de uma mulher.

- Por que não trabalhas mais? - pergunta ao pai.

- Para que hei de trabalhar eu? - diz o pai. - Estás aqui, não estás? - Diz isto para o arreliar. E o Harpo sente-se magoado. E ainda por cima continua apaixonado.

Meu Deus:

O pai da rapariga do Harpo diz que ele não presta para a filha. O Harpo já lhe faz a corte há tempos. Ele diz que se senta na sala com ela e o pai fica ali no canto até eles se sentirem envergonhados. Depois vai instalar-se no alpendre da frente com a porta aberta para ouvir tudo o que

se diz. Quando chega às nove horas, dá o chapéu ao Harpo.

- Porque é que eu não sirvo? - pergunta o Harpo ao Sr.

O Sr. diz:

- A culpa é da tua mãe.

O Harpo pergunta:

- Qual é o problema?

O Sr. responde:

- Mataram-na.

O Harpo tem muitos sonhos maus. Vê a mãe a correr pelo prado a tentar chegar a casa. O Sr., o homem que dizem que era amigo dela, alcança . Ela leva o Harpo pela mão. E correm os dois que se fartam.

Ele agarra pelo ombro e diz:

- Agora não podes deixar-me. És minha.

Ela responde:

- Não, não sou. O meu lugar é ao pé dos meus filhos.

Ele diz:

- Puta, para ti não há qualquer lugar. - E dá-lhe um tiro no estômago. Ela cai. O homem foge. O Harpo abraça-a e põe a cabeça dela no colo dele.

Começa a gritar:

- Mãe! Mãe!

Eu acordo. E também os miúdos a chorar como se a mãe tivesse morrido mesmo agora. O Harpo acorda a tremer. Eu acendo a luz e bato-lhe nas costas.

- Não tive culpa de a matarem, - diz ele. - Não tive! Não tive!

- Não, - digo eu. - Não teve.

Toda a gente diz que sou boa para os filhos do Sr. Sou mesmo. Mas não sinto nada por eles. Bater nas costas do Harpo nem sequer é como das de um cão. É como bater noutra peça de madeira. Mas não numa árvore, que é uma coisa viva, mas numa mesa, num roupeiro. Seja como for eles também não gostam de mim, por muito boa que seja. Não se ralam. Além do Harpo, nenhum trabalha. As raparigas passam a vida a olhar para a estrada e o Bub anda toda a noite a vadear e a beber com rapazes com o dobro da idade dele. E o pai fuma cachimbo. O Harpo conta a mim todo o seu caso de amor. Pensa dia e noite na Sofia Butler.

- É bonita, - diz ele. - Muito clara.

- A falar?

- Não. Clara de pele. Mas a falar também. É muito esperta. Às vezes conseguimos que ela se livre do pai.

A primeira coisa que fico a saber agora é que está prenha.

- Se é tão esperta como é que ficou assim? - pergunto eu. O Harpo encolhe os ombros.

- Não podia sair de casa de outra maneira, - diz ele. - O Sr. não ia deixar a gente casar. Diz que não presto para pôr os pés na sala dele. Mas como ela está grávida tenho o direito de estar com ela, quer eu preste ou não.

- Onde pensam ir morar?

- Eles têm uma casa grande, - responde. - Quando nos casarmos faço parte da família.

- Humm. Se o Sr. não te gramava antes de a filha estar grávida, agora ainda te grama menos.

O Harpo parece aflito.

- Fala com o Sr., - digo eu. - É o teu pai. Talvez te dê bons conselhos. E talvez não, penso eu. O Harpo trouxe-a para a mostrar ao pai. O Sr. disse que gostava de lhe dar uma vista de olhos. Vi-os ao longe, na estrada. De mãos dadas e a marchar como se fossem para a guerra. Ela vinha um pouco mais adiante. Chegam ao alpendre, eu falo e trago cadeiras para perto da varanda. Ela sentasse e começa a abanar-se com o lenço.

- Está um destes calores, - diz ela. O Sr. não responde. Só a olha dos pés à cabeça. Tem perto de sete ou oito meses

de gravidez, quase a rebentar o vestido. O Harpo é tão escuro que julga que ela é clara, mas não assim tanto. Pele castanha nem clara nem escura com o brilho duma mobília boa. O cabelo é elegante e denso, mas está apertado contra a cabeça às tranças. É mais baixa que o Harpo mas muito mais gorda, e forte, e corada como se a mãe a tivesse criado com carne de porco.

Ela diz:

- Como está, Sr.?

Ele não responde. Só diz:

- Olha o sarilho que arranjaste.

- Não, senhor, - diz ela. - Não há sarilho nenhum. Só estou grávida. - Alisa as rugas do vestido na barriga com as palmas das mãos.

- Quem é o pai? - pergunta ele. Ela fica de boca aberta. O Harpo, responde.

- Como sabe ele isso?

- Sabe, pois, - diz ela.

- As raparigas de agora não prestam. Abrem as pernas a qualquer tipo que apareça.

O Harpo olha o pai como se nunca o tivesse visto, mas nada diz.

O Sr. diz:

- Não penses que vou deixar o meu filho casar contigo só porque estás prenhe. Ele é novo e parvo. Uma rapariga bonita como tu pode convencê-lo de tudo.

O Harpo continua calado. A cara de Sofia cora ainda mais. Levanta as sobrancelhas e as orelhas também. Mas ri-se.

Olha o Harpo de lado. Está sentado, de cabeça baixa e com as mãos caídas entre os joelhos.

E diz:

- Para que tenho eu de casar com o Harpo? Ele ainda vive consigo. Só tem a roupa e a comida que lhe dá.

E ele responde:

- O teu pai correu contigo de casa. Vejo que só te resta viver na rua.

- Não vou viver na rua. Vou viver com a minha irmã e o meu cunhado. Dizem que posso lá estar até morrer.

Levanta-se. É uma rapariga grande, forte, saudável.

- Bom, foi uma visita agradável. Agora vou para casa.

O Harpo levanta-se para ir com ela.

- Não, Harpo, ficas aqui, diz ela. Quando fores livre eu e o bebê estamos à espera.

Durante um bocado ele parece que não sabe para que lado há de voltar-se e depois volta a sentar-se. Olho depressa para a cara dela e parece ver passar uma sombra.

Depois ela diz:

- Sr. agradecia um copo de água.

O jarro está na prateleira ali mesmo no alpendre. Tiro um copo do armário e encho de água. Bebe a água quase toda duma só vez. Depois passa outra vez as mãos pela barriga e desaparece. Como se a tropa mudasse de direção e ela quisesse acertar o passo. O Harpo não se levanta da cadeira. Ele e o pai ficam ali sentados,

imenso tempo. Não falam. Não se mexem. Por fim eu janto e deito. Quando me levanto de manhã ainda me parece que estão no mesmo sítio. Mas o Harpo está na retrate lá fora e o Sr. a fazer a barba.

Meu Deus:

O Harpo trouxe para casa a Sofia e o bebê. Casaram em casa da irmã dela. O padrinho do Harpo foi o cunhado. Outra das irmãs saiu de casa sem dizer água vai e foi madrinha da Sofia. Outra irmã levava o bebê. Dizem que chorou durante toda a cerimônia e que a Sofia teve que lhe dar de mamar. Acabou por dizer (sim) com um bebê muito grande ao colo. O Harpo arranjou a casinha do ribeiro para a família. O pai usa para guardar alfaias. Mas é boa.

Agora tem janelas um alpendre uma porta nas traseiras. E perto do ribeiro é fresco e há muita verdura. O Harpo pediu para fazer umas cortinas e eu fiz com o pano de um saco de farinha. A casa não é grande, mas é aconchegada. Tem cama, toucador, espelho e cadeiras. E um fogão de cozinha para fazer comida e aquecer também. Agora o pai do Harpo paga o trabalho dele. Diz que o filho não está a lidar como devia e que talvez pagando qualquer coisa tenha mais interesse.

O Harpo dizia:

- Menina Celie, vou fazer greve.
- Fazer o quê?
- Não vou trabalhar.

E não trabalhava. Ia para o campo, apanhava duas massarocas de milho e dei-

xava os pássaros e o gorgulho que comessem duzentas. Este ano não vai haver grande coisa para comer. Mas desde que a Sofia veio ele não pára. Anda sempre a correr. Sacha, martela, amanhã a terra, canta e assobia. A Sofia agora parece que mingou para metade. Mas ainda é grande e forte. Os braços têm músculo. E as pernas também. Pega naquele bebê como se fosse uma pena. Tem um bocadinho de barriga o que lhe dá um ar de força. Um ar de durar. Dá idéia que vai escangalhar todos os sítios onde se senta.

Diz ao Harpo:

- Pega no bebê.

E vai comigo a casa buscar linha para uns lençóis que ando a fazer. Ele pega no menino, dá-lhe um beijo, faz-lhe

uma festinha no queixo. O bebê ri e deita os olhos ao pai, que está no alpendre. O Sr. sopra o fumo para fora e resmunga.

- Sim, agora vejo que ela te deu a volta.

Meu Deus:

O Harpo quer saber o que pode fazer para a Sofia ser mansa para ele. Senta-se no alpendre com o Sr. e diz:

- Digo uma coisa e ela faz outra. Nunca faz o que digo. E responde sempre torto. Para ser franca, ele parece ter um bocado de vaidade nisto. - O Sr. não fala. Só fuma. - Digo a ela que não pode passar a vida a ir ver a irmã. Agora somos casados. Digo que o lugar dela é aqui com as crianças.

E ela diz:

- Levo as crianças comigo.

Eu digo:

- O teu lugar é ao pé de mim.

Ela responde:

- Queres vir? - E sempre a arranja-se ao espelho e a vestir os catraias, tudo ao mesmo tempo.

- Nunca lhe bates? - pergunta o Sr.

O Harpo olha para as mãos:

- Não, senhor, - diz baixo, envergonhado.

- Bem, então como julgas que vai fazer o que queres? As mulheres são como os catraias. Tens que mostrar quem é que manda. Não há nada melhor que uma boa tarefa. - E fuma mais.

- E depois, a Sofia é muito senhora do seu nariz, - diz ele. - É preciso baixar-lhe a garimpa.

Eu gosto da Sofia, mas ela não faz como eu. Se está a falar quando o Harpo e o Sr. entram, continua como se não fosse nada com ela. Se lhe perguntam onde está qualquer coisa diz que não sabe e continua a falar. Penso muito quando o Harpo vem ter comigo para saber como fazer que ela obedeça. Não digo a ele que agora é feliz. Que passaram três anos e continua a assobiar e a cantar. Penso como dou um salto cada vez que o Sr. me chama e como Sofia parece pasmada. E parece ter pena de mim.

- Bate-lhe, digo.

Mas quando vejo outra vez o Harpo tem a cara num bolo. Todo ele é nódoas negras. Tem uma racha no lábio. Um dos olhos está todo inchado. Parece que engoliu um pau a andar e tem dores nos dentes.

Pergunto:

- Que é que aconteceu, Harpo?

Ele responde:

- Oh, eu e aquela mula. É muito casmurra. Outro dia no campo ficou toda assanhada e quando consegui apanhar já estava todo cheio de negras. E quando cheguei a casa tropecei na porta do curral. Bati com o olho e arranhei o queixo. Depois quando houve aquele temporal ontem à noite fiquei com a mão presa na janela.

- Bom, - disse eu - depois disso tudo, acho que não consegues meter a Sofia nos eixos.

- Eu não.

Mas não desiste.

Meu Deus:

Mesmo quando ia dizer que estava a entrar no pátio ouvi qualquer coisa a partir no chão. O barulho era em casa, portanto corri para o alpendre. Os dois miúdos estavam a fazer bolos de lama à beira do ribeiro e nem sequer olharam. Abri devagarzinho a porta a pensar em ladrões, assassinos, ladrões de cavalos e almas do outro mundo.

Mas eram o Harpo e a Sofia. Batiam-se como dois homens. Os móveis

estavam de pernas para o ar. Dava idéia de não haver um prato inteiro. O espelho estava caído e estalado, as cortinas cheias de rasgões. A cama tinha as tripas de fora. Eles nem davam por nada. Lutavam. Ele queria ver se lhe dava uma bofetada.

Por que é que o Harpo faz isto? Ela deita a mão a um toco de lenha e prega-lhe com ele entre os olhos. Ele enfia-lhe um soco no estômago que a fez dobrar, gemendo, mas ela levanta e agarra-o pelas partes. Ele rola no chão, deita-lhe as mãos à saia e puxa com força. Ela fica em combinação mas nem mexe uma pestana. Ele salta para lhe passar um braço pelo pescoço pelas costas, e ela o atira por cima do ombro. Ele cai, traz! Contra o fogão. Não sei quanto tempo vai durar. Não sei quan-

do é que vão dar a coisa por acabada. Vou embora, digo adeus às crianças que estão perto do ribeiro e torno para casa. Sábado, de manhã cedo, ouço a carroça. O Harpo, a Sofia, e os dois meninos vão visitar a irmã da Sofia.

Meu Deus: Durante mais de um mês durmo mal. Primeiro estava de pé até tarde, mas o Sr. começou a queixar-se do preço do petróleo, depois tomava um banho quente com leite e sais de Epsom, a seguir punha na almofada uns pingos de hamamelis e corro as cortinas todas para não entrar o luar. Às vezes consigo dormir meia dúzia de horas. E então quando parece que já estava ferrada no sono, acordo. Primeiro levantava e logo ia be-

ber leite. Depois comecei a contar os paus da sobe. A seguir pensei em ler a Bíblia. O que é isto? Perguntava a mim mesma. Uma voz dizia: Fizeste qualquer maldade. É o espírito de alguém contra quem peccaste. Se calhar. Mas uma noite percebi. Sofia. Pequei contra o espírito da Sofia.

Rezei para ela não descobrir mas descobriu. O Harpo contou-lhe. Assim que soube marchou pelo caminho fora, com um saco. Tinha um corte debaixo de um dos olhos, azul e encarnado.

Disse:

- Só quero que saibas que contei contigo para me ajudares.

- E não ajudei? - perguntei. Ela abriu o saco.

- Aqui tens as cortinas, - disse. - E a linha. E um dólar.

- São teus, - disse eu - fazendo o que podia para lhes dar outra vez. Estou contente por ajudar. Faço o que posso.

- Disseste ao Harpo para me desancar.

- Não disse, - respondi.

- Não mintas, - disse ela.

- Não era isso.

- Então por que disseste? - perguntou ela. Estava ali de pé a olhar nos meus olhos.

- Porque sou uma parva, - disse. - Porque tenho inveja de ti. Disse isso por fazeres o que eu não consigo fazer.

- O quê? - perguntou ela.

- Lutar.

A Sofia ficou ali muito tempo, como se estivesse sem poder respirar por eu dizer aquilo. Primeiro estava zangada depois ficou triste.

- Tive que lutar toda a vida, - disse ela. - Tive de lutar com o meu pai. Tive de lutar com os meus irmãos. Tive que lutar com os meus primos e tios. Uma rapariga não se sara numa família de homens. Mas nunca pensei que tinha que lutar na casa que é minha. - Respirou fundo. - Eu gosto do Harpo, Deus sabe. Mas mato antes de deixar que ele me bata. Agora se queres ter um enteado morto continua a dizer-lhe coisas dessas. - Pôs a mão na anca. - Eu costumava caçar com arco e flecha, - disse ela.

Parei de tremer como tremi quando ela tinha aparecido.

- Sinto tanta vergonha, - disse eu. - E o Senhor também me castigou um pouco.

- O Senhor não gosta de coisas feias, - disse ela. - Pois, ele não tem sido manso.

Isso serviu para mudarmos de conversa. Digo:

- Sentes pena de mim, não é?

Ela pensa um minuto:

- Sim, senhora, muita, - diz ela devagar.

- Acho que sei porquê, mas sempre pergunto.

- Para dizer a verdade, - diz ela - fazes lembrar a minha mãe. O meu pai é que

domina. Põe-lhe o pé em cima. Tudo o que ele diz tem que ser. Ela nunca responde. Nunca se revolta. Às vezes tenta defender os filhos, mas nunca dá resultado. Quanto mais luta por nós mais o meu pai a trata mal. Odeia os filhos e odeia o sítio donde vieram. Mas com os que têm ninguém diria. - Eu nunca tinha sabido nada da família dela. Pensei, a olhar para ela, que ninguém naquela família podia sentir medo.

- Quantos são vocês? - perguntei.

- Doze, - diz ela.

- Uf, - disse eu. - O meu pai teve seis da minha mãe antes dela morrer. E mais quatro da mulher dele agora. - Não falo nos dois que eu tive dele.

- Quantas raparigas, - perguntou ela.

- Cinco, - disse eu. - E na tua família?

- Seis rapazes e seis raparigas. Todas as raparigas grandes e fortes como eu e todas unidas. Às vezes dois dos rapazes também se juntavam a nós. Quando lutávamos era um espetáculo.

- Eu nunca bati numa criatura viva, - disse eu. - Oh, quando estava em casa dava umas palmadas no rabo dos pequenos para se portarem bem, mas não com força, não para doer.

- O que fazes quando te zangas? - perguntou ela. Eu pensei.

- Nem me lembro da última vez que me zanguei, - disse. - Costumava

zangar-me com a minha mãe porque me fazia trabalhar muito. Depois vi como estava doente. Não podia estar zangada com ela. Não podia estar zangada com o meu pai por ser meu pai. A Bíblia diz: Honra pai e mãe, seja como for. E depois a seguir a zangar ficava doente. Era como se fosse vomitar. Uma coisa horrível. Então depois já não sentia nada.

A Sofia franziu o sobrolho:

- Mesmo, nada?

- Bom, às vezes o Sr. Torna-se difícil de aturar. Então tenho que falar com o Ser Supremo. Mas ele é meu marido.

Encolhi os ombros.

- Esta vida não dura muito, - disse.

O céu sim.

- Devias abrir a cabeça ao Sr. pensares no céu.

Não sou de grandes risos. Mas achei divertido. Rime. Ela riu-se. Então rimos tanto que tivemos que nos sentar no degrau.

- Vamos arranjar tiras destas cortinas velhas, para um acolchoado, - disse ela. E eu fui buscar o meu livro de costura. Agora durmo como um bebê.

Meu Deus:

A Shug Avery está doente e ninguém quer ter em casa a Rainha das Abe-lhas. A mãe diz que já a tinha avisado. O pai diz: Puta. Uma mulher na igreja diz que está a morrer, talvez seja tuberculose ou uma dessas doenças chatas das mulhe-

res. De quê? Eu queria perguntar, mas não me atrevi. As mulheres que vão à igreja às vezes são amáveis comigo, outras não. Vêem-me a lutar com os filhos do Sr.. A tentar arrastá-los para a igreja, a tentar fazê-los estar quietos depois de lá chegarmos. Algumas me viram lá de ambas as vezes que estive de barriga. Às vezes julgam que eu não dou por isso, mas estão a olhar para mim. Não sabem que pensar. Eu tento estar de cabeça levantada, o mais que posso. Ajudo muito o padre. Lavo o chão e as janelas, trato do vinho e da toalha do altar. Quando faz frio vejo se há lenha para o fogão. Ele chama-me Irmã Celie. Irmã Celie, diz ele, tens tanta fé como o dia tem horas. Depois fala com as outras senhoras e com os homens delas, en-

quanto eu ando por ali a fazer isto, a fazer aquilo.

O Sr. fica sentado ao pé da porta a olhar para todos os lados. As mulheres são só sorrisos para ele sempre que podem. Ele nunca olha para mim, nem dá por mim. Até o padre falou de Shug Avery, agora que está em baixo. Serviu-se do estado dela para o sermão. Não falou em nomes, não era preciso. Toda a gente sabia. Falou de uma desavergonhada com saias curtas, que fuma, bebe gim. Que canta para arranjar dinheiro e rouba os homens às mulheres. E disse que era porca, doida, vaca e mulher da rua. Eu deitei um olho ao Sr. quando ele disse aquilo. Mulher da rua. Alguém devia defende-la. Mas ele não disse nada. Cruza-

va e descruzava as pernas. E olhava pela janela. As mesmas mulheres que sorriem para ele também disseram amém a tudo. Mas quando chegamos a casa nem sequer se despiu e começou a gritar pelo Harpo. O Harpo apareceu a correr, da casa dele.

- Atrela a carroça, - disse o Sr.

- Onde vamos? - perguntou o Harpo.

- Atrela a carroça, - disse outra vez.

O Harpo fez como ele mandou. Ficaram lá fora a conversar ao pé do celeiro. Depois o Sr. lá foi na carroça. Uma vantagem dele não trabalhar em casa é a gente não lhe sentir a falta quando vai embora. Cinco dias depois eu estava a olhar pela janela quando vi a carroça na estrada. Agora tinha uma espécie de toldo feito de cober-

tores velhos ou qualquer coisa assim. O meu coração começou a bater com força e só me lembrei de mudar de vestido. Mas já era tarde. Na altura em que tirei a cabeça e o braço para fora do vestido velho, vi a carroça a entrar no pátio. Além disso um vestido novo não dava nada com o meu cabelo despenteado e o lenço cheio de pó e os sapatos velhos e o cheiro que tinha. Não sei o que hei de fazer, estou tão fora de mim. Fico parada no meio da cozinha. Com a cabeça à roda. Quem havia de dizer?

- Celie, - ouço o Sr. a chamar. - Harpo.

Torno a enfiar a cabeça e o braço no vestido velho e limpo o suor e a poeira

da cara o melhor que posso. Vou até à porta.

- Sim Senhor? - pergunto, e tropeço na vassoura que tinha na mão quando vi a carroça. O Harpo e a Sofia estão agora no pátio, a olhar para a carroça. Com um ar carrancudo.

- Quem é esta? - pergunta o Harpo.

- A mulher que devia ter sido tua mãe, - diz ele.

- A Shug Avery? - pergunta o Harpo. E olha para cima, para mim.

- Ajuda aqui para a levar para casa, - diz o Sr. Acho que o coração me vai sair pela boca quando vejo aparecer um dos pés dela. Não está deitada. Desce sozinha, entre o Harpo e o Sr.. Traz uma roupa de tarar. Tem um vestido de lã encarnado e

o peito cheio de contas negras. Um chapéu brilhante, preto, com umas penas que parecem de falcão todas viradas para cima dum dos lados da cara e com uma malinha de pele de cobra, a dar com os sapatos. Está tão elegante que até parece que as árvores em redor da casa se põem em bicos de pés para ver melhor.

Agora vai a tropeçar entre os dois homens. Parece que não consegue saber muito bem o que há de fazer aos pés. De perto, vejo todo o pó amarelo que tem na cara. E o Latão vermelho. Dá idéia que não vai ficar muito tempo neste mundo e já está pronta para o outro. Mas não vai ser assim. Vamos, entra, tenho vontade de chorar. De gritar: Vamos, entra lá. Com a ajuda de Deus a Celie vai parte boa. Mas

não digo nada. A casa não é minha. E ninguém me encomendou o sermão. Chegam ao meio da escada.

O Sr. levanta os olhos e diz:

- Celie. Esta aqui é a Shug Avery.

Uma velha amiga da família. Trata do quarto de hóspedes.

Depois olha para ela, enquanto a segura com um braço e se agarra ao corrimão com o outro. O Harpo, do outro lado, tem um ar triste. A Sofia e os filhos estão no pátio, a olhar. Não me mexo logo porque não consigo. Preciso de lhe ver os olhos. Se vir parece que vou conseguir levantar os pés donde estão pregados.

- Mexa-se. - diz ele - Depressa.

E depois ela olha para cima. Por baixo daquele pó todo a cara dela está tão

escura como a do Harpo. Tem um nariz comprido e pontiagudo e uma grande boca carnuda. Os lábios são ameixas negras. Os olhos grandes, brilhantes. Cheios de febre. E maldosos. Como se, só com os olhos e mesmo doente, pudesse matar uma serpente que lhe aparecesse à frente. Olha-me da cabeça aos pés. Depois dá uma gargalhada. Parece o chocalho da morte.

- Não há dúvida que és feia, - diz ela como se não pudesse acreditar nisso antes.

Meu Deus:

Não é que a Shug Avery seja má. Está apenas doente. Mais doente do que qualquer outra pessoa que já vi. Mais do-

ente que a minha mãe quando morreu: Mas é mais ruim do que a minha mãe e é por isso que está viva. O Sr. passa no quarto dela todo o dia e toda a noite. Mas não lhe pega na mão. Ela é demasiado ruim para deixar.

- Larga a mão, - diz para o Sr.. - Que é que tens, estás doido? Não preciso ter ao pé um garoto que não soube dizer não ao pai dele. Preciso de um homem, - diz ela. - Um homem.

Olha para ele e faz rolar os olhos e ri. Não muito, mas chega para ele ficar longe da cama. Ele senta-se ao canto longe do candeeiro. Às vezes ela acorda de noite e nem o vê. Mas ele está lá.

A primeira coisa que ela disse foi:

- Não quero nem cheirar essa merda desse cachimbo, estás a ouvir, Albert?

Quem é o Albert, Pergunto a mim mesma. Depois lembro que é o primeiro nome do Sr. O Sr. não fuma. Não bebe. Nem come, quase. Passa a vida naquele quartinho, a ouvir a respiração dela.

- Que tem ela? - pergunto.

- Se não a queres cá, diz, - responde ele. - Não será nada bom. Mas se é isso que achas...

E não acaba.

- Quero sim, - digo muito depressa. Ele olha para mim como se eu andasse a pensar em qualquer maldade.

- Só quero saber o que aconteceu, - digo. Reparo na sua cara. Está cansado e triste e noto que o queixo dele tem um

ar fraco. Eu tenho um queixo mais forte, penso. E tem a roupa tão suja! Quando a tira, levanta pó.

- Ninguém defende a Shug Avery, - diz ele. E chega-lhe as lágrimas aos olhos.

Meu Deus:

Tiveram três filhos, mas ele não se atreve a dar-lhe um banho. Talvez julgue que vai começar a pensar outra vez em coisas que não devia. Então e eu? A primeira vez que vi o corpo todo da Shug Avery, comprido e escuro, com mamilos cor de ameixa, como a boca, pensei que me tinha transformado em homem.

- Para onde estás a olhar? - pergunta ela. Cheia de raiva. Está fraca como um

gatinho, mas tem garras na língua. - Nunca viste uma mulher nua?

- Não senhora, - disse eu. - Nunca vi. Só a Sofia, e é tão gordinha e corada e paleta que parece a minha irmã.

Ela responde:

- Bom, então olha bem. Mesmo que agora seja só um saco de ossos. - Tem o atrevimento de pôr uma mão na anca e de pestanejar na minha frente. Depois, enquanto a lavo, chupa os dentes e olha para o teto. Quando a lavo é como se rezasse. Tenho as mãos a tremer e mal posso respirar.

Ela pergunta:

- Nunca tivestes filhos?

- Sim, senhora, - respondo.

Ela diz:

- Diz quanto e não me respondas
sim senhora, não sou assim tão velha.

- Dois.

Ela pergunta:

- Onde estão eles?

- Não sei.

Olha para mim como se achasse
graça.

- Os meus estão com a avó, - diz.

Ela conseguiu ficar com os filhos, mas eu
tive que sair de casa.

- Sente falta deles? - pergunto.

- Não, - responde. - Não sinto falta
de nada.

Meu Deus:

Pergunto à Shug Avery o que quer
comer ao pequeno almoço.

Ela diz:

- O que tens?

- Presunto, grits^{7}, ovos, biscoitos, café, leite fresco, soro de leite coalhado, panquecas e compota.

Ela diz:

- Só? Não há sumo de laranja, de toranja, morangos com natas, chá? - Depois ri-se. - Não quero a porcaria da tua comida, - diz. - Dá só uma chávena de café e os meus cigarros.

Não discuto. Levo o café e acendo-lhe o cigarro. Ela tem uma camisa de noite branca e comprida e fica linda com a mão fina e negra a sair para segurar o cigarro branco. Há qualquer coisa, nas veias finas e macias que vejo ou nas grandes, que faço por não ver, que me assusta. É como se

me empurrassem para frente. Se não desvio os olhos vou pegar naquela mão e descobrir a que é que sabem os dedos dela na minha boca.

- Posso ficar aqui e comer contigo?
- pergunto. Encolhe os ombros. Está entretida a ver uma revista. Mulheres brancas a rir, a segurar colares com um só dedo espetado, a dançar em cima de automóveis. A saltar para dentro de fontes. Ela vira a página. Não parece contente. Faz lembrar uma criança a ver se distrair com um brinquedo que ainda não sabe como é. Ela bebe o café, fuma o cigarro. Eu como uma fatia cheia de presunto suculento em casa. Este presunto cheira a um milho, ou trigo, moído mais espessamente do que para farinha. Um quilôme-

tro de distância, quando se está a cozinhar, e o quartinho dela fica logo perfumado. Eu besunto com manteiga uma bolacha quente, fazendo uma espécie de ondas. Deito por cima o molho do presunto e misturo ovos com grãos. Ela fuma que se farta. Olha para o fundo da chávena como se lá estivesse qualquer coisa que se visse.

Depois diz:

- Celie, acho que era capaz de beber um copo de água. E esta que está aqui não está fresca.

Estende o copo. Eu deixo a bandeja na mesa e saio para ir buscar a água. Quando volto e pego na bandeja parece que um ratinho esteve às dentadas no biscoito e que uma ratazana fugiu com o pre-

sunto. Ela faz de conta que não é nada. Começa a queixar de que tem sono e fecha os olhos.

O Sr. Pergunta como consegui que ela comesse. Digo:

- Não há uma criatura viva que seja capaz de aguentar o cheiro do presunto curado em casa. Só se estiver morta, mas mesmo assim...

O Sr. ri-se. Vejo nos olhos dele uma espécie de loucura.

- Tenho tido medo, - diz ele. E tapa os olhos com as mãos.

Meu Deus:

Hoje a Shug Avery esteve um bocado sentada na cama. Lavei-lhe a cabeça e penteei. Tem os cabelos mais emaranha-

dos, mais curtos e mais encarapinhados que já vi e adoro cada um deles. Guardei todos os que ficaram no pente. Talvez um dia possa mandar fazer uma rede ou um postiço para pôr nos meus. Penteiei-a como se fosse uma boneca ou a Olívia ou a minha mãe. Penteava e alisava, penteava e alisava.

Primeiro ela disse:

- Despacha e acaba com isso.

Depois cedeu um pouco e encostou-se aos meus joelhos.

- Assim, sabe bem, - dizia. - É como a minha mãe costumava fazer. Ou talvez não fosse a minha mãe, fosse a minha avó. - Pegou noutro cigarro. Começou a cantarolar.

- Que cantiga é essa? - perguntei. Parecia-me um bocado atrevida. Como as que o padre diz que é pecado ouvir. Já para não falar em cantar. Ela continua a cantar.

- É uma coisa de que me lembrei, - diz ela. - Uma coisa que inventei. Uma coisa que saiu à força de me arranhares a cabeça.

Meu Deus:

O pai do Sr. veio cá esta noite. É mais baixo que alto, magro, calvo e com óculos de ouro. Passa a vida a limpar a garganta, como se tivesse que anunciar primeiro o que diz. Fala com a cabeça inclinada para o lado.

- Não esteve com mais aquelas. Não descansaste enquanto a não meteste cá em casa, não foi? - Disse ele logo na escada. O Sr. não respondeu. Olhou por cima da varanda, para as árvores, para lá do poço. Os seus olhos pararam no telhado da casa do Harpo e da Sofia.

- Não quer sentar? - Perguntei eu, empurrando-lhe uma cadeira. - E um refresco?

Pela janela ouvi a Shug a cantar baixinho, a ensaiar a sua cantiga. Esgueirei-me para o quarto dela e fechei a janela.

O velho Sr. disse para o Sr.

- Só gostava de saber que é que tem esta Shug Avery. É negra como pez, tem cabelo espetado. E pernas que parecem tacos de basebol.

O Sr. não responde. Eu deito um pouco de cuspe na água do velho Sr..

- Porquê, - diz o velho Sr., - se nem sequer é asseada. Soube que tem aquela porcaria de doença que as mulheres têm.

Eu mexo o cuspo com o dedo. Penso em vidro opaco, penso em como é que se pode esmagá-lo. Mas não estou irritada. Só interessada. O Sr. vira a cabeça devagar, vê o pai a beber. Depois diz, muito triste.

- Não está na sua mão perceber. Gosto da Shug Avery. Sempre gostei dela e sempre hei de gostar. Devia ter me casado com ela quando ainda podia.

- Pois, - diz o velho Sr. - e dares cabo da tua vida. (Aqui o Sr. geme.) E com ela um monte de dinheiro meu. - O velho

fica com pigarro. - Ninguém sabe quem é o pai dela.

- Nunca me ralei com isso, - diz o Sr.

- E a mãe dela continua a tratar das roupas porcas dos brancos. E cada um dos filhos tem um pai diferente. É tudo demasiado vulgar e embrulhado.

- Bom, - diz o Sr., e encara o pai. - Todos os filhos da Shug Avery são filhos da mesma pessoa. Isso lhe garanto eu.

O velho Sr. fica outra vez com pigarro.

- Bom, esta casa é minha. A terra também. O teu filho Harpo está numa das minhas casas, na minha terra. Quando há ervas daninhas na minha terra dou cabo delas. Queimo o lixo que existe. —

Levanta-se para se ir embora. Entrega o copo. Se cá vier outra vez ponho um bocadinho de xixi da Shug Avery no copo dele. A ver se gosta.

- Celie, - diz ele, - gosto de ti. Não havia muitas mulheres que deixassem a puta do marido dormir em casa delas. - Mas não está a falar comigo, está a falar com o Sr. O Sr. levanta a cabeça. Olhamo-nos nos olhos. Foi só dessa vez que o senti mais próximo.

- Traz o chapéu do papá, Celie, - diz ele. E eu dou-lho. E Sr. não se levanta da sua cadeira ao pé da varanda. Eu fico à porta. Ficamos os dois a ver o velho a ir embora, sempre com pigarro.

O próximo a aparecer é o irmão, o Tobias. É tão gordo e alto que parece um

grande urso pardo. O Sr. é baixo como o pai. O irmão é muito mais alto.

- Onde está ela? - Pergunta a sorrir.

- Onde está a Rainha das Abelhas? Tenho uma coisa para lhe dar, - diz ele. E põe uma caixinha de chocolates em cima da varanda.

- Está a dormir, - digo eu. - Dormiu mal esta noite.

- Como vão vocês, Albert? - Pergunta, puxando uma cadeira. Passa uma mão pelo cabelo cheio de brilhantina e tenta descobrir se tem alguma coisa no nariz. Limpa a mão às calças e sacode o vinco. - Acabo de saber que a Shug Avery está cá, - diz ele. - Há quanto tempo?

- Oh, - responde o Sr. - há uns meses.

- Raios, - diz Tobias, - disseram que está à morte. Isso mostra que não se pode acreditar em tudo o que se ouve, não é? - Alisa o bigode e lambe os cantos da boca. - Que novidades tens, Celie? - Pergunta ele.

- Não muitas, - respondo. - Eu e a Sofia andamos a fazer outro acolchoado de retalhos. - Pego em cinco quadrados e estendo-os na mesa junto ao meu joelho. Tenho um cesto cheio de retalhos no chão.

- Sempre afadigada, sempre afadigada, - diz ele. - Gostava que a Margaret se parecesse mais contigo. Poupava muito dinheiro. - O Tobias e o pai falam sempre de dinheiro como se tivessem ainda muito. - O velho Sr. anda a vender a proprie-

dade portanto já não há quase nada a não ser as casas e os campos. Os meus e os do Harpo são os que rendem mais. - Junto o quadrado todo e fico a ver as cores.

Então ouço a cadeira do Tobias cair no chão e ele dizer:

- Shug!

A Shug está a meio caminho entre a saúde e a doença. Também está a meio caminho entre a bondade e a maldade. Agora a maior parte das vezes mostra-nos a mim e ao Sr. o seu lado bom. Mas hoje está do contra. Sorri, como uma navalha que se abre. Diz:

- Olha, olha, quem cá está hoje. - Tem uma bata de flores que eu lhe fiz e mais nada. Parece que tem dez anos com o cabelo todo separado às trancinhas. Es-

tá magra como um feijão e na cara dela só se dá pelos olhos. Eu e o Sr. olhamos os dois para ela. Ambos nos levantamos para a ajudar a sentar-se. Ela não olha para ele. Empurra uma cadeira para o pé de mim. Pega num retalho qualquer de dentro do cesto. Ao pólo à luz, une as sobrancelhas.

- Como diabo se cose esta coisa?

- Pergunta. Dou-lhe o quadrado com que estou a trabalhar e começo outro. Ela dá uns pontos compridos e tortos e fazias lembrar aquela cantiga esquisita.

- Está muito bom, para primeira vez, - digo eu. - Fino e elegante.

Ela olha para mim e suspira.

- Tudo o que faço para ti é fino e elegante, Miss Celie, - diz ela. - Mas isso

é por não teres bom senso. - E ri-se. Eu baixo a cabeça.

- Tem muito mais que a Margaret, - diz Tobias. - A Margaret pegava nessa agulha e cosia os buracos do nariz.

- As mulheres não são todas iguais, Tobias, - diz ela. - Acredites ou não.

- Oh, - eu acredito, - só não consigo provar isso ao resto do mundo.

É a primeira vez que penso no mundo. Que terá o mundo a ver com isto, penso. Depois reparo que estou a fazer um acolchoado e que estou no meio da Shug Avery e do Sr.. Nós três juntos contra o Tobias e a porcaria da sua caixa de chocolates. Pela primeira vez na vida sinto bem.

Meu Deus:

Eu e a Sofia trabalhamos no acolchoado. Preparamos tudo no alpendre. A Shug Avery deu um vestido amarelo já velho para fazermos retalhos e eu trabalho num bocado sempre que tenho tempo. É um modelo bonito que se chama O Favorito da Irmã. Se ficar bem talvez o dê à Shug, de contrário talvez o guarde para mim. Gostava de o ter por causa dos bocadinhos amarelos que parecem estrelas, mas não. O Sr. e a Shug foram dar um passeio na estrada até à caixa do correio. A casa está muito sossegada, fora as moscas. Volta e meia voam tontas com a comida e todas contentes com o calor. Fico com sono por causa do zumbido que fazem. A Sofia parece que encasquetou

qualquer coisa na cabeça, mas não sabe bem o quê. Dobra-se sobre o trabalho, cose durante um bocado , depois encosta-se na cadeira e olha para o pátio. Afinal larga a agulha e diz:

- Por que é que as pessoas comem, Miss Celie, explica.

- Para viver, - digo eu. - Para que havia de ser. Claro que há uns tipos que comem pelo gosto da comida. Então alguns desses são lambões. Têm vontade de ter a boca cheia.

- Só te lembras disso? - Pergunta.

- Bom, às vezes pode ser que tenham passado muita fome, - digo eu. Ela matuta.

- Ele não passa fome, - responde.

- Quem?

- O Harpo, - diz ela.

- O Harpo?

- Cada dia come mais.

- Não é bicha solitária?

Ela franze o sobrolho.

- Não, - responde, - não acho que seja isso. A bicha solitária dá fome e o Harpo come mesmo sem fome.

- O quê, come sem vontade?

- Custa a crer. Mas todos os dias aparecem coisas novas. A mim não, Paro, mas há pessoas que dizem isso. Ao jantar de ontem embarcou sozinho uma travessa inteira de bolachas.

- Não, - disse eu.

- Estou-te a dizer. E bebeu dois copos grandes de leite gordo a acompanhar. A gente já tinha jantado e tudo. Eu estava

a dar banho aos miúdos, a ver se os metia na cama. E ele devia estar a lavar a louça. Em vez de lavar a louça, limpou mas foi com a boca.

- Talvez tivesse fome. Vocês têm trabalhado muito.

- Nem por isso, - diz ela. - E hoje de manhã, o malvado deve ter comido meia dúzia de ovos. Depois daquela comida toda parecia até que nem podia trabalhar. Quando chegamos ao campo julguei que ia perder os sentidos.

Quando a Sofia diz malvado é porque vai qualquer coisa muito mal.

- Se calhar não quer lavar a louça, - digo. - O pai dele nunca lavou um prato em toda a vida.

- Achas que sim? Pois a mim parece que gosta da idéia. Para ser franca gosta muito mais disso que eu. Eu gosto mais de estar a trabalhar no campo ou a tratar dos animais. Até a cortar lenha. Mas ele adora cozinhar e limpar e fazer todas as minhoquices da casa.

- É verdade que cozinha bem, - digo. - Fiquei muito espantada por ele se entender com a comida. Nem sequer estreitou um ovo quando vivia aqui.

- Aposto que gostava, - diz ela. - Parece fácil para ele. Mas sabes como é o Sr.

- Oh, é boa pessoa, - digo.

- Sente-se bem, Miss Celie? - Pergunta a Sofia.

- Quero dizer, é bom nalgumas coisas, noutras não.

- Oh, - diz ela. - De qualquer forma, quando o Harpo cá vier repara se come alguma coisa.

Tomo muita atenção ao que ele come. A primeira vez, quando subiu as escadas, olhei mais de perto. Ainda é magro mais ou menos metade da Sofia, mas percebi que começa a ter barriga por baixo do fato-macaco.

- Que tens tu que se coma, Miss Celie? - Diz ele, diretinho ao fogão donde tirou um bocado de frango frito, depois cortou uma fatia de torta de amoras. Fica ao pé da mesa e mastiga, mastiga. - Tens leite fresco? - Pergunta.

- Tenho coalhada, - respondo.

Ele diz:

- Bom, eu gosto. - E tira um bocadinho.

- A Sofia deve dar-te de comer.

- Porque dizes isso? - Pergunta, com a boca cheia.

- Bom, ainda não comeste há muito tempo e já estás outra vez com fome.

Não responde. Come.

- É claro que também não falta muito para a hora de jantar. Quase três horas, - digo eu.

Ele remexe na gaveta à procura de uma colher para a coalhada. Descobre uma fatia de pão de milho na prateleira atrás do fogão, deita-lhe a mão e faz migalhas dentro do copo. Vamos para o alpendre e ele pôs os pés em cima da varan-

da. Come a coalhada com o pão de milho, com o copo mesmo junto do nariz. Faz lembrar um porco à manjedoura.

- Agora a comida cai-te bem, não é?

- Digo eu, enquanto escuto o barulho que faz a mastigar. Ele não responde. Come. Olho para o pátio. Vejo a Sofia a arrastar uma escada para a encostar à casa. Vestiu umas calças velhas do Harpo, e tem um lenço na cabeça. Sobe até ao telhado e começa a martelar os pregos. O barulho no pátio até parece de tiros. O Harpo come, olha para ela. Depois arrota.

Diz:

- Desculpa, Miss Celie.

Leva o copo e a colher outra vez para a cozinha. Sai e diz adeus. Agora não interessa o que pode acontecer. Nem

quem poderá aparecer. Não interessa o que se diz ou faz. O Harpo não pára de comer. Só pensa em comida de manhã, à tarde e à noite. Tem uma barriga cada vez maior, mas só a barriga. Começa a parecer que está grávido. “Quando é que vais parir?” Perguntamos nós. O Harpo nem responde. Agarra noutra fatia de torta.

Meu Deus:

O Harpo veio cá para casa este fim de semana. Na sexta à noite, depois de eu, do Sr. e da Shug termos ido para a cama, ouvi alguém a chorar. O Harpo estava sentado na escada, a chorar como se tivesse o coração aos bocados. Oh, ih, ih, ih, ih. Tinha a cabeça pousada nas mãos e as lágrimas e o ranho corriam até ao queixo.

Dei-lhe um lenço. Assuou-se e olhou-me com uns olhos do tamanho de punhos.

- O que aconteceu aos teus olhos? -

Pergunto. Ele procura descobrir uma história qualquer, depois acaba por dizer a verdade.

- É a Sofia, - conta ele.

- Ainda andas a arrelhar a Sofia? -

Pergunto.

- É a minha mulher, - responde.

- O que não quer dizer que passes a vida a chateá-la. A Sofia gosta de ti, é boa mulher. É boa para as crianças e é bonita. Trabalha que se farta. É religiosa e asseada. Não sei o que queres tu mais.

O Harpo funga.

- Quero que faça o que eu digo, como tu com o meu pai.

- Oh, Senhor, - digo eu.

- Quando o meu pai te diz para fazer qualquer coisa, tu fazes, - diz ele. - Quando diz para não fazeres, não fazes. Quando não fazes, ele desanca-te.

- Às vezes bate-me, faça eu ou não o que ele quer.

- Pois é, - responde. - Mas a Sofia não. Só faz o que lhe dá na gana, por mais que eu berre. Tento bater-lhe, ela põe os meus olhos num bolo.

Ih, ih, ih, chora ele. Ih, ih, ih. Começo a tirar-lhe o lenço. Eu devia, se calhar, era deita-lo a ele e aos seus olhos inchados pela escada abaixo. Penso na Sofia. Não a percebo. Eu costumava caçar com arco e flecha, diz ela.

- Há mulheres que não se pode bater nelas, - digo eu. - A Sofia é assim. Além disso, gosta de ti. Se calhar ficava mais feliz por fazer a maior parte das coisas se lhe pedisses com jeito. Não é má nem vingativa, não tem rancor. Não fica com ressentimento.

Ele está de cabeça caída e com uma cara de parvo.

- Harpo, - digo eu, enquanto o sacudo. - A Sofia ama-te e tu amas a Sofia.

Ele olha para mim com os seus pequenos olhos inchados.

- Sim, senhora?

- O Sr. casou comigo para eu tomar conta dos filhos dele. Eu casei com ele porque o meu pai me obrigou. Não amo o Sr. e ele não me ama.

- Mas és mulher dele e a Sofia é a minha. E a mulher tem que obedecer.

- Achas que a Shug Avery obedece ao Sr. ? Era com ela que queria casar. Ela chama-lhe Albert, e diz que as ceroulas dele cheiram mal que tresandam. E como ele é baixo, quando a Shug engordar pode sentar-se em cima dele se ele a arreliar.

Quando falo em engordar o Harpo desata outra vez num pranto. Depois começa a ficar agoniado. Inclina-se na borda do degrau e vomita sem parar. Dá idéia que deita cá para fora todos os bocadinhos de torta que meteu lá dentro durante um ano. Quando já está vazio ponho na cama ao pé do quartinho da Shug e ele adormece logo.

Meu Deus:

Vou visitar a Sofia que ainda está a consertar o telhado.

- A maldita coisa ainda pinga, - diz ela. Ataca uma pilha de madeira e faz tábuas. Põe um grande pedaço de madeira quadrado em cima do cepo de cortar a lenha e corta, corta, corta, fazendo pranchas chatas e grandes. Larga a enxada e pergunta se quero limonada. Olho bem para ela. Se não se ligar a uma nódoa negra no pulso não parece ter um arranhão.

- Que é que se passa contigo e com o Harpo? - Pergunto.

- Bem, - diz, - parou de comer tanto como dantes. Mas se calhar só por uns tempos.

- Estava a ver se ficava tão forte como tu, - respondo. Ela respira fundo.

- Eu pensei que fosse qualquer coisa assim, - diz ela, e deixa sair o ar devagar.

As crianças aparecem todas a correr:

- Mamã, mamã, queremos limonada.

A Sofia arranja cinco copos para elas e dois para nós. Sentamos num balanço de madeira que ela fez no verão passado e está pendurado no lado do alpendre onde há sombra.

- Estou a ficar farta do Harpo, - diz ela. - Desde que nos casemos que só pensa em fazer-me andar às ordens dele. Não quer uma mulher, quer um cão.

- É teu marido. Tens que ficar ao pé dele. O que havias de fazer se não fosse assim?

- O meu cunhado foi para a tropa. Não tem filhos. A Odessa adora crianças. Ele deixou-a numa pequena herdade. Talvez eu goste de passar um tempo com eles. Eu e os catraias.

Penso na minha irmã Nettie. Penso com tanta força que até faz doer. Parece pedir ajuda. Seria demasiado bom poder aguentar. A Sofia continua a franzir o sobrolho e a olhar para o copo.

- Já não gosto de ir para a cama com ele. Dantes quando isso acontecia ficava de cabeça perdida. Agora só quero que não me chateie. Cada vez que vem para cima de mim acho que é só isso o que

quer fazer a toda a hora. - Bebe um gole de limonada. - Eu costumava fazer com que viesse a casa, quando trabalhava no campo. Ficava tão entusiasmada quando o via meter as crianças na cama. Mas já não. Agora estou sempre cansada. Já não me ralo.

- Ora, ora, - digo eu. - Pensa mais um bocado, pode ser que mudes de idéias. - Mas é só por dizer. Não sei nada disto. O Sr. Se acachapa em cima de mim, faz o que tem a fazer e dez minutos depois estamos ambos a dormir. Só se pensar na Shug é que sinto qualquer coisa. E isso é como correr até ao fim de uma estrada e ela fazer uma curva que se fecha outra vez.

- Sabes o pior de tudo? - Pergunta ela. - O pior é que acho que ele nem nota. Põe-se ali e goza como antigamente. Não quer saber do que penso. Nem do que sinto. Só ele conta. Os sentimentos não são para ali chamados.

Funga. Só de saber que pode fazer isso tenho vontade de o matar. Olhamos para o caminho que vai dar a casa e vemos a Shug e o Sr. sentados nos degraus. Ele estende a mão e tira qualquer coisa do cabelo dela.

- Não sei, - diz a Sofia. - Talvez não me vá embora. Cá no fundo ainda gosto do Harpo, mas ele realmente me faz sentir cansada. - Boceja. Ri. - Preciso de umas férias, - diz ela. Depois torna para o mon-

te de lenha e começa a fazer mais tábuas para o telhado.

Meu Deus:

A Sofia tinha razão acerca das irmãs. São todas grandes, saudáveis e fortes. Como amazonas. Aparecem uma manhã bem cedo com duas carroças para a levar. Não há muita coisa, as roupas dela e dos filhos, um colchão que fez no inverno passado, um espelho e uma cadeira de balanço. E os filhos. O Harpo está sentado na escada como se não se ralasse nada. Faz uma rede de cerco para ir pescar. Volta e meia olha para o ribeiro e assobia uma música. Mas não é como de costume. Parece que o assobio caiu dentro de um jarro e o jarro no fundo do ribeiro. Mesmo no

fim, resolvo oferecer o acolchoado à Sofia.

- Não conheço a casa da irmã mas aqui tem feito muito frio. Por aquilo que sei, ela e os filhos vão ter que dormir no chão. Vais deixar ela ir embora? - Pergunto ao Harpo. Ele olha para mim como se eu fosse louca varrida.

Responde:

- Meteu na cabeça que havia de ir. Como queres que não a deixe? Deixa ir, - continua, olhando de esguelha as carroças das irmãs. Sentamos os dois na escada. Dentro de casa só ouvimos o pum de pés grandes e fortes. Todas as irmãs da Sofia a mexer-se ao mesmo tempo põem a casa a tremer.

- Onde vamos? - Pergunta a rapariga mais velha.

- Visitar a tia Odessa, - responde a Sofia..

- O papá vem? - Pergunta.

- Não, - responde a Sofia.

- Porque é que o papá não vem? - Pergunta outra.

- O papá tem que ficar aqui a tomar conta da casa. Toma tu conta do Dilsey, da Coco e Boa.

A criança pára em frente do pai e olha com atenção.

- Tu não vens? - Pergunta.

- Não, - diz o Harpo. O miúdo vai ter com o bebê que gatinha no chão e pergunta baixinho:

- O papá não vem conosco, o que é que achas?

O bebê fica sentado muito direito, faz um esforço e dá um peido. Rimos todos, mas continuamos tristes. O Harpo pega nele, vê a fralda e resolve muda-la.

- Não me parece que esteja molhada, - diz a Sofia. É só gases. Mas ele muda mesmo assim. O Harpo e o bebê estão num canto do pequeno alpendre, afastados. Ele limpa os olhos com a fralda seca. Por fim entrega o bebê a Sofia que o amarra contra a anca, põe ao ombro um saco com fraldas e comida, junta os outros todos e diz:

- Digam adeus ao papá.

Depois dá-me um abraço com força, com bebê e tudo, e sobe para a car-

roça. Cada irmã leva uma criança entre os joelhos menos as duas que tocam as mulas, e caladas deixam o pátio da Sofia e do Harpo e afastam-se de casa.

Meu Deus:

Há seis meses que a Sofia se foi. O Harpo não parece o mesmo. Costumava gostar de estar em casa, agora passa o tempo na rua. Eu pergunto o que se passa.

Ele diz:

- Estou a aprender muitas coisas, Miss Celie.

Uma delas é que é despachado. Outra é que é esperto. E que, além disso, até sabe ganhar dinheiro. Mas não diz quem foi que lhe ensinou. Depois que a

Sofia se foi que não ouvia tanto batucar do martelo, mas agora toda a noite ao voltar dos campos ele está a bater e a arrancar pregos. Por vezes o amigo dele, o Swain, vem ajudar. E trabalham até altas horas da noite. O Sr. tem que gritar que parem com tanto estardalhaço.

- O que estás a construir? - Pergunto eu.

- Um clube noturno.

- Tão longe de tudo?

- Não fica mais longe do que os outros.

- Não sei como são os outros. Só ouvi falar do Lucky Star.

- Os clubes têm que estar no meio de árvores, - diz o Harpo. - Para a música

alta não incomodar. Nem a dança. Nem as brigas.

O Swain diz:

- Nem as mortes.

O Harpo ainda diz:

- E a polícia não sabe onde procurar.

- E se a Sofia te descompõe pelo que andas a fazer à casa dela? - Pergunto.

- Olha se ela e os filhos voltam? Onde vão dormir?

- Não voltam, - diz o Harpo a pregar tábuas para fazer um balcão.

- Que sabes tu? - Pergunto.

Não responde. Continua a trabalhar, a fazer tudo com a ajuda do Swain.

Meu Deus:

Na primeira semana não apareceu ninguém. Passou a segunda, a terceira e a quarta. Na terceira semana veio um freguês. O Harpo fica sentado atrás do balcão a ouvir o Swain a tocar banjo. Tem refrescos, tem barbecue, tem chitlins^{8}, tem pão comprado na loja. Tem ainda uma tableta que diz Harpo's, a um dos lados da casa, e outra lá fora na estrada. Mas não tem fregueses. Eu vou até lá e fico no pátio o lado de fora a olhar. O Harpo olha e diz adeus com a mão.

- Entra, Miss Celie, - diz ele.

- Não, obrigada, - digo eu.

Às vezes o Sr. vai até lá, bebe um refresco, ouve o Swain. A Miss Shug também lá vai, com as suas batas e eu ainda faço tranças no cabelo dela, mas começa a

ficar comprido e ela diz que daqui a pouco vai querer que fique liso. O Harpo fica confuso com a Shug. Uma das coisas é por ela dizer tudo o que lhe passa pela cabeça sem se ralar com a boa educação. Às vezes dou com ele a olhar para ela sem mexer uma pestana quando julga que eu não estou a ver.

Um dia diz-me:

- Ninguém vai cá vir só por causa do Swain. Achas que consigo que a Rainha das Abelhas cante aqui?

- Não sei.

Agora está muito melhor, anda sempre a cantarolar ou cantar mesmo qualquer coisa. Se calhar é capaz de gostar de voltar ao trabalho. - Por que não lhe pergunta?

A Shug diz que aquilo não é coisa por aí além comparado com o que está habitada mas acha que talvez possa cantar uma vez por outra. O Harpo e o Swain conseguem que o Sr. lhes dê alguns anúncios antigos que estão no baú. Riscam Lucky Star da Coalman Road e escrevem Harpo's da Plantação Pregam os anúncios nas árvores entre a curva da nossa estrada e a cidade. No primeiro sábado à noite vem tanta gente que nem cabe. “Shug, Shug, querida, pensávamos que tinhas morrido.” Cinco em cada doze falavam assim à Shug. “E vieram para ver se era eu”, diz a Shug com um grande sorriso.

Até que enfim vou saber como trabalha a Shug Avery. Vou vê-la. Vou ouvi-la. O Sr. não quer que eu vá. Diz:

- As mulheres casadas não vão a sítios daqueles.

- Pois, mas a Celie vai, - diz a Shug, enquanto lhe estico o cabelo. - Supõe que me sinto mal enquanto estou a cantar? Supõe que o meu vestido fica roto?

Pôs um fato todo colado ao corpo, vermelho, com umas alças tão finas que parecem linhas. O Sr. resmunga enquanto se veste. “A minha mulher não pode fazer isto. A minha mulher não pode fazer aquilo. Nenhuma mulher minha...” e nunca mais se cala.

A Shug Avery acaba por dizer:

- Ainda bem que não sou a desgraçada da tua mulher.

E ele fica calado. Vamos os três ao Harpo's. O Sr. e eu sentamos na mesma

mesa. Ele bebe uísque. Eu um refresco. Primeiro a Shug canta uma cantiga de alguém que se chama Bessie Smith. Diz que é uma pessoa que ela conhece. Uma velha amiga. Chama-se (Um homem a sério é difícil de encontrar). Olha para o Sr. enquanto canta. Eu também olho para ele. Baixo como é está inchado que se farta. Parece que faz um esforço para ficar quieto na cadeira. Olho para a Shug e dói o coração. Dói tanto que o tapo com a mão. Penso que o melhor era estar debaixo da mesa, pela importância que me dão. Fico danada com o meu ar e com a maneira como estou vestida. No meu roupeiro só há roupas para ir à igreja. E o Sr. a olhar para a pele negra e lustrosa da Shug com aquele vestido vermelho que se lhe agarra todo,

para os pés com sapatinhos vermelhos e para o cabelo brilhante por causa das ondas. Antes de dar por isso as lágrimas já me chegam ao queixo. E estou envergonhada. Ele adora olhar para a Shug e eu também. Mas a Shug só gosta de olhar para um de nós. Ele. Mas era assim que tinha que ser. Eu sabia. Então se é assim porque me dói tanto o coração? Baixo tanto a cabeça que quase a enfio no copo.

Depois ouço o meu nome. A Shug diz:

- Celie. Miss Celie.

E eu olho para o sítio onde ela está. Ela diz outra vez o meu nome. Diz:

- O que vou cantar a seguir chamasse (A canção de Miss Celie). Porque

ela a tirou da minha cabeça quando eu estava doente.

Primeiro canta um pouco entre dentes, como faz em casa. Depois diz mesmo as palavras. É uma história a dizer que mais nenhum homem voltará a fazer-lhe mal. Mas eu não ouço essa parte. Olho para ela e vou cantarolando um pouco ao mesmo tempo. É a primeira vez que alguém faz alguma coisa e lhe põe o meu nome.

Meu Deus:

Não tarda que a Shug vá embora. Agora ela canta todos os fins de semana no Harpo's. Ele faz bastante dinheiro e ela também ganha algum. Além disso está outra vez a ficar forte e com saúde. Na pri-

meira e talvez na segunda noite as suas cantigas saíam bem mas com a voz um bocadinho fraca, agora é forte, bem marcada. As pessoas que estão no pátio conseguem ouvi-la sem dificuldade. É realmente bom escutar a Shug e o Swain em conjunto. Ela canta, ele toca o seu banjo. O clube do Harpo é simpático. Há pequenas mesas em toda a volta com velas preparadas por mim, e muitas outras mesas cá fora também, perto do ribeiro. Às vezes olho da minha casa e vejo como se fosse um enxame de pirilampos dentro da casa da Sofia e de uma ponta à outra. A noite a Shug está sempre morta por ir para lá.

Um dia diz-me:

- Bem, Miss Celie, acho que é altura de me pôr a andar.

- Quando? - Pergunto.

- No princípio do próximo mês. Em Junho. Junho é um bom mês para voltar à vida.

Não digo nada. É como quando a Nettie se foi. Ela chegou-se a mim e pôs a mão no meu ombro.

- Ele me bate quando não estás aqui, - digo eu.

- Quem, o Albert?

- O Sr., - respondo.

- Nem quero acreditar. - E senta-se no banco ao pé de mim com força, como se tivesse caído. - Por que é que te bate?

- Por ser eu e não tu.

- Oh, Miss Celie, - diz ela, e abraça-me.

Ficamos assim sentadas talvez durante meia hora. Depois dá-me um beijo na parte mais carnuda do ombro e levanta-se.

- Não me vou embora, - diz ela, - até ter a certeza de que o Albert nem sequer sonha em bater-te.

Meu Deus:

Agora que todos nós sabemos que ela não fica cá muito mais tempo, começaram a dormir os dois, à noite. Não todas as noites, só de sexta a segunda. Ele vai a casa do Harpo para a ouvir cantar. E para a ver, claro. Depois voltam tarde. Riem e falam e rebolam-se até de 5 da ma-

nhã. Depois vão deitar-se até serem horas de ela tornar a cantar. A primeira vez que aconteceu foi por acaso. Foi o coração que os obrigou. Pelo menos é o que diz a Shug. Ele não diz nada.

Ela pergunta:

- Diz a verdade, ficas chateada se o Albert dormir comigo?

Penso: Não me ralo com a pessoa com quem o Albert dorme. Mas não o digo. Digo:

- Podias ficar outra vez prenha.

- Não, não com a minha esponja e o resto.

- Ainda gostas dele? - Pergunto.

Ela diz:

- É o que se chama uma paixão por ele. Se alguma vez me tivesse casado era

com ele. Mas é fraco. Não consegue saber o que quer. E por aquilo que me contas é um bruto. Mas gosto de certas coisas. Cheira bem. É baixo. E faz-me rir.

- Gostas de dormir com ele?

- Sim, Celie, tenho que confessar que adoro. E tu não?

- Não, - digo eu. - O Sr. pode contar-te como detesto. De que é que havia de gostar? Ele põe-se em cima de mim, levanta-me a camisa de noite até à cintura e enfiasse. As mais das vezes faço de contas que não estou lá. Ele não consegue perceber. Nunca me pergunta o que sinto, nada. Despacha-se, desprende-se e adormece.

Ela começa a rir.

- Despacha-se, - diz ela. -

Despacha-se. Ora, Miss Celie. Dizes isso como se ele te usasse para fazer as suas necessidades.

- É o que sinto, - digo. Ela deixa de rir.

- Nunca gostaste nada? - Pergunta, como se não pudesse ser assim.

- Nem sequer com o pai dos teus filhos?

- Nunca.

- Então, Miss Celie, ainda é virgem.

- O quê? - Pergunto.

- Escuta, - diz ela, - mesmo aí na tua passarinha há um grelo que fica a ferver quando fazes aquilo que sabes com alguém. Fica cada vez mais quente e depois se derrete. Essa é a parte boa. Mas tam-

bém há outras. Muito trabalho de mãos e de língua.

Grelo? Mãos e língua? A minha cara está tão quente que é capaz de ser ela a derreter-se.

- Toma, pega neste espelho e olha para ti, aí em baixo. Aposto que nunca o viste, pois não?

- Não.

- E aposto que nunca viste o Albert aí embaixo, também.

- Só sinto, - digo eu.

Fico ali com o espelho na mão. Ela diz:

- Não me digas que és tão envergonhada que nem consegues olhar para ti? E pareces tão atraente também, - diz ela rindo. - Toda bem vestida para ires ao Har-

po's, mas com medo de olhar para a tua passarinha.

- Vem comigo enquanto eu olho, - digo.

E corremos para o meu quarto como duas crianças traquinas.

- Tu ficas de vigia, - digo eu. Ela ri.
- Bom, - diz. - Não vem ninguém. A costa está livre. Deito-me de costas na cama e levanto o vestido. Baixo os meus culotes. Seguro o espelho entre as pernas. Uí! Tanto pêlo! Depois uns lábios que parecem negros. E na parte de dentro uma rosa úmida.

- É muito mais bonita do que julgavas, não é? - diz ela da porta.

- É minha. Onde fica o grelo?

- Mesmo em cima. Essa parte que sai um bocado.

Olho e toco-lhe com o dedo. Tremo um bocadinho. Não é grande coisa mas chega para saber que é aí que se deve tocar. Talvez.

A Shug diz:

- Já que estás a ver, olha também para as mamas.

Levanto o vestido e olho. Penso nos meus bebês a chupar. Lembro-me dos arrepios que também sentia. Às vezes era um grande arrepio. A coisa melhor que há nos bebês é dar-lhes de mamar.

- O Albert e o Harpo vêm aí, - diz ela. E eu puxo os culotes e tapo-me com as saias. Parece-me que fizemos qualquer maldade.

- Não me ralo nada que durmas com ele, - digo. E ela acredita. E eu também. Mas quando os ouço juntos só consigo puxar o acolchoado por cima da cabeça e tocar no meu grelo e nas minhas mamas e chorar.

Meu Deus:

Uma noite quando a Shug estava a cantar uma cantiga das fortes, calcula só quem havia de entrar pela porta do Harpo's dentro. A Sofia. Ao lado dela vi um tipo alto e pesado como um boxeur. Ela parecia como dantes, cheia de saúde e viva.

- Oh, Miss Celie, é tão bom verte outra vez. Até é bom ver o Sr., - diz ela. Pega numa das mãos dele. - Ainda que o

seu aperto de mão seja um pouco fraquinho, - diz.

Ele faz como se estivesse mesmo contente por a ver.

- Vá, puxa uma cadeira, - diz ele. - E toma um refresco.

- Uma capinha de aguardente, então.

O boxeur pega numa cadeira põe-se a cavalo nela e abraça a Sofia como se estivessem em casa. Vejo o Harpo atravessar a sala com a namorada de pele amarela e baixinha. Olha a Sofia como se visse um fantasma.

- Este aqui é o Henry Broaduax, - diz a Sofia. - Mas toda a gente lhe chama Buster. É um velho amigo da família.

- Como estão todos? - Pergunta ele.

Sorri com ar simpático e nós continuamos a ouvir a música. A Shug tem um vestido dourado que lhe deixa as mamas quase de fora, mais ou menos até ao bico. Dá idéia que as pessoas estão à espera que se rompa qualquer coisa. Mas é um vestido forte.

- Homem, ó homem, - diz o Buster. - Aqui os bombeiros não chegam. Alguém devia chamar a polícia.

O Sr. fala baixo com a Sofia:

- Onde estão as crianças?

Ela responde também baixo:

- Os meus estão em casa. E os teus?

Ele não responde. Ambas as raparigas ficaram grávidas e se puseram a andar. O Bub passa a vida a entrar e a sair da

prisão. Se o avô não fosse o tio do xerife, e negro, tal qual a cara do Bub, a esta hora já estava linchado. Não consigo perceber como a Sofia parece tão bem.

- A maior parte das mulheres com cinco filhos parece um bocado polida, - digo à Sofia por cima da mesa, quando a Shug acaba de cantar. - Tu és como se estivesses pronta para mais cinco.

- Oh, - diz ela, - agora tenho seis, Miss Celie.

Seis. Fico pasmada. Ela abana a cabeça e olha para o lado do Harpo.

- A vida não pára só porque uma pessoa se vai embora de casa, Miss Celie. Bem sabes.

A minha parou quando sai de casa, penso eu. Mas depois penso melhor. Pa-

rou com o Sr., talvez, mas começou outra vez com a Shug. A Shug aparece ao pé da Sofia e abraçam-se.

Diz:

- Rapariga está uma brasa, não há dúvida.

Então reparo que às vezes a Shug fala e se comporta como um homem. Os homens é que dizem coisas destas às mulheres. Rapariga está uma brasa. As mulheres falam sempre do cabelo e da saúde. De quantos filhos estão vivos ou mortos, ou dos dentes que lhes nasceram. Não dizem que as mulheres que abraçam estão umas brasas. Os olhos de todos os homens estão pregados no peito de Shug. Os meus também. Sinto os bicos das mamas ficarem duros por baixo do vestido.

Parece que o meu grelo também está mais saído. Shug, digo à Shug só na minha idéia, rapariga, estás mesmo uma brasa. O Senhor bem sabe.

- O que estás aqui a fazer? - Pergunta o Harpo.

A Sofia responde:

- Vim ouvir a Miss Shug. Arranjas-te um clube simpático, Harpo.

Olha em volta. Os olhos dela admiram isto e aqui.

O Harpo diz:

- É uma vergonha uma mulher com cinco filhos andar em clubes à noite.

A Sofia olha-o com um ar frio, de cima a baixo. Se bem que ele deixasse de se empanturrar, ganhou um bom peso, mesmo na cara, cabeça e tudo, em grande

parte por beber uísque feito em casa e comer as sobras do barbecue. Agora está quase com um corpo do tamanho dela.

- Uma mulher precisa de se divertir um pouco, uma vez por outra, - responde a Sofia.

- Do que uma mulher precisa é de estar em casa, - diz ele.

- Esta casa é minha. Mas acho que fica melhor como clube.

O Harpo olha para o boxeur, que puxa um pouco da cadeira para trás e pega na bebida.

- Eu não entro nas latas da Sofia, - diz ele. - O meu papel é amplo e levá-la onde ela quiser.

O Harpo respira mais aliviado.

- Vamos dançar, - diz ele. A Sofia ri-se, levanta-se. Põe ambos os braços à volta do pescoço dele. Dançam devagar. A namoradinha amarela do Harpo está com má cara, a olhar do bar. É simpática, amável e tudo, mas é como eu. Faz tudo o que o Harpo lhe manda. Ele também lhe pôs uma alcunha, chama-lhe Squeak^{9}. Daí a pouco a Squeak enchesse de coragem e tenta meter-se pelo meio. O Harpo tenta fazer a Sofia andar à roda para ela não ver a outra. Mas a Squeak não pára de lhe bater no ombro. Por fim, o par desiste de dançar. Estão mais ou menos a um passo da nossa mesa.

- Oh, oh, - diz a Shug, e aponta com o queixo, - vai estourar qualquer coisa para aquelas bandas.

- Quem é esta mulher? - Pergunta a Squeak, na sua voz fraca.

- Já sabes quem é, - diz o Harpo.

A Squeak vira-se para a Sofia.

- É melhor que o deixes em paz, - diz ela.

A Sofia responde:

- A mim não me custa nada.

E dá meia volta para se ir embora.

O Harpo agarra-a por um braço. Diz:

- Não tens nada que ir para lado nenhum. Raios, esta casa é a tua.

- Que dizes tu? - Pergunta a Squeak. - Esta é a casa dela? Ela deixou-te. Deixou a casa. Agora acabou-se, - diz para a Sofia.

A Sofia diz:

- Por mim tudo bem. - Tenta livrar-se do Harpo. Mas ele agarra com força.

- Ouve, Squeak, - diz o Harpo. - Um homem não pode dançar com a sua própria mulher?

- Se for o meu homem, não. Ouviste ou não, cadela?

A Sofia começa a ficar um bocado farta da Squeak, basta olhar para as orelhas dela. Estão repuxadas para trás. Mas diz outra vez, com ar de quem quer acabar com a questão:

- Ei, por mim tudo bem.

Mas a Squeak dá-lhe uma estalada. Que idéia teve! A Sofia não usa pequenos truques próprios de senhoras como as estaladas. Fecha o punho, recua e arranca dois dentes à Squeak, que rebola pelo

chão. Um dente dela fica pendurado no lábio, o outro vem cair no meu copo. Então a Squeak começa aos pontapés a uma perna do Harpo.

- Tira esta cadela daqui, - grita ela, com sangue e cuspo a cair da boca. O Harpo e a Sofia estão ao pé um do outro a olhar para a Squeak, mas não me parece que a escutem. O Harpo ainda tem o braço da Sofia agarrado. Talvez passe meio minuto. Finalmente ele larga o braço da Sofia, abaixa-se e pega na pobre da Squeak. E embala a como se fosse um bebê. A Sofia chega ao pé de nós e vem buscar o boxeur. Vão-se embora sem olhar para trás. Depois ouvimos o motor de um carro a pegar.

Meu Deus:

O Harpo parece murcho. Enxuga o balcão, acende um cigarro, olha para fora, anda dum lado para o outro. A pobre Squeak corre atrás dele a ver se percebe o que é que o aflige. “Querido isto, querido aquilo”, diz ela. O Harpo olha através dela e sopra o fumo. A Squeak aparece no canto onde eu estou com o Sr.. Desde que arranjou dois dentes de ouro a brilhar num dos lados da boca, passa a vida a rir. Mas agora está a chorar.

- Miss Celie, o que é que se passa com o Harpo? - Pergunta.

- A Sofia está presa, - digo.

- Presa?

Até parece que lhe digo que a Sofia está na lua.

- Por que está ela presa? - Pergunta.

- Por ser malcriada para a mulher

do presidente da Câmara.

A Squeak puxa duma cadeira. Fica a olhar para mim.

- Afinal qual é o teu nome? - Pergunto.

- Mary Agnes, - responde.

- Vê se o Harpo te começa a chamar pelo nome que tens, - digo eu. - Então pode ser que dê por ti, mesmo quando está com problemas.

A Squeak olha para mim sem perceber muito bem. Eu não falo muito nisto. Conto o que uma das irmãs da Sofia me disse a mim e ao Sr.. A Sofia e o boxeur e as crianças todas meteram-se no carro do boxeur e foram até à cidade.

Subiram a rua, com um ar importante. Então, mesmo naquela altura, passaram o presidente da Câmara e a mulher. “Tantas crianças”, diz a mulher do presidente, procurando alguma coisa na bolsa. “E esertas como ratos”, diz ela. Pára e faz uma festa na cabeça duma das crianças. “E com uns dentes tão brancos.” A Sofia e o boxeur não respondem. Esperam que ela passe. O presidente também espera, recua e bate no chão com o pé, olhando com um sorrisinho. “Ora, Millie”, diz ele. “Sempre preocupada com os pretos.” Miss Millie continua a fazer festas às crianças e depois olha para a Sofia e para o boxeur. Repara no carro do boxeur, depois no relógio de pulso da Sofia. E diz-lhe: “Todas estas crianças estão muito

limpas. Gostavas de trabalhar para mim, de ser minha criada?” A Sofia diz: “Não, merda.” Miss Millie pergunta: “O que disseste?” A Sofia repete: “Não, merda!” O presidente olha para a Sofia, puxa a mulher para o lado. Enche o peito. “Rapariga, o que disseste à Miss Millie?” A Sofia diz: “Não, merda.” E ele dá-lhe uma bofetada.

Paro a história neste ponto. A Squeak está na borda da cadeira. Espera. Continua a olhar para mim.

- Não é preciso contar mais nada, - diz o Sr. - Sabes o que acontece quando alguém dá bofetadas na Sofia.

A Squeak fica branca como um lençol.

- Não, - responde.

- Não, uma ova, - digo eu. - A Sofia ferrou um soco no homem que ele foi parar ao chão. Os polícias apareceram, começaram a tirar as crianças de cima do presidente da Câmara fazendo-lhes bater com as cabeças umas nas outras. Então a Sofia começou a bater de verdade. E eles pregaram com ela no chão.

Dá idéia de que só consigo contar até aqui. Tenho os olhos cheios de lágrimas e a garganta apertada. Pobre da Squeak, toda dobrada na cadeira, a tremer.

- Bateram na Sofia, - diz o Sr.

A Squeak salta como se tivesse molas, passa para trás do balcão até chegar ao pé do Harpo, e põe-lhe os braços à roda. Ficam abraçados a chorar, muito tempo.

- O que fez o boxeur no meio disso tudo? - Pergunto à irmã da Sofia, à Odesa.

- Queria entrar na luta, - disse ela.
- Mas a Sofia disse: “Não, leva as crianças para casa.” De qualquer maneira os polícias tinham apontado as armas para ele. Um movimento e era uma vez! Havia seis, sabes?

O Sr. foi pedir ao xerife que nos deixasse ver a Sofia. O Bub tem tido tantos sarilhos e é tão parecido com o xerife que ele e o Sr. parecem quase da família. Mas é preciso que o Sr. não se esqueça que é de cor.

O xerife diz:

- A mulher do teu filho é doida. Sabes isso?

O Sr. responde:

- Sim senhor, sabemos. Há doze anos que ando a ver se enfio isso na cabeça do Harpo. Mesmo antes do casario. A Sofia vem duma gente que é doida, - diz o Sr. - É culpa dela. E, além disso, o xerife já sabe o que são as mulheres, seja como for.

O xerife pensa nas que conhece e diz:

- Sim, nisso tens razão.

O Sr. diz:

- E também vamos dizer-lhe que está louca, se pudermos vê-la.

- Podes ter a certeza disso, - responde o xerife, - e diz-lhe que a Sofia tem muita sorte por ainda estar viva.

Quando vejo a Sofia não consigo perceber como é que não morreu. Tem a cabeça partida, e as costelas. O nariz rasgado dum lado. Não vê dum olho. Está inchada dos pés à cabeça. A língua é do tamanho do meu braço, cai para fora dos dentes como um bocado de borracha. Não pode falar. E está da cor duma berinjela. Fico tão aflita que quase deixo cair a mala. Mas não. Ponho-a no chão da cela, tiro um pente e uma escova, uma camisa de noite, hamamele e começo a tratar da pobre. O ajudante servente, de cor, traz-me água para a lavar e começo pelas duas pequenas aberturas que são os seus olhos.

Meu Deus:

Puseram a Sofia a trabalhar na lavandaria da prisão. Desde as cinco da manhã até às oito da noite lava roupa. Fardas sujas dos condenados, lençóis de meter nojo e pilhas de cobertores mais altas que a cabeça dela. Vamos lá duas vezes por semana durante meia hora. A cara dela está amarela e com ar doente, os dedos parecem salsichas das grandes.

- Aqui é tudo um nojo, - diz ela. - Até o ar. A comida é tão má que só ela chega para matar uma criatura. E há baratas, ratos, moscas, piolhos e até uma cobra ou duas. Se a gente diz qualquer coisa despem-nos e fazem-nos dormir no chão de cimento sem luz nenhuma.

- Como é que te arranjas? - Perguntamos.

- Cada vez que me dizem para fazer qualquer coisa, Miss Celie, faço como tu. Levanto-me logo e trato de fazer o que dizem.

Parece cheia de raiva ao dizer isto e o olho rebentado gira pela sala toda. O Sr. pára de respirar. O Harpo geme. A Miss Shug roga pragas. Veio de Memphis só para ver a Sofia. Eu nem consigo deixar de tremer com a boca para dizer o que penso.

- Sou uma presa muito boa, - diz ela. - A melhor que eles já tiveram. Não acreditam que seja a mesma que foi mal-criada para a mulher do presidente da Câmara, a mesma mulher que o estendeu no chão ao soco.

Ri-se. Parece uma coisa tirada de uma cantiga. daquelas em que todos voltam para casa menos uma pessoa.

- Doze anos são muito tempo para se ser sempre boa, em todo o caso, - diz ela.

- Talvez te mande embora por bom comportamento, - diz o Harpo.

- Bom comportamento não chega para eles, - responde a Sofia. - Pelo menos tem que se arrastar a barriga pelo chão para lhes lambe as botas e repararem em nós. Só penso em matar, - diz ela, - a dormir e acordada.

Nós calamo-nos.

- Como estão as crianças? - Pergunta ela.

- Todas finas, - diz o Harpo. - Entre a Odessa e a Squeak lá se arranjam.

- Diz obrigada à Squeak. E à Odessa que penso muito nela.

Meu Deus:

Estamos todos sentados à mesa depois do jantar. Eu, a Shug, o Sr., a Squeak, o boxeur, a Odessa e mais duas irmãs da Sofia.

- A Sofia não vai durar muito, - diz o Sr.

- Sim, - diz o Harpo, - a mim parece-me um bocado calada.

- E as coisas que conta. Meu Deus, - diz a Shug.

- Temos que fazer qualquer coisa e depressa, - diz o Sr.

- Que podemos fazer? - Pergunta a Squeak.

Dá idéia de estar um pouco cansada com todos aqueles filhos da Sofia e do Harpo de repente em volta dela, mas está a aguentar. O cabelo não está lá muito limpo, a combinação está a aparecer, mas lá vai dando conta do recado.

- Fazê-la saltar da prisão, - sugere o Harpo. - Roubar um bocado de dinamite aos gados que estão a levantar a ponte grande lá em baixo na estrada e mandar a prisão inteira para os anjinhos.

- Cala a boca, Harpo, estamos a ver se pensamos, - diz o Sr..

- Já sei, - diz o boxeur, - passamos lá para dentro uma arma, e bico calado.

Bom, - e esfrega o queixo, - ou talvez uma lima.

- Não, - diz a Odessa. - Correm todos atrás dela se sair assim.

Eu e a Squeak nem falamos. Não sei no que está ela a pensar, mas eu penso em anjos, em Deus vindo cá abaixo num carro de fogo, descendo muito devagarinho e levando a Sofia para casa. Vejo-os como se estivessem aqui. Os anjos todos de branco, com cabelos e olhos brancos, como os albinos. Deus também todo branco, parecido com aquele branco gordo que trabalha no banco. Os anjos a tocar címbalos, um deles tocam trombeta. Deus deita pela boca uma labareda e de repente a Sofia fica livre.

- Quem são os tipos negros da família do carcereiro? - Pergunta o Sr.

Ninguém responde. Por fim fala o boxeur.

- Como se chama ele?

- Hodges, - diz o Harpo. - Bubber Hodges.

- O filho do velho Henry Hodges, - explica o Sr. - Dantes vivia na casa do velho Hodges.

- Tem um irmão chamado Jimmy? - Pergunta a Squeak.

- Sim, - diz o Sr. - Um irmão chamado Jimmy. Casado com aquela rapariga dos Quitman. O pai tem a forja. Sabes quem são?

A Squeak baixa a cabeça e diz qualquer coisa que não se ouve.

- O que estás a dizer? - Pergunta.

A cara da Squeak fica a arder. Torna a falar baixo.

- Ele é teu quê? - Pergunta o Sr.

- Primo, - diz ela.

O Sr. olha para ela.

- Pelo lado do papá, - diz ela.

Olha de esguelha para o Harpo. Depois para o chão.

- Ele sabe alguma coisa dessa história? - Pergunta o Sr.

- Sim, - diz ela. - Teve três filhos da minha mãe. Dois são mais novos que eu.

- O irmão dele sabe alguma coisa? - Pergunta o Sr.

- Uma vez apareceu lá em casa com o Sr. Jimmy, deu moedas de 25 cêntimos

a todos, disse que éramos muito parecidos com o Sr. Hodges.

O Sr. enclina a cadeira para trás, olha a Squeak com atenção, dos pés à cabeça. E a Squeak afasta o cabelo gorduroso da cara.

- Sim, - diz o Sr. - Vejo que és parecida. Torna a pausar os pés da cadeira no chão. - Bom, parece que és tu que tens que ir.

- Ir aonde? - Pergunta a Squeak.

- Falar com o carcereiro. É teu tio.

Meu Deus:

Vestimos a Squeak como se fosse uma branca, só que as roupas não ligam umas com as outras. Arranjou-se um vestido cheio de gema, sapatos de salto alto já

cambados e um chapéu velho que foi da Shug. Enfiámos no braço dela uma carteira acolchoada e uma bibliazinha preta. Lavamos o cabelo dela para tirar a gordura, depois eu penteei-a com duas tranças cruzadas no alto da cabeça. Demos-lhe um tal banho que ela cheirava como um soa-lho acabadinho de ser esfregado.

- O que vou eu dizer? - Pergunta ela.

- Dizes que vives com o marido da Sofia e que ele diz que a Sofia não está a ter o castigo que merece. Dizes que ela se ri por fazer dos guardas uns parvos. Dizes que se sente às mil maravilhas no lugar em que está. Que se sente muito feliz por não ser criada de nenhuma branca.

- Meu Deus! - diz a Squeak. - Onde vou arranjar ganas para dizer isso tudo?

- Se ele perguntar quem és, vê se fazes com que se lembre. Diz-lhe que ficaste deslumbrada com a moeda de vinte e cinco cêntimos que ele te deu.

- Mas isso foi há quinze anos, - diz a Squeak. - Não se vai lembrar.

- Tens que lhe fazer ver que és parecida com os Hodges, - diz a Odessa. - Ele há de lembrar-se.

- Diz que achas que se deve fazer justiça. Mas vê se lhe metes na cabeça que vive com o marido da Sofia, - diz a Shug. - Vê se lhe consegues meter na cabeça aquela parte de ela ser feliz onde está e da pior coisa que podia acontecer à Sofia era ser criada de uma senhora branca.

- Não sei, - diz o boxeur. - Isso é muito parecido com a história do velho Pai Tomás.

A Shug funga.

- Bom, - diz ela, - alguma razão havia de haver para lhe chamarem Pai Tomás.

Meu Deus:

A pobre da Squeak chegou a casa a mancar. Tinha o vestido roto, vinha sem chapéu e um sapato com o salto a cair.

- O que aconteceu? - Perguntamos nós.

- Ele viu que eu era mesmo uma Hodges, - diz ela. - E não gostou nada.

O Harpo sobe as escadas, vindo do automóvel.

- Espancaram a minha esposa, abusaram da minha mulher, - diz ele. - Devia era voltar lá com umas armas e talvez deitar fogo aquilo, pôr todos esses sacanas a assar.

- Cala-te Harpo, - diz a Squeak. - Vou contar como foi.

E conta.

- No minuto em que entrei aquela porta ele lembrou-se de mim.

- E que disse? - Perguntamos nós.

Disse:

- O que é que queres?

Eu disse:

- Vim porque tenho interesse em que façam justiça.

- Que disseste que queres? - Perguntou ele outra vez.

- Eu disse o que vocês todos me disseram para dizer. Acerca da Sofia não estar a ser bem castigada. Disse que estava feliz na prisão, era uma rapariga muito forte. Que o que a ralava mais era passar a ser criada de uma senhora branca qualquer. Foi o que começou a dar sarilho, sabem? A mulher do presidente da Câmara pediu à Sofia para ser criada dela. A Sofia disse que não vai ser coisa nenhuma de nenhuma senhora branca e muito menos criada.

- Ah, é assim? - Perguntou ele, - sem tirar os olhos de cima de mim.

- Sim senhor, - disse eu. - A prisão para ela é mesmo fina. Coser, lavar e passar a ferro o dia inteiro é o mesmo que faz em casa. Tem seis filhos, sabe?

- De certeza? - Pergunta ele. Sai de trás da secretária, debruça-se sobre a minha cadeira.

- Quem é a tua família? - Pergunta.

- Digo-lhe o nome da minha mãe, da minha avó e do meu avô.

- Quem é o teu pai? Onde foste buscar esses olhos?

- Eu não tenho pai, - digo eu.

- Vá lá. Já não nos vimos antes?

- Sim senhor, - digo eu. - E uma delas, já lá vai uns dez anos, quando eu era pequena, o senhor deu-me uma moeda de vinte e cinco cêntimos. Eu gostei muito, pode acreditar.

- Não me lembro, - diz ele.

- Passou pela minha casa com o amigo da minha mãe, o Sr. Jimmy.

A Squeak olha para todos nós. Depois enche o peito de ar. Fala para dentro.

- O que dizes? - Pergunta a Odessa.

- Sim, - diz a Shug, - se não consegués contarmos quem é que nos vais contar, Meu Deus?

- Ele tirou-me o chapéu, - diz a Squeak. - Disse para me despir.

Deixa cair a cabeça, enfia a cara nas mãos.

- Meu Deus, - diz a Odessa. - E é teu tio.

- Ele disse que se fosse meu tio não me fazia aquilo. Que era pecado. Mas assim era só fornicar um bocado. Toda a gente faz o mesmo.

Levanta a cara para o Harpo.

- Harpo, - diz ela, - gostas de mim de verdade, ou só da minha cor?

O Harpo diz:

- Gosto de ti, Squeak.

Põe-se de joelhos e passa-lhe o braço à roda da cintura. Ela levanta-se.

- O meu nome é Mary Agnes, - diz.

Meu Deus:

Seis meses depois de a Mary Agnes ter tentado tirar a Sofia da prisão começou a cantar. Primeiro eram as cantigas da Shug, depois começou a inventar. Tinha uma daquelas vozes que nunca ninguém pensa que possam servir para nada. É fraquinha, volta e meia desafina, parece um gato a miar. Mas a Mary Agnes não se rala. A gente habituou-se depressa a ela. De-

pois começamos a gostar mesmo. O Harpo não sabe o que há de pensar.

- Parece-me esquisito, - diz-me a mim e ao Sr. - Tão de repente.

Faz-me lembrar um gramofone que está um ano inteiro a um canto, mudo como um túmulo. Depois, quando se põe um disco, começa a tocar.

- Sabes se ainda está zangada por a Sofia lhe arrancar aquele dente? - Pergunto.

- Sim, está zangada. Mas de que serve? Não é má e sabe que a Sofia agora leva uma vida dos diabos.

- Como vai isso com os miúdos? - Pergunta o Sr.

- Gostam dela, - diz o Harpo. - Deixa-os fazer tudo o que querem.

- Oh... oh! - digo eu.

Além disso, a Odessa, as outras irmãs estão sempre à mão para pôr tudo em ordem. Parece um quartel. A Squeak canta.

They calls me yellow
like yellow be my name

They calls me yellow
like yellow be my name

But if yellow is a name
Why ain't black the same

Well, if I say Hey black girl
Lord, she try to ruin my game^{[10](#)}

Meu Deus:

Sofia disse hoje.

- Não consigo perceber.

- O quê? - Pergunto.

- Porque é que já não os matemos a todos.

Três anos depois de ser espancada, saiu da lavanderia, recuperou a cor e o peso, parece à mesma de antigamente, mas agora anda sempre a pensar em matar alguém.

- São muitos para os podermos matar, - digo eu.

- Nós fomos sempre poucos desde o princípio.

- Espero que demos cabo de um ou dois, aqui ou ali, com os anos, - digo.

Estamos sentadas num pedaço de um velho caixotão de madeira perto da divisória do pátio da Miss Millie. Há pregos com ferrugem no fundo e quando nos mexemos a madeira faz barulho. A Sofia está de guarda às crianças que jogam a bola. O pequenito atira a bola à pequenita que quer apanhá-la com os olhos fechados. Vai parar debaixo do pé da Sofia.

- Atira a bola, - diz o pequenito, com as mãos nas ancas. - Atira lá.

- Estou aqui para tomar conta, não para atirar com a bola.

E não faz um movimento para a apanhar.

- Não me ouves a falar contigo? - Grita ele. Deve ter seis anos, o cabelo é castanho, os olhos azuis como o céu. Vem

para junto de nós pior que uma fera, levanta um pé e estica-o para a perna da Sofia. Ela roda o pé para um dos lados e ele grita.

- O que aconteceu? - Pergunto.

- Feriu a perna num prego ferrugento, - diz a Sofia. - Deve ser, porque tem sangue até ao sapato.

A irmã mais pequena vem vê-lo chorar. Ele fica cada vez mais vermelho e chama pela mãe aos berros. A Miss Millie vem a correr. Tem medo da Sofia. Cada vez que fala com ela é como se estivesse à espera de qualquer desastre. Também não chega muito perto. A poucos metros do sítio onde estamos sentadas faz um gesto para o Billy ir ter com ela.

- O meu pé, - diz ele.

- Foi a Sofia? - Pergunta ela. A rapariguinha então fala.

- Foi o Billy sozinho, - diz. - Quando quis dar um pontapé na perna da Sofia.

Esta criança adora a Sofia, anda sempre a defende-la. A Sofia nunca repara, não dá ouvidos à rapariga e também não dá ao irmão. A Miss Millie olha a Sofia de lado, passa um braço pelos ombros de Billy que vai a mancar até à porta das traseiras. A pequenita vai atrás, a dizer adeus com a mão.

- Parece boazinha, - digo eu.

- Quem? - E a Sofia franze o sobrolho.

- A miúda. Como lhe chamam, Eleanor Jane?

- Sim, - diz a Sofia com ar pasmado. - Gostava de saber como conseguiu nascer.

- Bom, com os negros não vale a pena agente ficarmos muito admirados.

Ela ri-se.

- Miss Celie, - diz ela. - Estás mesmo louca varrida. É a primeira vez que a vejo rir em três anos.

Meu Deus:

A Sofia era capaz de fazer rir um morto a falar daquela gente para quem trabalha.

- Têm a lata de fazer o possível para nós pensarmos que a escravatura não deu nada por nossa causa, - diz ela. - Como se não fosse possível termos juízo su-

ficiente para a pôr a funcionar. Sempre a partirmos os cabos das enxadas e a deixar fugir as mulas nos trigais. Mas o que me deixa pasmada é que as coisas que eles fazem durem um dia sequer. São atrasados e aselhas. E têm azar, - diz ela. - O presidente da Câmara comprou um carro à Miss Millie porque diz que se os negros têm carros ela não pode ficar atrás. Portanto comprou o carro, só que agora não quer ensina-la a guiar. Todos os dias vem da cidade, chega a casa, olha para a Miss Millie, vai à janela ver o carro e diz: “Estás a gostar dele, Miss Millie?” Ela levanta-se do sofá pior que uma fera e bate com a porta da casa de banho. Não tem uma única amiga. Assim, um dia disse-me, depois do carro estar parado no pátio há dois me-

ses: “Sofia sabes guiar?” Acho que se lembrou de me ver no carro do Buster Broadnax. “Sim senhora,” digo eu. Estava armada em escrava a limpar aquela coluna enorme que puseram ao fundo da escada. São mesmo esquisitos por causa daquela coluna. Acham que ela nunca deve ter dedadas. “Achas que me podes ensinar?” Pergunta ela. Um dos filhos de Sofia aparece, o rapaz mais velho. É alto e bonito, sempre muito sério. Fica furioso. Diz: “Não fales como uma escrava, mamã.” A Sofia responde: “Por que não? Fazem-me dormir num quartinho de arrumações, lá em cima no sótão, pouco maior que o alpendre da Odessa, e tão quente no inverno como ele. Tenho que estar de plantão todo o dia e toda a noite,

quando me chamam. Não me deixam ver os meus filhos. Não me deixam ver nenhum homem. Bom, ao fim de cinco anos deixam-me verte uma vez por ano. Não sou então uma escrava? O que lhe chamas tu?” “Uma prisioneira,” diz ele. - Sofia continua com a sua história, - mas vê-se que está contente por ser mãe dele. Portanto eu disse: “Sim senhora. Ensino-a se for um carro que eu conheça.” Eu e a Miss Milie desatamos a andar estrada acima estrada abaixo. Primeiro eu guio e ela vê, depois começa ela a tentar guiar e eu a ver. Estrada acima estrada abaixo. Logo que acabo de fazer o pequeno almoço, de o pôr na mesa, de lavar a louça e de varrer o chão e antes de eu ir buscar o correio à caixa que está na estrada, lá vamos

para as lições da Miss Millie. Bom, ao fim
dalgum tempo, lá começa a conseguir gui-
ar, mais ou menos. Depois aprende mes-
mo. E um dia diz me: “Vou levar-te a ca-
sa.” Sem mais nem menos. “A minha ca-
sa?” Pergunto. “Sim,” diz ela. “A tua casa.
Há tempos que não vais a casa nem vês os
teus filhos,” diz ela. “Não é verdade?” Eu
digo: “Sim senhora. Há cinco anos.” Ela
diz: “É uma vergonha. Vai juntar as tu-
as coisas.” “Estamos no Natal.” “Vai bus-
car as coisas. Podes lá estar o dia inte-
iro.” “Só para um dia o que tenho vestido
chega,” digo eu. “Ótimo,” diz ela. “Bom,
sobe.” - Bom, - diz a Sofia. - Estava tão
acostumada a ir ao lado dela para a ensi-
nar a guiar, que fui para o banco da frente,
claro. Ela ficou do lado de fora, com pi-

garro na garganta. Por fim disse, a rir um pouco: “Sofia. Estamos no Sul.” “Sim senhora,” digo eu. Ela continuou com pigarro e a rir. “Repara, vê onde te sentaste,” diz ela. “Estou sentada onde me sento sempre,” digo eu. “Pois é isso. Alguma vez viste uma pessoa branca e uma de cor sentadas num carro ao lado uma da outra, quando uma não está a ensinar a outra a guiar?” Saio do carro abro a porta de trás e subo. Lá vamos pela estrada. O cabelo de Miss Millie a voar ao vento. “Aqui é realmente bonito,” diz ela, quando chegamos à estrada do condado de Marshall, a caminho da casa da Odessa. “Sim senhora,” digo eu. Depois ao pátio e as crianças todas correm para o carro, e põem-se a toda a volta. Ninguém lhes disse que

eu vinha, portanto ninguém sabe quem eu sou. Só os dois mais velhos. Atiram-se para cima de mim e dão-me abraços. E depois os mais pequenos também me abraçam. Acho que nem perceberam que eu ia sentada na parte de trás do carro. A Odesa e o Jack aparecem depois de eu ter saído, e assim também não viram nada. Ficamos todos aos beijos e aos abraços e a Miss Millie a ver. Por fim, inclinam-se para fora da janela e diz: “Sofia tens o resto do dia. Venho buscar-te às cinco horas.” Todas as crianças me puxam para dentro de casa, portanto digo quase por cima do ombro: “Sim senhora,” e julgo que a ouço partir. Mas um quarto de hora depois, a Marion diz: “Aquela senhora branca ainda está ali.” “Talvez esteja à espera para te

levar para casa,” diz o Jack. “Talvez esteja mal disposta,” diz a Odessa. “Vocês sabem como eles estão sempre doentes.”

- Saio, vou ao carro, - diz a Sofia, - a pensar no que aconteceu. O que aconteceu é que ela não sabe fazer mais nada a não ser andar em frente e havia ali árvores demais para isso. “Sofia,” diz ela, “Como é que esta coisa anda para trás?” Enclino-me para dentro do carro e tento mostrar-lhe como funcionam as mudanças. Mas ela não se entende e todas as crianças, a Odessa e o Jack estão no alpendre a olhar para ela. Dou a volta ao carro e tento explicar-lhe metendo a cabeça pela janela. Nesta altura já ela se fartou de estragar as mudanças. Depois tem o nariz vermelho, parece zangada e desanima-

da. Subo para o banco de trás, debruço-me sobre o da frente e continuo a tentar mostrar-lhe como se faz com as mudanças. Mas não andamos. Por fim o carro já nem faz barulho. O motor ficou avariado. “Não se preocupe,” digo eu. “O marido da Odessa, o Jack, leva-a a casa. Aquela ali é a furgoneta dele.” “Oh, eu não posso andar numa furgoneta com um homem de cor que não conheço.” Digo à Odessa para ir também. Vão apertados. Isso me dava a possibilidade de passar um pouco de tempo com os miúdos, pensei. Mas ela disse: “não, também não a conheço a ela.” Portanto eu e o Jack acabamos por a levar para casa na furgoneta, depois o Jack levou-me à cidade para arranjar um mecânico e às cinco horas eu guio o carro de

Miss Millie outra vez para casa. Passei um quarto de hora com os meus filhos. E ela continuou por vários meses a dizer como sou ingrata. Os brancos são mesmo uma desgraça, - diz a Sofia.

Meu Deus:

A Shug escreve-me a dizer que tem uma grande surpresa e que tenciona aparecer com ela no Natal. O que é? Pensamos nós. O Sr. julga que é um carro para ele. A Shug agora ganha que se farta, anda sempre cheia de peles. Também anda com seda e cetim e com chapéus dourados. Na manhã de Natal ouvimos um motor ao pé de casa. Olhamos para a rua.

- Diabos, - diz o Sr. vestindo as calças. Corre para a porta. Eu fico ao espe-

lho a ver se consigo fazer qualquer coisa do cabelo. Está comprido demais para ser curto e curto demais para ser comprido. Também está muito liso para ser encaracolado e muito encaracolado para ser liso. E sem cor nenhuma. Desisto e ponho um lenço. Ouço a Shug gritar:

- Oh, Albert.

Ele diz:

- Shug.

Sei que estão abraçados. Depois não ouço nada. Corro para a porta.

- Shug, - digo eu estendendo os braços. Mas antes de perceber o que se passa vejo um homem com uns dentes grandes e brilhantes, que usa suspensório vermelho. Antes de poder pensar quem será este, ele abraça-me.

- Miss Celie, - diz ele. - Oh, Miss Celie. Ouvi falar tanto de ti que me parece que somos amigos há muito tempo.

A Shug está atrás dele com um grande sorriso.

- É o Grady, - diz ela. - O meu marido.

Logo que ela o diz descubro que não gosto do Grady. Não gosto do ar dele, não gosto dos seus dentes nem da sua roupa. E como se cheirasse mal.

- Guiamos a noite toda, - diz ela. - Não há sítio onde parar, como sabem. Mas cá estamos.

Chega ao pé do Grady e abraça-o, olha-o como se fosse uma estampa e ele enclina-se e beija-a. Dou uma olha olha-dela ao Sr.. Está com uma cara que parece

o fim do mundo. Sei que também não devo estar melhor.

- Este é o meu presente de casamento para nós ambos, - diz a Shug. Fala do grande carro azul escuro que diz Paciard na frente. - É uma marca nova, - diz ela. E olha para o Sr., pega-lhe no braço, dá-lhe um belisco.

- Enquanto aqui estivermos, Albert, quero que aprendas a guiar, - diz ela. Ri-se. - O Grady guia como um louco. Pensei que os polícias nos iam apanhar por causa das dúvidas.

Por fim a Shug parece reparar em mim. Dá-me um grande abraço.

- Agora somos duas senhoras casadas, - diz ela. - Duas senhoras casadas. - E cheia de fome, diz: - Que há para comer?

Meu Deus:

O Sr. bebeu durante todo o Natal. Ele e o Grady. Eu e a Shug fizemos a comida, conversamos, limpamos a casa, enfeitamos a árvore, falamos, acordávamos de manhã e falávamos mais. Agora ela canta em todo o país. Toda a gente sabe o nome dela. Ela também conhece toda a gente. Conhece a Sophie Tucker, conhece o Duke Ellington, conhece até pessoas de quem nunca ouvi falar. Ganhou tanto dinheiro que não sabe o que há de fazer dele. Comprou uma casa elegante em Memphis, outro carro. Comprou vestidos bonitos. Um quarto cheio de sapatos. Compra ao Grady tudo o que ele quer.

- Onde o descobriste? - Pergunto.

- Debaixo do meu carro. Do que está lá em casa. Andei com ele e o óleo acabou-se, deu cabo do motor. Ele foi arranjá-lo. Foi só olharmos um para o outro.

- O Sr. sente-se magoado, - digo eu. Não falo em mim.

- Ah, - diz ela. - Essa velha historia acabou de uma vez por todas. Tu e o Albert agora sois da família. De qualquer maneira, quando me disseste que ele te batia e não trabalhava, o que sentia por ele mudou um bocado. Se tu fosses minha mulher, - diz ela, - cobria-te de beijos em vez de pancadas e trabalhava no duro para ti, também.

- Não me tem batido muito, tu conseguiste convence-lo a deixar-se disso. Só uma ou outra bofetada, quando não tem mais nada para fazer.

- E na cama, vai melhor? - Pergunta ela.

- Tentamos, - digo eu. - Ele tenta mexer-me no grelo mas sinto que tem os dedos secos. Não temos melhorado muito.

- Ainda és virgem? - Perguntou ela.

- Acho que sim.

Meu Deus:

O Sr. e o Grady saíram de carro. A Shug perguntou se podia dormir comigo. Tem frio na cama dela e do Grady. Falamos de várias coisas. E então falamos de fazer amor. Na verdade a Shug não diz fazer amor. Diz uma palavra feia. Foder.

Pergunta-me:

- Como foi isso com o pai dos teus filhos?

- As raparigas dormiam num quarto separado. Fora de casa e ligado por uma passarelazita. Nunca entrava lá ninguém a não ser a mamã. Mas uma vez a mamã não estava em casa e ele entrou. Disse-me que queria que lhe aparasse o cabelo. Levou a tesoura e o pente e a escova e

um banco. Enquanto lhe aparava o cabelo ele olhava para mim de uma maneira esquisita. Também estava um bocado nervoso, mas eu não sabia porquê até ele me agarrar e me filar entre as pernas dele.

Fico ali calada, ouvindo a respiração da Shug.

- Magoou-me, sabes, - digo eu. - Ainda ia fazer catorze anos. Nem nunca tinha pensado que os homens tinham ali embaixo uma coisa tão grande. Só de a ver me assustei. E a maneira como entrava em mim e crescia.

A Shug está tão calada que julgo que adormeceu.

- Depois de acabar, - disse eu, - obrigou-me a cortar-lhe o cabelo.

Olho disfarçadamente para a Shug.

- Ah, Miss Celie! - diz ela. E abraça-me. Os braços dela são negros e macios e parece que brilham à luz do candieiro. Começo eu a chorar também. E choro, choro, choro. É como se tudo voltasse a acontecer ali, nos braços da Shug. Como magoava e como eu estava admirada. Como ardia enquanto acabava de lhe aparar o cabelo. Como o sangue pingava pelas minhas pernas abaixo e me sujava a meia. Como ele nunca mais me olhou nos olhos desde aí. E a Nettie.

- Não chores, Celie, - diz a Shug.
- Não chores. Começa a beijar-me as lágrimas que escorrem pela minha face. Depois de passar um bocado eu digo:

- Por fim a mamã começou a perguntar como é que o cabelo dele ia parar

ao quarto dos filhos se nunca lá entrava, como dizia. Aí ele lhe disse que eu tinha um namorado. Um rapaz qualquer que tinha visto a sair pela porta das traseiras. “Era o cabelo do rapaz,” disse ele, “não o meu. Sabes como ela gosta de cortar o cabelo a toda a gente,” disse ele. Eu gostava de cortar cabelos, digo à Shug, desde que era um niquinho de gente. Ia a correr buscar a tesoura logo que via cabelo a crescer, e cortava que me fartava, até me obrigarem a parar. Foi assim que acabei por ser eu a cortar o cabelo dele. Mas fazia isso sempre no alpendre da frente. E então logo que o via aparecer com a tesoura e o pente e o banco punha-me a chorar.

A Shug diz:

- Meu Deus, e eu julgava que só os tipos brancos é que faziam porcarias dessas.

- A mamã morreu, - conto à Shug.
- A minha irmã Nettie fugiu. O Sr. foi buscar-me para eu tratar dos ordinários dos filhos. Ele nunca perguntou nada sobre mim mesma. Põe-se em cima de mim e não faz senão foder, mesmo quando eu tinha a cabeça ligada. Nunca ninguém gostou de mim, - digo.

Ela diz:

- Eu gosto de ti, Miss Celie. E depois levanta-se e beija-me na boca. - Uhm, - diz ela, como se estivesse admirada. Eu beijo-a também. Beijamo-nos tanto que já quase não podemos mais. Então tocamos uma na outra.

- Eu não sei nada disto, - explico à Shug.

- Eu também não sei grande coisa, - diz ela.

Depois sinto qualquer coisa muito macia e úmida no meu peito, sinto como se fosse a boca de um dos filhos que perdi. Um pouco depois também eu faço coisas como se fosse uma criança perdida.

Meu Deus:

O Grady e o Sr. regressaram a cam-balejar ao romper do dia. Eu e a Shug dormimos como pregos. Ela de costas para mim e eu agarrada à cintura dela. Como é isto? Até parece como quando dormia com a mamã, só que mal me lembro de dormir com ela. Um pouco como dormir

com a Nettie, só que dormir com a Nettie não era tão bom. É uma coisa quente e macia, e sinto os peitos grandes da Shug a bailarem sobre os meus braços como bolas de sabão. Parece o céu, é com isso que se parece, não é nada como dormir com o Sr.

- Acorda Shug. Eles voltaram.

E a Shug rebola, abraça-me e salta da cama. Entra no outro quarto e cai na cama com o Grady. O Sr. cai na cama ao meu lado bêbado, e já está a roncar antes de tocar no acolchoado. Faço o que posso para gostar do Grady, mesmo quando põe suspensórios e lacinhos vermelhos no pescoço. Ainda que gaste o dinheiro da Shug como se fosse ele que o ganhasse. Ainda que tente falar como se fosse do

Norte. Memphis e Tennessee não são no Norte, até eu sei disso. Mas há uma coisa que eu não aguento mesmo, é ele chamar (mamã) à Shug.

- Não sou a cabra da tua mãe, - diz a Shug. Mas ele não liga. Como quando faz olhos de carneiro mal morto à Squeak e a Shug o arrelia, ele diz:

- Oh, mamã, sabes que não foi com má intenção.

A Shug também gosta da Squeak, tenta ajuda-la a cantar. Sentam-se na sala da frente da Odessa, com as crianças todas à volta, e cantam, cantam, cantam. Às vezes o Swain aparece com o seu banjo. O Harpo faz o jantar e eu e o Sr. e o bolar batemos palmas. É agradável. A Shug diz à Squeak, quero dizer, à Mary Agnes:

- Tens que cantar em publico.

A Mary Agnes diz:

- Não.

Ela acha que ninguém a vai querer ouvir por não cantar com uma voz forte e larga como a de Shug. Mas a Shug diz que não tem razão.

- E todas aquelas vozes estranhas que ouves na igreja? - Pergunta a Shug. - E todos esses sons que parecem bons mas que não são aqueles que tu julgas que as pessoas podiam fazer. E então?

Depois começa a gemer. Parece que a morte vem lá, que os anjos não podem impedi-la. Faz-nos arrepiar os pelos da nuca. É como se fossem panteras a cantar, se as panteras fossem capazes de cantar.

- Até digo mais, - diz a Shug à Mary Agnes, - os tipos que te ouvirem cantar vão pensar numa boa foda.

- Oh, Miss Shug, - diz a Mary Agnes, mudando de cor. A Shug pergunta:

- Por que estás tão encarnada só por se juntar as canções, a dança e as foadas? - Ri-se. - É por isso que eles chamam ao que a gente canta a música do diabo. Os diabos adoram foder. Ouve, - diz ela. - Vamos cantar uma noite aos Harpo's. Para eu recordar os velhos tempos. E se eu te apresentar, o melhor é que te escutem com jeitinho. Os negros nunca sabem como se hão de comportar mas se conseguires passar da primeira parte da canção, vais tê-los a todos na mão.

- Juras que é verdade? - Pergunta a Mary Agnes. Tem os olhos vermelhos e está toda contente.

- Não tenho a certeza se quero que ela cante, - diz o Harpo.

- Como é? - Pergunta a Shug. - Essa mulher que arranjaste agora para cantar parece que não consegue tirar o eu da igreja. Os tipos nem sabem se hão de dançar ou se hão de chorar pelo falecido. Além disso se vestires a Mary Agnes como deve ser vais fazer penicos de massa. Assim amarela, com o cabelo liso e os olhos que mudam de cor, os homens vão ficar loucos por ela. Não tenho razão, Grady?

O Grady olha para ela um bocado atrapalhado. Sorri.

- Mamã, não há nada que te escape,

- diz ele.

- É melhor que não te esqueças disso, - diz a Shug.

Meu Deus:

Esta é a carta que tenho agora na mão. Querida Celie: Sei que pensas que morri. Mas não. Tenho-te escrito há anos e anos, mas o Albert disse que tu nunca mais querias saber de mim e como nunca mais ouvi falar de ti, calculo que ele tem razão. Agora só te escrevo no Natal e na Páscoa com esperança de que a minha carta se confunda entre os cartões de boas-festas ou que o Albert pense no espírito da quadra e tenha pena de nós. Tenho tanta coisa para contar que não sei por on-

de começar e se calhar também não vais receber esta carta. Tenho a certeza de que é só o Albert que vai buscar o correio à caixa. Mas se a receberes, uma coisa quero que saibas, gosto muito de ti e estou viva. E que a Olivia está de saúde e o teu filho também. Vamos todos voltar antes do fim do ano que vem. Da tua irmã muito amiga, Nettie.

Uma noite na cama a Shug pediu-me para lhe falar da Nettie. Como era? Onde estava? Contei-lhe como o Sr. tentou dar-lhe volta à cabeça. Como a Nettie correu com ele e como ele disse que a Nettie tinha que se ir embora.

- Para onde? - Pergunta ela.

- Não sei, foi embora.

- E nunca recebeste uma palavra dela? - Pergunta a Shug.

- Não, digo. - Todos os dias quando o Sr. vem da caixa de correio julgo que vou ter notícias. Mas nunca tenho. Morreu, - digo.

A Shug diz:

- Não estará em qualquer sítio onde os selos sejam esquisitos, nunca pensaste nisso? - Olha-me com atenção. Diz: - Às vezes quando eu e o Albert vamos de passeio até à caixa do correio vejo uma carta com muitos selos esquisitos. Ele nunca diz nada, só a mete no bolso de dentro. Uma vez pedi-lhe para ver os selos mas ele disse que depois mostrava. Mas nunca mostrou.

- Ela ia para a cidade, - digo. - Os selos aqui são todos iguais. Homens brancos com cabelos compridos.

- Huhm, - diz ela, - parece que havia uma mulher baixinha e gorda. Como é a tua irmã? É inteligente?

- Oh, Senhor, - digo eu. - Inteligente como ninguém. Lia os jornais quando ainda mal sabia falar. Fazia contas como se não fosse nada com ela. Falava muito bem. Era muito carinhosa. Nunca houve ninguém assim, - digo eu. - Notava-se tão bem nos olhos. Também gostava de mim, - digo à Shug.

- Alta ou baixa? - Pergunta ela. - De que vestidos gostava mais? Quando fazia anos? De que cor gostava mais? Sabia cozinhar? Coser? E como era o cabelo?

Quer saber tudo acerca da Nettie.
Falo tanto que quase fico sem voz.

- Por que queres saber tantas coisas da Nettie? - Pergunto.

- Porque foi a única pessoa de quem gostaste, além de mim.

Meu Deus:

Dum dia para o outro a Shug e o Sr. ficam amigos como nunca vi. Sentam-se na escada, vão ao Harpo's. Vão à caixa do correio. A Shug ri que se farta quando ele fala. Toda ela é dentes e mamas. Eu e o Grady fazemos um esforço para fazer de conta que somos civilizados. Não é fácil. Quando ouço a Shug rir tenho vontade de a estrangular, de pregar um estalo no Sr. Passo uma semana a sofrer. O Grady e eu

estamos tão em baixo que ele apega-se à marijuana e eu começo a rezar. Sábado de manhã a Shug põe no meu colo a carta da Nettie. Nos selos vem a rainha baixinha e gorda da Inglaterra, mais uns selos com amendoins, cocos, árvores da borracha e a dizer África. Não sei onde é a Inglaterra nem a África. Não sei onde está a Nettie.

- Ele tem ficado com as tuas cartas,

- diz a Shug.

- Não, - digo. - O Sr. às vezes é malvado, mas tanto, não creio.

- Bolas! Claro que é.

- Mas como pôde ele fazer isto? - Pergunto. - Sabe que a Nettie é tudo no mundo para mim.

A Shug diz que não sabe mas havemos de descobrir. Fechamos a carta ou-

tra vez e metemos na algibeira do Sr. Ele anda todo o dia com a carta no casaco mas nunca fala nela. Ri que se farta e fala com o Grady, o Harpo e o Swain, e anda a ver se aprende a guiar o carro da Shug. Olho tanto para ele que começo a sentir uma luz esquisita na cabeça. Antes de saber o que estou a fazer vejo que tenho na mão uma navalha aberta, por trás da cadeira dele. Depois ouço a Shug rir como se fosse qualquer coisa muito engraçada. Diz:

- Bem sei que te disse que precisava de qualquer coisa para cortar esta espiga aqui na unha mas o Albert é muito esquisito com essa navalha.

O Sr. olha para trás.

- Põe isso onde estava, - diz ele.

- Mulheres. Arranjam sempre maneira de andar a cortar aqui e a rapar acolá e a darem cabo do fio.

A Shug deita a mão à navalha. Diz:

- Oh, parece que não está munto boa, mesmo assim. Mete a navalha outra vez na caixa.

Durante todo o dia até pareço a Sofia. Gaguejo. Falo sozinha. Tropeço pela casa toda, morta por sangrar o Sr. como um porco. Na minha cabeça ele morre de mil maneiras. Quando a noite cai não consigo falar. Cada vez que quero falar só me sai um ligeiro arroto. A Shug diz a todos que estou doente e põe-me na cama.

- Se calhar pega-se, - diz o Sr.

- É melhor dormires noutro lado.

Mas ela fica ao pé de mim a noite toda. Eu não durmo. Não choro. Não faço nada. Estou feita um gelo. Penso que vou morrer depressa. A Shug aperta-me a si, fala comigo volta e meia.

- Uma coisa que a minha mãe não gostava era de eu gostar tanto de poder, - diz ela. - Ela nunca gostou de nada que a fizesse tocar em alguém. Eu queria dar-lhe um beijo e ela virava a boca. Dizia: “Pára com isso, Lillie.”

Lillie é o verdadeiro nome da Shug. Mas ela é tão doce que todos lhe chamam Shug^{11}.

- O meu pai gostava dos meus beijos e abraços mas ela não podia com aquilo. Portanto quando conheci o Albert, e depois de dormir com ele, nunca mais o

pude largar. E era bom, também. Porque para parir três filhos do Albert sendo tão fraco, tinha que ser bom. Tive todos os bebês em casa. Com a parteira, o cura, um monte de beatas da igreja. Quando tinha tantas dores que nem sabia que nome tinha, era mesmo quando eles achavam boa altura para falar de arrependimento. - Risse. - Mas eu era muito louca para me arrepender. - Depois diz: - E gostava um bocado do Albert.

Eu nem tenho vontade de dizer nada. Estou em paz. Tudo calmo. Não há Albert. Nem Shug. Nada. A Shug diz:

- O último catraia foi o fim. Correram comigo de casa. Fui para o pé da irmã da minha mãe, que era um bocado calada e vivia em Memphis. Ela gostava de mim,

dizia a mamã. Bebia, brigava, e gostava de homens que era uma loucura. Trabalhava numa estalagem. De cozinheira. Dava de comer a cinquenta tipos e fodia com cinquenta e cinco.

A Shug fala e torna a falar.

- E havia a dança, - diz ela. - Ninguém dançava como o Albert quando era novo. Às vezes dançávamos a moochic durante uma hora. Depois disso não havia nada a fazer senão ir para qualquer lado e estender o corpo. E era divertido. O Albert era tão divertido. Eu passava a vida a rir. Porque é que deixou ele de ser assim? - Pergunta ela. - Porque é que agora mal se ri? Porque é que já não dança? Bom Deus. Que aconteceu ao homem que eu amava?

Fica calada um bocado. Depois diz:

- Fiquei pasmada quando disseram que ia casar com a Annie Julia. Demasiado pasmada para doer. Não acreditei. Afinal de contas o Albert sabia tão bem como eu que era preciso gostar muito para ser melhor do que era para nós. Era o tipo de amor que já não podia crescer mais. Julgava eu. Mas era um fraco, - diz ela. - O pai disse que eu não prestava, que a minha mãe também não. O irmão disse a mesma coisa. O Albert tentou lutar mas foi derrotado. Uma das coisas que lhe disseram para ele não se casar comigo foi eu já ter filhos. Mas são dele, disse ao velho Sr. E nós sabemos? Perguntou ele. Pobre Annie Julia, - diz a Shug. - Nunca teve uma oportunidade. Eu era tão malvada e tão louca, Senhor. Costumava andar por aí a

dizer: Não me interessa com quem casou vou foder com ele.

Cala-se por um minuto. Depois diz:

- E foi o que fiz. Fodíamos tão às claras que até dávamos má fama ao ato. Mas ele também fodia a Annie Julia, - diz ela, - e ela não tinha nada para lhe dar, nem sequer gostava dele. A família nunca mais lhe ligou quando casou. E depois começou a ter o Harpo e os outros. A seguir começou a dormir com o homem que a matou. O Albert dava-lhe sovas. Os filhos não a deixavam parar. Só gostava de saber no que terá pensado quando estava a morrer.

Eu sei no que estou a pensar, penso eu. Em nada. Mas em nada de nada, o mais que posso.

- Eu e a Annie Julia andemos as duas na escola, - diz a Shug. - Era bonita, caramba. Muito negra e com uma pele de cetim. Uns grandes olhos pretos que pareciam duas luas. E boazinha, também. Diabo, - diz a Shug. - Eu até gostava dela. Porque a fiz sofrer tanto? Conseguia que o Albert ficasse longe de casa uma semana inteira. Ela aparecia para lhe pedir dinheiro para comprar comida para os filhos, na mercearia.

Sinto gotas de água na minha mão.

- E quando cheguei aqui, tratei-te tão mal. Como se fosses uma criada. E tudo por o Albert ter casado contigo. E

eu nem sequer o queria para marido, - diz ela. - Nunca o quis, na verdade. Mas queria que me escolhesse porque a natureza já o tinha feito. A natureza disse: Vocês dois juntem-se, porque são um bom exemplo de como devem ser as coisas. Eu não queria que nada travasse isso. Mas o que era bom entre nós devia ser só entre os nossos corpos, - diz ela. - Porque eu não conheço o Albert que não dança, não ri, nunca fala, te bate e esconde as cartas da tua irmã. Quem é ele, afinal?

Eu não sei nada, penso. E ainda bem.

Meu Deus:

Agora sei que o Albert anda a esconder as cartas da Nettie, já percebi onde

é que estão. No baú. Todas as coisas importantes para o Albert vão para o baú. Está fechado à chave, mas a Shug pode arranjar a chave.

Uma noite quando o Sr. e o Grady saíram, abrimos o baú. Encontramos uma data de roupa interior da Shug, alguns postais ilustrados com imagens indecentes, e debaixo do tabaco todas as cartas da Nettie. Montes delas. Umas grossas, outras fininhas. Umas abertas, outras não.

- Que vamos fazer a isto? - Pergunto à Shug.

- É simples. Tiramos as cartas e deixamos os envelopes como estão. Não me parece que ele ligue muito a este canto do baú. Vou pô-las um pouco por ordem, - diz a Shug.

- Sim, - digo eu, - mas não aqui, vamos para o teu quarto e do Grady.

Assim ela levanta-se e vamos para o quartinho deles. A Shug senta-se numa cadeira ao lado da cama com as cartas todas da Nettie à volta dela, eu fico sentada na cama encostada às almofadas.

- Estas são as primeiras, - diz a Shug. - Aqui está o carimbo dos correios.

Diz a primeira carta: “Querida Ceglie: Tens que lutar e fugir do Albert. Ele não serve. Quando saí de casa, a pé, ele veio atrás de mim a cavalo. Quando já estava fora das vistas da casa chegou-se ao pé de mim e começou a tentar conversar. Sabes como faz as coisas: Não há dúvida de que estás bonita, Miss Nettie, e coisas

do gênero. Eu fiz um esforço para fingir que não via e para andar mais depressa, mas as minhas trouxas eram pesadas e o sol estava quente. Um bocado depois tive que descansar e foi quando ele saltou do cavalo e tentou beijar-me e arrastou-me para o bosque. Bom, comecei a lutar com ele, e com a ajuda de Deus, consegui magoá-lo o bastante para me deixar em paz. Mas ele estava um bocado zangado. Disse que por causa do que eu tinha feito nunca mais havia de saber de ti e tu nunca mais havias de saber de mim. Eu estava tão furiosa que tremia. De qualquer maneira lá consegui apanhar uma boleia para a cidade na carroça de uma pessoa qualquer. E essa pessoa empurrou-me na direção da casa do Padre. E qual não foi a

minha surpresa quando uma miudinha me abriu a porta e eu vi os teus olhos na cara dela. Com a amizade da Nettie.”

A seguinte dizia: “Querida Celie: Ainda estou a pensar que é demasiado cedo para ter carta tua. E sei como estás aflita com os filhos do Sr.. Mas sinto tanto a tua falta! Por favor, escreve, logo que pudes. Penso em ti todos os dias. Todos os minutos. O nome da senhora que viste na cidade é Corrine. O nome da menina é Olivia. O do marido é Samuel. O do rapzinho é Adam. São pessoas muito religiosas e muito boas para mim. Vivem numa casa bonita a seguir à igreja onde o Samuel prega e passamos muito tempo com as coisas da igreja. Digo (nós) porque eles

tentam sempre meter-me em tudo o que fazem, portanto não me sinto abandonada e só. Mas Senhor, tenho saudades de ti, Celie. Penso na ocasião em que te sacrificaste por mim. Quero-te de todo o coração. A tua irmã, Nellie.”

A seguinte diz: “Minha muito querida Celie: Nesta altura já estou quase doida. Acho que o Albert disse a verdade e que não te está a dar as minhas cartas. A única pessoa que penso que nos pode ajudar é o papá, mas não quero que descubra onde estou. Pedi ao Samuel se podia ir ver-te e ao Sr. só para saber como estás. Mas ele diz que não pode arriscar-se a meter-se entre marido e mulher, em especial quando não os conhece. E tenho pena

de ter pedido, visto ele e a Corrine terem sido tão bons para mim. Mas tenho o coração despedaçado. Não consigo encontrar trabalho nesta cidade e vou ter que ir embora. Depois, o que será de ti? Como havemos de saber o que está a suceder a uma e à outra? A Corrine e o Samuel e as crianças fazem parte de um grupo de gente a quem chamam Missionários, da American and African Missionary Society^{12}. Há tempos ajudavam os índios do Oeste e ajudam os pobres aqui da cidade. Tudo para se prepararem para o trabalho para que nasceram, o das Missões em África. Sinto horror de separar-me deles porque neste pouco tempo que estivemos juntos foram uma família para mim. Como a família devia ter sido, quero dizer. Se pude-

res, escreve. Aqui vão alguns selos. Com a amizade da Nettie.”

A seguinte, muito grossa, escrita dois meses depois, diz: “Querida Celie: Escrevi-te uma carta quase todos os dias no barco em que viemos para a África. Mas quando entramos na doca estava tão triste que rasguei todas aos bocados e atirei à água. O Albert não vai deixar-te ler as minhas cartas, portanto que interessa escrever? Foi o que senti quando as rasguei e atirei às ondas para tas levarem. Mas agora mudei de idéias. Lembro-me que uma vez disseste que a tua vida era uma vergonha tão grande que nem sequer podias falar nela a não ser a Deus, só a escrever, mesmo mal como escrevias. Bom,

agora sei o que querias dizer. Não sei se Deus lê as cartas ou não, mas sei que vais continuar a escrever. Isso para mim chega. De qualquer forma quando não te escrevo sinto-me tão mal como quando não rezo, fechada em mim mesma e a sufocar o meu próprio coração. Sinto-me tão só, Celie! Estou na África porque uma das missionárias que devia vir com a Corrine e o Samuel ajudar a tratar das crianças e a montar uma escola casou de repente com um homem que teve medo de a deixar vir e que se recusou a vir com ela para cá. Portanto, lá estávamos nós todos prontos, com um bilhete a mais e ninguém para o aproveitar. E eu não conseguia encontrar trabalho na cidade. Mas nunca sonhei em vir para a África! Nem nunca pensava nela

como um lugar a sério, embora o Samuel e a Corrine e até as crianças falassem dela constantemente. A Miss Beasley costumava dizer que era um local cheio de selvagens que não usavam roupa. Até mesmo a Corrine e o Samuel pensavam assim, às vezes. Mas sabiam muito mais sobre ela do que a Miss Beasley ou qualquer das nossas professoras e, além disso, falavam em todas as coisas boas que podiam fazer por toda aquela gente da qual descendiam. Pessoas que precisavam de Cristo e de conselhos médicos. Um dia fui à cidade com a Corrine e vimos a mulher do presidente da Câmara. A mulher do presidente andava a fazer compras-a entrar e a sair das lojas-e a criada esperava por ela na rua e levava-lhe os embrulhos. Não

sei se já viste a mulher do presidente. Parece uma gata toda molhada. E ali estava a criada que parecia a última das pessoas no mundo que se podia esperar que fosse criada de alguém, e especialmente não uma pessoa daquelas. Falei com ela. Mas pareceu-me que isso a envergonhava e de repente deu-me ideia que se apagava. Foi a coisa mais estranha do mundo, Celie! De repente estás a cumprimentar uma mulher viva. A seguir parece que a vida desapareceu e só ficou o corpo. Pensei toda essa noite nisso. Samuel e a Corrine disseram que sabiam como ela fora criada do presidente da Câmara. Que se tinha atirado a ele e que depois ele e a mulher a tinham tirado da prisão para trabalhar lá em casa. De manhã comecei a fazer pergun-

tas acerca da África e a ler todos os livros que a Corrine e o Samuel tinham acerca dela. Sabias que já havia cidades grandes na África, maiores que Milledgeville ou até Atlanta, há milhares de anos? Que os Egípcios, que construíram as pirâmides e fizeram dos Israelitas escravos, eram de cor? Que a Etiópia que conhecemos da Bíblia era a África? Bem, li que me fartei até julgar que os olhos me iam saltar da cabeça. Li que os Africanos nos venderam porque gostavam mais de dinheiro do que dos irmãos. Como foram para a América em barcos. Como eram obrigados a trabalhar. Não tinha percebido que era tão ignorante, Celie. Eu sabia tão pouco acerca de mim mesma que não dava nem para encher um dedal! E pensar que a Miss Be-

asley dizia que eu era a criança mais es-
perta que ela tinha ensinado! Mas há uma
coisa que lhe agradeço, foi ter-me ensina-
do a aprender sozinha, a ler e a estudar,
e a escrever com uma letra capaz. E por
eu ter ficado sempre com a vontade de sa-
ber. Portanto quando a Corrine e o Samu-
el me perguntaram se queria vir com eles e
ajudar a construir uma escola no meio da
África, disse que sim. Mas só se me ensi-
nassem tudo o que sabem para eu ser útil
como missionária alguém a quem pudes-
sem chamar amiga sem se envergonhar.
Concordaram com esta condição e foi en-
tão que comecei a ser realmente instruída.
Eles têm cumprido a sua palavra. E eu es-
tudo de dia e de noite. Oh, Celie, há pes-
soas de cor no mundo que querem que a

gente saiba! Que querem que a gente ande para a frente e veja a luz! Não são todos maus como o papá e o Albert, nem uns vencidos como a mamã era. A Corrine e o Samuel são um casal maravilhoso. Só tinham pena ao princípio por não poderem ter filhos. E depois dizem que (Deus) lhes enviou a Olivia e o Adam. Eu queria dizer-lhes que (Deus) lhes enviou a irmã e a tia deles, mas não disse. Sim, os filhos deles, enviados por (Deus) são nossos, Celie. E estão a ser criados com amor, caridade cristã e respeito a Deus. E agora (Deus) mandou-me para tomar conta deles, para os proteger e amar. Para ides dar todo o amor que te tenho a ti. É um milagre, não é? E para ti deve ser impossível acreditar. Mas, por outro lado, se puderes

acreditar que estou na África, e estou mesmo, então vais acreditar em tudo. A tua irmã, Nellie.”

A carta a seguir diz: “Querida Celine: Enquanto estávamos na cidade a Corrine comprou tecido para me fazer dois conjuntos de viagem. Um é verde azeitona e o outro é cinzento. Saias compridas e com roda e casacos iguais que se usam com blusas de algodão branco: botas com atacadores. Também me comprou um chapéu de palha de senhora com uma fita aos quadrados. Apesar de trabalhar para a Corrine e o Samuel e olhar pelas crianças não me sinto como se fosse criada deles. Acho que é por me estarem a ensinar e eu a ensinar as crianças e não haver prin-

cípio nem fim para ensinar e aprender e trabalhar, anda tudo ligado. Foi difícil ter que dizer adeus ao nosso grupo da igreja. Mas também foi um momento alegre. Toda a gente tem muita esperança no que se pode fazer na África. Em cima do púlpito estava uma frase: A Etiópia Erguerá as Suas Mãos a Deus. Pensa no que significa que a Etiópia é a África! Todos os Etíopes da Bíblia eram de cor. Nunca me tinha lembrado, embora quando se lê a Bíblia seja perfeitamente claro se se tomar em atenção só às palavras. São as gravuras que fazem confusão. As gravuras que ilustram as palavras. Toda aquela gente é branca e então pensamos que toda a gente de que a Bíblia fala era branca também. Mas naquela época as pessoas brancas vi-

viam noutros lados. É por isso que a Bíblia diz que Jesus Cristo tinha o cabelo como a lã de um cordeiro. A lã dos cordeiros não é lisa, Celie. Nem sequer só ondulada. O que eu podia contar acerca de Nova Iorque ou até do comboio que nos trouxe aqui! Tivemos que viajar na parte do comboio que tem assentos, mas Celie, há camas nos comboios! E um restaurante! E retretes! As camas saem das paredes, por cima dos assentos e chamam-se beliches. Só os brancos podem viajar nas camas e ir ao restaurante. E há retretes diferentes para a gente de cor. Um branco na Carolina do Sul, no cais, perguntou para onde íamos. Saímos do comboio para apanhar ar e para sacudir a terra e a poeira da roupa. Quando falemos na África pareceu ofendi-

do e intrigado. Negros a irem para a África, disse à mulher. Agora já vi tudo o que há para ver. Quando chegamos a Nova Iorque estávamos cansados e sujos. Mas tão excitados! Escuta, Celie, Nova Iorque é uma cidade linda! E os negros têm um bairro inteiro que se chama Harlem. Há mais gente de cor em carros modernos do que julguei que pudesse existir, e a viver em casas que são mais elegantes do que a de qualquer branco lá da terra! Há mais de cem igrejas! E fomos a todas. E eu fui apresentada com o Samuel e a Corrine e as crianças a todas as congregações e às vezes ficamos de boca aberta com a generosidade e bondade daqueles corações das pessoas do Harlem. Vivem com uma beleza e dignidade, Celie. E dão imensas coi-

sas e depois procuram e dão mais ainda, quando se fala na palavra (África). Adoram a África. Defendem-na prontamente. E por falar em prontamente, se tivéssemos passado com os chapéus estendidos, eles não chegavam para receber os donativos todos para o nosso empreendimento. Até as crianças rebuscavam nos bolsos, por um centimo. Por favor, dêem isto às crianças de África, diziam. Estavam tão bem vestidos, Celie. Gostava que pudesses ter visto. Agora há moda no Harlem para os rapazes: usam uma coisa chamada calças à golfe - uma espécie de calças em forma de saco, apertadas mesmo abaixo do joelho e as raparigas usam grinaldas de flores na cabeça. Devem ser as crianças mais belas que há, o Adam e a

Olivia não tiravam os olhos delas. Depois houve os jantares para que fomos convidados, os pequenos almoços, os almoços, os jantares. Eu já peso mais dois quilos e meio só de provar. Estava demasiado excitada para comer a sério. E toda aquela gente tem retretes dentro de casa, Celie. E luzes de gás ou de eletricidade! Bom, tivemos que estudar o dialeto ainda durante duas semanas, que é o que fala a gente de lá. Depois fomos examinados por um médico (de cor) e a Sociedade Missionária de Nova Iorque deu-nos artigo médico para nós e para a aldeia que nos ia albergar. Quem dirige a Sociedade é gente branca e não nos disseram que se importam nem muito nem pouco com a África, só falaram de dever. Já há uma mu-

lher branca missionada, não muito longe na nossa aldeia, que vive na África há vinte anos. Dizem que os nativos gostam muito dela embora ache que eles são de uma espécie completamente diferente daquilo a que ela chama Europeus. Os Europeus são brancos que vivem num lugar chamado Europa. Foi daí que veio a gente branca da nossa terra. Ela diz que um malmequer africano e um malmequer inglês são ambos flores, mas de tipos totalmente diferentes. O homem da Sociedade diz que ela tem êxito porque não (acarinha^{[13](#)}) os seus pupilos. Também fala a língua. É um branco que olha para nós como se não pudessemos ser tão bons para os Africanos como é esta mulher. Fiquei com o moral um bocado em baixo depois de estar

na Sociedade. Em todas as paredes havia a fotografia de um branco. Um chamava-se Speke, outro chamava-se Livingstone. Outro chamava-se Daly. Ou seria Stanley? Procurei uma da mulher branca mas não havia. O Samuel também parecia um bocado triste, mas arrebitou e lembrou-nos que tínhamos uma grande vantagem. Não éramos brancos. Não éramos Europeus. Éramos negros como os próprios Africanos são. E que nós e eles íamos trabalhar com um fim comum: o progresso da gente de cor de todo o mundo. A tua irmã, Nellie”

“Querida Celie: O Samuel é um homem alto. Anda quase sempre de negro, tirando o colarinho clerical. E é negro.

Até se ver os seus olhos pensa-se que é melancólico, até maldoso, mas tem os olhos castanhos mais profundos e amáveis do mundo. Quando diz qualquer coisa isso acalma as pessoas, porque nunca fala sem saber o que diz e nunca é para desanimar ou para magoar. A Corrine é uma mulher cheia de sorte por ele ser seu marido. Mas deixa-me contar-te tudo acerca do barco! O barco, chamado The Malaga, tinha três andares! E tinha quartos (chamados camarotes) com camas. Oh, Celie, estar-se numa cama no meio do oceano! E o oceano! Celie, há mais água do que se pode imaginar num só sítio. Levamos duas semanas a atravessá-lo! E depois estivemos na Inglaterra, que é um país cheio de brancos e com alguns muito amáveis que

também têm a sua Anti-Slavery & Missionary Society^{14}. As igrejas na Inglaterra também têm muita vontade de nos ajudar e os brancos, tanto homens como mulheres, que são iguais aos da nossa terra, convidaram-nos para as suas reuniões e para as suas casas, onde tomemos chá e falamos do nosso trabalho. O (chá) para os Ingleses parece mesmo um piquenique dentro de casa. Imensos sanduíches e Solinhos e chá quente, é claro. Todos nos servimos das mesmas chávenas e pratos. Toda a gente disse que eu pareço muito nova para ser uma missionária, mas o Samuel disse que eu tinha muita força de vontade e que, de qualquer maneira, as minhas primeiras tarefas eram ajudar a tratar das crianças e ensinar uma ou

duas turmas do jardim infantil. O nosso trabalho começou a ficar um pouco mais claro na Inglaterra porque os Ingleses têm mandado missionários para a Africa, a India, a China e sabe Deus para onde mais, durante mais de um século. E as coisas que eles têm trazido! Passamos uma manhã toda num museu que estava atapulhado de jóias, mobílias, tapetes de pele, espadas, roupas, até túmulos de todos os países onde tinham estado. Da África têm milhares de vasos, jarras, máscaras, tigelas, cestos, estátuas e são todos tão bonitos que custa a acreditar que o povo que fez tudo aquilo já não existe. E contudo os Ingleses dizem que já não existe. Embora os Africanos tivessem outrora uma civilização melhor que os Europeus (embora é

claro os Ingleses não o digam, eu descobri quando li um homem chamado J. A. Rogers) durante vários séculos têm passado tempos difíceis.. (Tempos difíceis) é o que os Ingleses adoram dizer quando falam da África. E acaba por ser fácil esquecer que os (tempos difíceis) da África foram difíceis por causa deles mesmos. Milhões e milhões de Africanos foram apanhados e vendidos como escravos, tu e eu, Celie! E cidades inteirinhas foram destruídas por guerras em que se apanhavam escravos. Hoje o povo africano, depois de ter assassinado ou vendido como escravos os seus filhos mais fortes, está atacado pela doença e afundado numa confusão espiritual e física. Acredita no diabo e presta culto aos mortos. Não sabe ler nem escre-

ver. Por que nos venderam? Como puderam fazer uma coisa dessas? E porque ainda gostamos deles? Estes eram os meus pensamentos enquanto andávamos pelas ruas geladas de Londres. Estudei a Inglaterra num mapa, tão clara e serena, e fiquei com esperança, apesar do que penso, que se pode fazer muito bem à África, se se trabalhar muito e se houver idéias que prestem. E depois fomos para a África. Deixámos Southampton, na Inglaterra, a 24 de Julho, e chegamos a Monróvia, Libéria, a 12 de Setembro. No caminho paramos em Lisboa, Portugal, e em Dacar, Senegal. Monróvia foi a última terra onde estivemos entre gente a que estávamos habituados, de certo modo, porque é um país africano (fundado) por anti-

gos escravos americanos que vieram viver para a África. Eu pensava em alguns dos seus pais ou avós que tinham sido vendidos em Monróvia, e no que sentiam eles, outrora vendidos como escravos, agora de volta, para governarem, tendo eles laços estreitos com o país que os comprou. Celie, agora tenho que acabar. Agora o sol já não está tão forte e tenho que preparar as aulas da tarde e as vésperas. Quem me dera que estivesses comigo, ou eu contigo. Com amizade, da tua irmã, Nettie.”

“Minha muito querida Celie: Foi muito estranho parar em Monróvia depois de ter visto a África pela primeira vez, o Senegal, quero dizer. A capital do Senegal é Dacar e as pessoas falam a sua

própria língua, acho que é o senegalês, e falam também francês. São as pessoas mais escuras que já vi, Celie. São negras como aquelas pessoas de quem dizemos: (Fulano é mais preto do que preto, é tão preto que até parece azul.) São tão negros, Celie, que até brilha. Que é uma coisa que as pessoas da nossa terra gostam de dizer dos negros mesmo negros. Mas Celie, imagina tu uma cidade cheia dessa gente brilhante, preta azulada com vestidos azuis e brilhantes cheios de desenhos de acolchoados elegantes. Altos, magros, com pescoços compridos e costas direitas. Consegues imaginá-los, Celie? Porque, para mim, era como se estivesse a ver gente negra pela primeira vez. E Celie, parece uma coisa fantástica. Porque o negro é tão

negro que tolda os nossos olhos, e existe um brilho que parece vir da lua, a sério, por ser tão luminoso, mas a pele brilha também ao sol. Mas não gostei nada dos senegaleses que estavam no mercado. Só se ralavam com a venda dos seus produtos. Se não comprássemos, passavam a não nos ligar, olhando para nós com a mesma indiferença com que olhavam para os brancos-franceses que lá vivem. De certo modo eu não esperava ver gente branca na África, mas há muita. E nem todos são missionários. Também há montes deles em Monróvia. E o presidente, que se chama Tubman, tem alguns no seu gabinete. Também tem lá muitos homens de cor que parecem brancos. Na nossa segunda tarde em Monróvia tome-

mos chá no palácio do presidente. É muito parecido com a casa branca americana (onde vive o nosso presidente) diz o Samuel. O presidente falou um bocado dos esforços que faz para tentar desenvolver o país e dos problemas com os nativos, que não querem trabalhar para ajudar o país a ficar rico. Foi a primeira vez que ouvi um negro usar essa palavra. Sabia que para os brancos toda a gente de cor é nativa. Mas ele pigarreou e disse que apenas queria falar dos (nativos) da Libéria. Não vi nenhum desses (nativos) no gabinete dele. E nenhuma das esposas dos membros do gabinete podia passar por nativa. Em comparação com elas, com as suas sedas e pérolas, a Corrine e eu estávamos uma desgraça, já para não dizer que não estáva-

mos vestidas para a ocasião. Mas acho que as mulheres que vimos no palácio passam muito tempo a vestir-se. Mesmo assim, não pareciam contentes. Nem sequer como os alegres professores que vimos por acaso, quando levavam os seus rebanhos de alunos para a praia, onde iam nadar. Antes de partirmos fomos ver uma das grandes plantações de cacau. São só árvores de cacau até perder de vista. E aldeias inteirinhas construídas mesmo no meio dos campos. Vimos as famílias cansadas a regressar a casa do trabalho, ainda com os seus baldes de sementes de cacau (onde no outro dia metiam o almoço) e às vezes eram mulheres que levavam os filhos às costas. Tão cansadas e ainda cantavam, Celie! Como nós na nossa terra. Por

que cantam as pessoas cansadas? Perguntei à Corrine. Estão demasiado fatigadas para fazer outra coisa qualquer, disse ela. Além disso, os campos de cacau não são delas, Celie, nem sequer são do presidente Tubman. São de umas pessoas que vivem num sítio chamado Holanda. As pessoas que fazem chocolates holandeses. E há capatazes que verificam se as pessoas trabalham a sério e que vivem em casas de pedra que ficam a cada canto do campo. Tenho que ir, mais uma vez. Já toda a gente se deitou e eu escrevo à luz do candeiro. Mas a luz atrai tantos insetos que estou a ser comida viva. Tenho picadas por todo o lado, incluindo no couro cabeludo e nas solas dos pés. Mas... Eu falei na primeira vez que vi a costa africana? Bateu-

me qualquer coisa no coração, Celie, como um grande sino, e fiquei a vibrar. A Corrine e o Samuel sentiram o mesmo. E ajoelhámos ali mesmo, no convés, e agradecemos a Deus por nos deixar ver a terra por que choraram as nossas mães e os nossos pais e viveram e morreram para a verem de novo. Oh, Celie! Serei alguma vez capaz de te contar tudo? Não me atrevo a pedi-lo, bem sei. Mas deixo tudo ao cuidado de Deus. A tua irmã e amiga de sempre Nettie.”

Meu Deus:

Com tanta aflição e choro e assoa-delas de nariz, e tanto esforço para tentar descobrir o que eram palavras que eu não conhecia, levei muito tempo a ler só as

duas ou três primeiras cartas. Na altura em que chegamos à parte em que ela estava bem e já instalada na África, o Sr. e o Grady voltaram para casa.

- Achas que te aguentas? - Perguntou a Shug.

- Como vou fazer para não o matar? - Digo eu.

- Não faças isso, - diz ela. - A Nettie não tarda a voltar. Não a faças pensar em ti como nós pensamos na Sofia.

- Mas é tão duro, - digo eu, enquanto a Shug despeja a mala dela para meter as cartas.

- Para Cristo também foi duro, - diz a Shug. - Mas aguentou. Lembra-te disso. Não matarás, disse ele. E talvez qui-

sesse dizer ainda: a começar por mim. Sabia os parvos com quem estava a lidar.

- Mas o Sr. não é Cristo. E eu não sou Cristo, - digo eu.

- Vales muito para a Nettie, - diz ela. - E ia aos arames se tu mudasses, agora que ela está quase a voltar.

Ouvimos o Grady e o Sr. na cozinha. Os pratos faziam barulho e a porta do armário da comida abria e fechava.

- Não, claro que me sinto melhor se o matar, - digo eu. - Sinto-me agoniada. Tonta, agora.

- Não, não te sentes. Ninguém se sente melhor por matar alguém. Só sentem qualquer coisa, e pronto. É melhor que nada. Celie, - diz ela, - a Nettie não é a

única pessoa com quem te deves preocupar.

- Então com quem? - Pergunto eu.

- Comigo. Celie, pensa só um bocadinho em mim, Miss Celie, se matas o Albert só me resta o Grady. Nem sequer posso suportar tal pensamento.

Rio, pensando nos dentes enormes do Grady.

- Faz com que o Albert me deixe dormir contigo de agora em diante enquanto cá estás, - digo eu.

E foi o que ela fez, não sei como.

Meu Deus. Eu e a Shug dormimos como irmãs. Por mais que queira estar com ela, por muito que goste de olhar para ela, as minhas mamas ficam moles, o meu grelo nunca fica saído. Agora sei que estou morta. Mas ela diz:

- Não, é só por estares furiosa, magoada, com vontade de matar quem te põe assim. Não há motivo para te ralares. As mamas vão arrebitar, o grelo vai ficar saliente. Gosto de te abraçar e pronto, - diz ela. - Fazer-te festas. Assim de repente não preciso de mais nada.

- Sim, - digo eu. - Abraçar é bom. E fazer festas. É tudo bom.

Ela diz:

- Momentos como estes acalmam, devíamos fazer qualquer coisa diferente.

- O quê? - Pergunto.

- Bom, - diz ela, olhando para mim de cima a baixo. - Vamos fazer umas calças para ti.

- Para que quero eu as calças? Não sou nenhum homem.

- Não comeces com pena de ti, - diz ela. - Não tens um vestido que te sirva para nada. Também não há um modelo que te fique bem.

- Não sei, - digo. - O Sr. tem calças.

- Essa agora! - Diz a Shug. - És tu que fazes o trabalho todo. É um escândalo a maneira como andas a lavrar com um vestido. Não sei como não caís ou como o arado não se prende no vestido. Não consigo perceber.

- Sim? - digo eu.

- Sim. E há mais, eu costumava vestir as calças do Albert quando ele me arrastava a asa. E ele uma vez enfiou o meu vestido.

- Não, não pode ser. É capaz de não me deixar ver.

- É, pois. Costumava ser muito cômico. Não como agora. Mas gostava de me ver de calças. Era como uma capa vermelha à frente dum touro.

- Afe! - digo. - Tento imaginar a cena mas não gosto nem um bocadinho.

- Bem, sabes como eles são, - diz a Shug.

- E vamos fazer as calças com quê?
- Pergunto.

- Temos que arranjar a farda de alguém, - diz a Shug. - Para praticarmos. É um tecido bom e de borla.

- Do Jack, - digo eu. - O marido da Odessa.

- Isso mesmo, diz ela. - E todos os dias vamos ler as cartas da Nettie e coser.

Uma agulha e não uma navalha nas minhas mãos, penso eu. Ela não diz nada, só se chega a mim e dá-me um abraço.

Meu Deus:

Agora que sei que a Nettie está viva começo a ter os pés um pouco mais assentes no chão. Penso. Quando ela vier vamos sair daqui. Ela e eu e os meus dois filhos. Como são? Pergunto a mim mesma. Mas custa-me pensar neles. Tenho vergo-

nha. Mais do que amor, para ser franca. E depois ficam bem aqui? Portam-se bem e tudo o mais? A Shug diz que os filhos nascidos de incesto se tornam idiotas. O incesto é obra do diabo. Mas penso na Nettie. Está calor aqui, Celie, escreve ela. Mais calor que em Julho. Mais calor que em Julho e Agosto juntos. É um calor como quando se faz comida num grande fogão e numa cozinha pequena em Agosto e Junho. Que calor!

“Querida Celie: Um africano da aldeia para onde vamos foi ter conosco ao barco. O nome dele depois de ser batizado é Joseph. É baixo e gordo e as mãos parece que não têm ossos. Quando me tocou a mão, parecia que ia cair qualquer

coisa macia e úmida e eu quase que tentei apanhá-la. Fala um bocado de inglês, o que eles chamam pidgin. É muito diferente da maneira como falamos, mas de certa maneira não nos é estranho. Ajudou-nos a descarregar as nossas coisas do barco para os outros que vinham buscar-nos. Eram apenas canoas escavadas em troncos de árvores, como têm os índios, como as que aparecem nas gravuras. Enchemos três delas com todos os nossos pertences e na quarta metemos os remédios e os artigos para a escola. No barco fomos entretidos pelas canções dos nossos barqueiros enquanto tentavam passar uns à frente dos outros até à praia. Ligavam-nos muito pouco assim como ao nosso carregamento. Quando chegamos à praia não se ra-

laram nada a ajudar-nos e até atiraram algumas coisas para a água. Logo que pobre do Samuel lhes deu uma gorjeta, que o Joseph disse que era grande demais, começaram a gritar para outro grupo de gente que estava à espera à beira da água para ir para o barco. O porto é bonito, mas muito pouco fundo para os navios grandes que utilizamos. Assim é um bom negócio para os barqueiros, durante a estação em que os barcos atracam. Estes barqueiros são todos bastante maiores do que o Joseph e têm músculos, embora eles, como o Joseph, sejam cor de chocolate escuro. Não são negros, como os Senegaleses. E, Celie, têm os dentes mais fortes, mais limpos, mais brancos do mundo! Pensei muito em dentes na viagem, por-

que tive dores quase todo o tempo. Sabes que os meus dentes não prestam para nada. E na Inglaterra fiquei pasmada com os dentes dos Ingleses. Tão tortos, geralmente, e escuros por se estragarem. Penso se será da água inglesa. Mas os dentes dos Africanos fazem-me lembrar os dos cavalos, tão bem formados, direitos e fortes. A (cidade) do porto é do tamanho da loja de ferragens dum grande armazém da nossa cidade. Lá dentro há quiosques cheios de tecidos, lanternas-à-prova-de-vento e petróleo, mosquiteiros, camas de campismo, camas de rede, machados, enxadas, catanas e outros utensílios. A zona toda é dirigida por um branco, mas alguns dos quiosques que vendem mantimentos estão arrendados a africanos. O

Joseph apontou coisas que precisávamos comprar. Uma grande panela de ferro para ferver água e uma bacia de zinco para a roupa, mosquiteiros, pregos, martelo, serra e picareta. Petróleo e candeeiros. Como no porto não se podia dormir, o Joseph contratou para carregadores alguns rapazes que andavam pelo entreposto comercial e largamos direitos a Olinka, que fica a perto de quatro dias de marcha pela floresta. Selva, para ti. Ou talvez não. Sabes o que é uma selva? Bom. Árvores e mais árvores e ainda mais árvores. E grandes. Tão grandes que parece que alguém as fez. E trepadeiras. E fetos. E animai-zinhos. Rãs. Também serpentes, segundo o Joseph. Mas graças a Deus não vimos nenhuma, apenas lagartos corcundas, tão

grandes como o teu braço, que as pessoas aqui apanham e comem. Adoram carne. Toda a gente da aldeia. Às vezes, se não se consegue que façam qualquer coisa doutra maneira qualquer, começa-se a falar em carne, seja um pedaço pequeno que se tem a mais ou então, se a gente quiser algo de mais importante, fala-se em barbecue. Sim, em barbecue. Fazem-me lembrar as pessoas lá da terra! Bom, chegamos aqui. E pensei que nunca mais me livrava das rugas nas ancas por ter sido trazida numa rede todo o caminho. Toda a gente da aldeia se juntou à nossa volta. Vinham de pequenas cabanas redondas com qualquer coisa no topo que julguei que era palha mas que é afinal umas folhas que crescem por todo o lado. Cortam-nas e põem-

nas em camadas umas em cima das outras, de forma a terem telhados onde a chuva não entre. Isto é trabalho das mulheres. Os homens espetam as estacas para a cabana e às vezes ajudam a construir as paredes com lama e pedras dos cursos de água. Nunca viste pessoas com caras tão cheias de curiosidade como as dos aldeões que nos rodeavam. Primeiro só olhavam. Depois uma ou duas mulheres tocaram na minha roupa e na da Corrine. O meu vestido estava tão sujo na bainha por ser arrastado pelo chão durante três noites em que cozinhamos em volta de uma fogueira que até tive vergonha de mim. Mas então olhei para a roupa que traziam. A maior parte parecia que tinha sido arrastada através do pátio pelos porcos. E não lhes

servia. Então mexeram-se um bocado - ninguém tinha dito ainda uma palavra - e tocaram no meu cabelo. Depois olharam para os nossos sapatos. Nós olhamos para o Joseph. Ele disse-nos que faziam aquilo porque os missionários antes de nós eram brancos, e vice-versa. Os homens tinham estado no porto, alguns deles, e tinham visto o comerciante branco, portanto sabiam que os brancos podiam fazer também outras coisas. Mas as mulheres nunca tinham ido ao porto e a única branca que conheciam era a missionária que sepultaram havia um ano. O Samuel perguntou se tinham visto alguma vez a missionária branca que vivia a trinta quilômetros, e ele disse que não. Trinta quilômetros pela selva é uma viagem muito comprida. Os ho-

mens podiam caçar até quinze quilômetros em redor da aldeia, mas as mulheres ficavam nas cabanas e nos campos. Então uma das mulheres fez uma pergunta. Nós olhamos para o Joseph. Ele disse que a mulher queria saber se as crianças eram minhas ou da Corrine ou de ambas. O Joseph explicou que eram da Corrine. A mulher olhou para nós as duas e disse mais qualquer coisa. Nós olhamos para o Joseph. Ele disse que a mulher tinha dito que ambas se pareciam comigo. Rimos todos com muita delicadeza. Depois outra mulher fez outra pergunta. Queria saber se eu também era mulher do Samuel. O Joseph disse que não que eu só era uma missionária como o Samuel e a Corrine. Então houve uma pessoa que disse

que nunca tinha desconfiado que os missionários podiam ter filhos. E outro disse que nunca tinha sonhado que pudesse haver missionários negros. Então alguém disse que tinha sonhado, também na noite anterior, que os novos missionários eram negros e que dois eram mulheres. Por essa altura havia muita excitação. Cabecinhas começavam a aparecer por trás das saias das mães e por cima dos ombros das irmãs mais velhas. E quase fomos arrastados entre os aldeões, cerca de trezentos, até uma cabana sem paredes mas com um teto de folhas, onde nos sentamos todos no chão, com os homens na frente, as mulheres e as crianças atrás. Houve então muito bichanar que se ouvia entre vários anciões que pareciam os velhos da igreja

da nossa terra com as calças que pareciam sacos e casacos cheios de brilho, mal enforcados: Os missionários negros bebem vinho de palma? A Corrine olhou para o Samuel e o Samuel olhou para a Corrine. Mas eu e as crianças já estávamos a beber, porque alguém já nos tinha metido nas mãos copinhos de barro castanho e estávamos demasiado nervosos para não começar a beberriá-lo. Chegamos ali perto das quatro horas e ficamos sentados por baixo do toldo de folhas até às nove. Foi ali que fizemos a nossa primeira refeição, galinha e um estudo de amendoins que comemos com as mãos. Mas a maior parte do tempo ouvimos canções e vimos danças que levantavam montes de poeira. Mas a parte mais importante da ce-

rimônia de boas-vindas foi acerca das folhas do teto, que o Joseph foi traduzindo enquanto um dos aldeões recitava a história que falava disso. As pessoas daqui julgam que sempre viveram neste local onde fica agora a aldeia. E que tem sido um local bom para eles. Plantam campos de mandioca e têm grandes colheitas. Plantam amendoins e é a mesma coisa. Plantam inhame e algodão e milho-miúdo. Plantam tudo. Mas uma vez, há muito tempo, um homem da aldeia quis mais que a sua porção de terra para cultivar. Queria mais colheitas para vender o excedente aos brancos da costa. Como nesse tempo era chefe, a pouco e pouco foi ficando com mais terra da comunidade, e foi arranjando cada vez mais esposas pa-

ra tratarem dela. À medida que a sua cobiça crescia também começou a cultivar a terra onde cresciam as folhas para os telhados. Até as suas mulheres estavam preocupadas com aquilo e tentaram queixar-se, mas eram preguiçosas e ninguém lhes ligou nenhuma. Ninguém se conseguia recordar de uma época em que não existissem folhas para os telhados em grandes quantidades. Mas finalmente o ganancioso chefe ficou com tanta terra que até os anciões se começaram a preocupar. Então ele começou a comprá-los com machados e tecidos e panelas para cozinhar que arranjava nos negociantes da costa. Foi então que rebentou uma grande tempestade, durante a estação das chuvas, que destruiu todos os telhados de todas as ca-

banas da aldeia e as pessoas descobriram com desanimo que já não havia folhas. Onde dantes cresciam as folhas desde o princípio dos tempos, só havia mandioca, Milho-miúdo e Amendoins. Durante seis meses os céus e os ventos martirizaram o povo de Olinka. A chuva caía como flechas, rompendo a lama das suas paredes. O vento era tão violento que arrancava as pedras das paredes e as atirava para dentro das panelas de cozinhar. Depois pedras frias, do feitio de grãos de milho-miúdo, caíram do céu, maltratando toda a gente, homens, mulheres e crianças, e provocando febres. Primeiro adoeceram as crianças, depois os pais. De repente a aldeia começou a desaparecer. Perto do fim da estação das chuvas, já não existia metade da

aldeia. As pessoas rezaram aos seus deuses e esperaram com impaciência pela estação seguinte. Logo que a chuva parou correram para os velhos campos de folhas e tentaram encontrar as antigas raízes. Mas, da ilimitada quantidade que ali sempre existira, apenas sobravam algumas dúzias. Só há cinco anos as folhas cresceram de novo com toda a força. Durante estes cinco anos muita gente morreu na aldeia. Muitos partiram, para não voltarem. Muitos foram devorados pelos animais. Muitos, muitos estiveram doentes. Deram ao chefe todos os utensílios comprados nas lojas e obrigaram-no a deixar a aldeia para sempre. As suas esposas foram dadas a outros homens. No dia em que todas as cabanas tiveram outra vez telhados feitos

com as folhas, os aldeões comemoraram o acontecimento cantando e dançando e contando a história. Passaram a cultivar as folhas. Olhando sobre as cabeças das crianças no fim da história, vi aproximar-se de nós, devagar, uma coisa grande, castanha e cheia de picos, do tamanho de uma sala, com uma dúzia de pernas a andarem lentamente e cuidadosamente. Quando chegou ao nosso toldo, foi-nos apresentada. Era o nosso telhado. Quando se aproximava, as pessoas faziam reverências. O missionário branco antes de vocês não nos deixou pôr em prática esta cerimônia, disse o Joseph. Mas os Olinkas gostam muito dela. Sabemos que um telhado de folhas não é Jesus Cristo, mas à sua maneira humilde não é Deus? Portan-

to ali estávamos sentados, Celie, a olhar para o Deus dos Olinkas. E, Celie, eu estava tão cansada e cheia de sono e de galinha e de estufado de amendoins, com os ouvidos a tremerem por causa das canções, que tudo o que Joseph dizia era perfeitamente lógico para mim. Penso no que irás achar de tudo isto. Com amizade, A tua irmã, Nettie.”

“Querida Celie: Passou muito tempo desde que tive tempo para te escrever. Mas todos os dias, faça o que fizer, estou sempre a escrever-te. Querida Celie, digo eu mentalmente no meio das Vésperas, a meio da noite, enquanto faço a comida: Querida, querida Celie. E imagino que realmente recebeste as minhas cartas e que

estás a escrever também: Querida Celie, a vida para mim é assim. Saímos da cama às cinco da manhã para um pequeno-almoço ligeiro de papas de milho moído e fruta, e para as aulas da manhã. Ensina-mos às crianças inglês, leitura, escrita, história, geografia, aritmética e os episódios da bíblia. Às onze paramos para o almoço e para as tarefas caseiras. Da uma às quatro faz muito calor para nos mexermos, portanto algumas mães sentam-se por trás das suas cabanas e cosem. Às quatro ensinamos as crianças mais velhas e à noite os adultos. Algumas das crianças mais velhas estão habituadas a vir à escola da missão, mas não as mais pequenas. As mães às vezes arrastam-nas para aqui, aos gritos e aos pontapés. São todos rapazes. Rapa-

riga é só a Olivia. Os Olinkas acham que as raparigas não devem ser ensinadas. Quando perguntei a uma mãe o que pensava, ela disse: Uma rapariga por si mesma não é nada, só quando tem marido é que se torna em qualquer coisa. Torna-se quê? Perguntei. Ora, disse ela, na mãe dos seus filhos. Mas eu não sou a mãe dos filhos de ninguém e sou qualquer coisa, disse eu. Nada por aí além. Apenas o pau para toda a obra do missionário. É verdade que trabalho mais do que alguma vez sonhei, e que varro a escola e trato da igreja depois das cerimônias, mas não me sinto nenhum pau para toda a obra. Fiquei admirada por aquela mulher, que foi batizada como Catherine, me ver assim. Tem uma rapariguita, a Tashi, que brinca com a Oli-

via depois da escola. O Adam é o único rapaz que fala com a Olivia na escola. Não estão a ser maus para com ela, é só o quê? Porque ela está onde fazem (coisas de rapazes) nem reparam nela. Mas não tenhas medo, Celie, a Olivia é teimosa e lúcida e mais esperta do que todos eles, mesmo o Adam. Porque não pode a Tashi ir à escola? Perguntou-me ela. Quando lhe expliquei que os Olinkas acham que as raparigas não devem ser ensinadas, ela disse, enquanto o diabo esfrega um olho: São como a gente branca lá da terra que não querem que a gente de cor aprenda. Oh, é esperta como um alho, Celie. Ao fim do dia, quando a Tashi consegue livrar-se de todas as tarefas que a mãe lhe confia, ela e a Olivia esgueiram-se para a minha cabana e

a Olivia ensina à Tashi tudo o que aprendeu. Para a Olivia, a Tashi tornou-se imediatamente na África toda. A África que ela esperava achar enquanto atravessava o oceano. Tudo o mais é difícil para ela. Os insetos, por exemplo. Não sei porquê mas todas as picadas se tornam feridas profundas, com pus, e custa-lhe muito a dormir de noite porque os ruídos da floresta a assustam. Está a levar muito tempo a habituar-se à comida, que alimenta, mas que, na sua maior parte, é preparada de qualquer maneira. As mulheres da aldeia fazem turnos para cozinhareм para nós, e algumas são mais asseadas e mais conscienciosas do que as outras. A Olivia fica agoniada se comer os alimentos preparados por todas as mulheres do chefe. O Samuel acha

que pode ser da água que usam, que vem de uma nascente à parte que corre mesmo na estação seca. Mas nós não sofremos nenhuns efeitos que nos façam mal. É como se a Olivia tivesse medo da comida daquelas mulheres por parecerem tão infelizes e trabalharem tanto. Sempre que a vêem falam-lhe do dia em que ela se tornará a sua esposa/irmã mais nova. É só a brincar, e são amigas dela, mas eu gostava mais que não dissessem nada. Embora sejam infelizes e trabalhem como burros de carga ainda pensam que é uma honra ser mulher do chefe. Ele anda por aqui o dia inteiro de barriga espetada, a falar e a beber vinho de palma com o curandeiro. Por que dizem elas que vou ser uma das mulheres do chefe? Pergunta a Olivia. É o

pensamento mais elevado que podem ter, digo eu. Ele é gordo e lustroso e tem uns dentes enormes e perfeitos. A Olivia acha que ele lhe provoca pesadelos. Vais crescer e ser uma mulher cristã muito forte, digo-lhe eu. Alguém que ajude o seu povo a ir em frente. Hás de ser professora ou enfermeira. Hás de viajar. Vais conhecer muitas pessoas mais importantes que o chefe. E a Tashi também? Quer ela saber. Sim, digo-lhe, a Tashi também. A Corrine disse-me esta manhã: Nettie, para pôr cobro a qualquer tipo de confusão nas cabeças desta gente, acho que devemos chamar uns aos outros irmão e irmã, sempre. Alguns deles parecem não conseguir meter naquelas cabeças duras que tu não és a outra mulher do Samuel. Não gosto nada

disto, disse ela. Quase desde o dia em que chegamos que tenho reparado que a Corrine mudou. Mas não está doente. Trabalha tanto como sempre. Ainda é bondosa e tolerante. Mas por vezes sinto que a sua alma está ser posta à prova e que algo nela não está em paz. Ainda bem, disse eu. Estou satisfeita por teres pensado nisso. E não deixes as crianças chamarem-te Mamã Nettie, disse ela, nem sequer a brincar. Isso aborreceu-me um pouco, mas não respondi. As crianças chamam-me às vezes Mamã Nettie porque sou muito carinhosa com elas. Mas nunca tento roubar o lugar da Corrine. E há mais uma coisa, disse ela. Acho que não devemos pedir roupas emprestadas uma à outra. Bem, ela nunca me pede nada emprestado porque não tenho

nada que se veja. Mas eu estou sempre a pedir-lhe a ela. Sentes-te bem? Perguntei-lhe. Ela disse que sim. Gostava que pudesses ver a minha cabana, Celie. Adoro-a. Ao contrário da escola, que é quadrada, e da igreja, que não tem paredes-pelo menos na estação seca-a minha cabana é redonda, tem paredes e um telhado redondo, de folhas. Tem vinte passas de diâmetro e está mesmo bem para mim. Nas paredes de barro pendurei pratos de madeira feitos pelos Olinkas e esteiras e pedaços de tecido tribal. Os Olinkas são célebres pelos seus belos tecidos de algodão, feitos à mão e tintos com bagas, barro, anil e casca de árvore. Depois tenho no meio o meu fogão a petróleo e a um lado uma cama de campanha com um mosquiteiro,

que a faz parecer a cama de uma noiva. Depois tenho uma mesinha para escrever, onde te escrevo a ti, um candeeiro e um banco. No chão pus umas esteiras de junco, lindas. Está tudo cheio de cor e acolhedor, com um ar caseiro. Só queria agora uma janela! Nenhuma das cabanas tem janelas e quando falei nisso às mulheres riram a bandeiras despregadas. Dá ideia que a estação das chuvas torna cômica a ideia de uma janela. Mas estou resolvida a ter uma, mesmo que todos os dias se forme um rio no chão. Dava tudo por um retrato teu, Celie. No meu baú tenho gravuras que nos deram nas sociedades missionárias da Inglaterra e da América. Gravuras de Cristo, dos Apóstolos, da Virgem Maria, da Crucificação. De Speke, de Livingsto-

ne, de Stanlty, de Schweitzer. Talvez um dia as pendure, mas uma vez, quando as pus nas minhas paredes cobertas de tecidos e de esteiras, fizeram-me sentir insignificante e infeliz, portanto tirei-as. Até o retrato de Cristo que geralmente fica tão bem em todo o lado parece estranho aqui. É claro que temos todas essas gravuras na escola e muitas de Cristo por trás do altar da igreja. Acho que chega, embora o Samuel e a Corrine tenham também gravuras e relíquias (cruzes) na cabana deles. A tua irmã, Nettie.”

“Querida Celie: O pai e a mãe da Tashi estiveram agora aqui. Sentem-se preocupados porque ela passa muito tempo com Olivia. Ela está a mudar, a ficar

calada e pensativa de mais, dizem eles. Está a ficar uma pessoa diferente; a cara está a começar a revelar o espírito de uma das tias que foi vendida ao comerciante porque já não se adaptava à vida da aldeia. Essa tia não quis casar com o homem que lhe tinham destinado. Não quis fazer reverências ao chefe. Não fazia nada, a não ser mastigar nozes de cola e rir. Queriam saber o que a Olivia e a Tashi fazem na minha cabana quando as outras raparigas todas estão a ajudar as mães. A Tashi é mandriona em casa? Perguntei. O pai olhou para a mãe. Ela disse: Não, pelo contrário. A Tashi trabalha mais do que a maior parte das raparigas da idade dela. É despachada. Mas só porque quer passar as tardes com a Olivia. Aprende tudo o

que lhe ensino como se já o soubesse, disse a mãe, mas esse conhecimento não lhe entra realmente no espírito. A mãe parece confusa e cheia de medo. O pai, zangado. Eu pensei: Ah. A Tashi sabe que está a aprender uma forma de viver que nunca poderá ser a dela. Mas não o disse. O mundo está a mudar, disse eu. Já não é só um mundo para os rapazes e os homens. As nossas mulheres são respeitadas aqui, disse o pai. Nunca as íamos deixar andar por esse mundo como fazem as americanas. Há sempre alguém para olhar pelas mulheres olinkas. Um pai, um tio, um irmão ou um sobrinho. Não se sinta ofendida, Irmã Nettie, mas o nosso povo tem pena das mulheres como a senhora que são expulsas, não sabemos donde, para

um mundo que não sabem como é, onde têm que lutar sozinhas, sem ajudas. Portanto sou objeto de piedade e desprezo, pensei, tanto para os homens como para as mulheres. Além disso, disse o pai da Tashi, não somos assim tão simplórios. Sabemos que há lugares no mundo onde as mulheres vivem de maneira diferente das nossas aqui, mas não aprovamos essa maneira para as nossas filhas. Mas a vida está a mudar, mesmo em Olinka, disse eu. Estamos aqui. Ele bateu com o pé no chão: Quem são vocês? Três adultos e duas crianças. Na estação das chuvas alguns de vocês se calhar morrem. Vocês não duram muito no nosso clima. Se não morrerem ficam fracos com a doença. Oh, sim. Já o vimos antes. Vocês, cristãos, chegam

aqui, fazem o mais que podem para nos modificar, adoecem e voltam para Inglaterra, ou seja lá donde foi que vieram. Apenas o comerciante da costa vai ficando, e até ele não é o mesmo branco, conforme os anos passam. Nós sabemos porque lhe mandamos mulheres. A Tashi é muito inteligente, disse eu. Podia ser professora. Ou enfermeira. Podia ajudar as pessoas da aldeia. Este lugar não serve para uma mulher fazer isso, disse ele. Então devíamos partir, disse eu. A irmã Corrine e eu. Não, não, disse ele. Ensinamos só os rapazes? Perguntei. Sim, disse ele, como se a minha pergunta fosse estar de acordo. Há uma maneira de os homens falarem às mulheres que me lembra muito o papá. Ouvem só o suficiente para dar instru-

ções. Nem sequer olham para as mulheres quando elas estão a falar. Põem os olhos no chão e baixam as cabeças. As mulheres também não olham (para a cara de um homem) como elas dizem. (Olhar para a cara de um homem) é uma coisa descarada. Olham para os pés ou os joelhos deles. E que hei de dizer disto? Mais uma vez, que era assim que nos portávamos para com o papá. Da próxima vez que a Tashi aparecer à sua porta, mande-a logo para casa, disse o pai. Depois sorriu. A sua Olivia pode ir lá e aprender para que servem as mulheres. Eu sorri também. A Olivia deve saber as coisas da vida no sítio onde puder aprendê-las, pensei. A oferta dele será uma oportunidade esplêndida. Adeus até à próxima vez, querida Celie, despede-se

de ti esta mulher digna de piedade, que foi expulsa e pode perecer durante a estação das chuvas. Da tua irmã que te ama, Nettie.”

“Querida Celie: Primeiro era um som muito fraco que anunciava um movimento na floresta. Uma espécie de zumbido baixo. Depois ouvia-se machadadas e o barulho de algo a ser arrastado. A seguir um cheiro a fumo, certos dias. Mas agora, dois meses depois, durante os quais eu, as crianças ou a Corrine temos estado doentes, só ouvimos cortar e arranhar e arrastar. E todos os dias nos chega fumo ao nariz. Hoje um dos rapazes da minha aula da tarde exclamou, ao entrar. A estrada está a aparecer! A estrada está a aparecer!

Tinha andado a caçar na floresta com o pai e tinha- a visto. Agora todos os dias os aldeões se juntam no limite da aldeia, perto dos campos de mandioca, e assistem à construção da estrada. E vendo-os, alguns com os seus bancos e outros agachados, todos a mastigarem nozes de cola e a fazer rabiscos na poeira, sinto uma grande onda de amor por eles. Porque não se aproximam dos trabalhadores de mãos vazias. Oh, não. Todos os dias desde que viram a estrada a aproximar-se têm atafalhado os trabalhadores com carne de cabra, papas de milho-miúdo, inhame e mandioca assados, nozes de cola e vinho de palma. Cada dia é uma espécie de piquenique, e creio que se fizeram muitas amizades, embora os trabalhadores sejam de uma tribo dife-

rente, que fica para Norte, a uma certa distancia e mais perto da costa, e falem uma língua um pouco diferente. De qualquer forma, eu não a entendo, embora o povo de Olinka pareça entender. Mas são pessoas espertas em muitos aspectos e compreendem coisas novas com rapidez. Custa a acreditar que estamos aqui há cinco anos. O tempo anda devagar, mas passa depressa. O Adam e a Olivia estão quase tão altos como eu e vão muito bem nos estudos. O Adam tem uma queda especial para os números e isso preocupa o Samuel que daqui a pouco não há-de ter nada para lhe ensinar nesse campo, visto que já quase esgotou os seus próprios conhecimentos. Quando estivémos na Inglaterra conhecemos missionários que mandavam

os filhos para a pátria quando já não podiam ensiná-los na selva. Difícil imaginar a vida aqui sem as crianças. Eles adoram a sensação e liberdade da aldeia e adoram viver em cabanas. Andam entusiasmados pela habilidade dos homens na caça e pela independência das mulheres no que toca à agricultura. Posso estar muito abatida e às vezes estou mesmo muito, mas um abraço da Olivia ou do Adam fazem com que recupere tanto que começo a trabalhar, pelo menos. A mãe deles e eu não somos agora tão íntimas como já fomos, mas cada vez sinto que sou mais tia deles. E nós os três cada vez nos parecemos mais. Há cerca de um mês a Corrine pediu-me para não convidar o Samuel para a minha cabana, a menos que ela estivesse presente. Disse

que os aldeões deturpavam as coisas. Foi um golpe muito sério para mim porque aprecio muito a companhia dele. Como a Corrine quase nunca me vem ver é difícil arranjar alguém para conversar, a nível de amizade. Mas as crianças ainda aparecem e às vezes passam cá a noite quando os pais querem estar sós. Adoro esses momentos. Torramos amendoins no meu fogão, sentamo-nos no chão e estudamos mapas de todos os países do mundo. Uma vez por outra a Tashi aparece e conta histórias conhecidas das crianças de Olinka. Estou a encorajá-la e à Olivia a escreverem essas histórias em olinka e inglês. Ia ser um bom treino para elas. A Olivia acha que não tem histórias boas para contar, comparadas com as da Tashi. Um dia co-

meçou uma só para saber se a Tashi sabia a versão original! A carinha dela ficou tão desanimada. Mas então começamos a discutir o modo como as histórias da Tashi chegaram à América, o que fascinou a Tashi. Chorou quando a Olivia lhe contou que a avó tinha sido tratada como escrava. Mas ninguém desta aldeia quer ouvir falar em escravatura. Não atribuem a responsabilidade seja a quem for. É uma coisa da qual eu não gosto nada por parte deles. Perdemos o pai da Tashi durante a última estação das chuvas. Teve malária e nada do que o curandeiro congeminou pôde salvá-lo. Recusou-se a tomar o remédio que usamos para isso e não deixou o Samuel visitá-lo. Foi o meu primeiro funeral em Olinka. As mulheres pintaram

as caras de branco, vestiram umas coisas que pareciam mortalhas e choraram com gritos agudos. Embrulharam o corpo em casca de árvore e enterraram-no debaixo de uma grande árvore na floresta. A Tashi estava desolada. Toda a vida tinha tentado agradar ao pai, realmente nunca percebendo que, como rapariga, nunca poderia fazê-lo. Mas a morte aproximou a mãe e a filha, e agora a Catherine já sente que faz parte da nossa família. Quando digo família refiro-me às crianças e ao Samuel, por vezes. Ela ainda está de luto e quase não sai da cabana, mas diz que não vai casar de novo uma vez que já tem cinco rapazes. Agora pode fazer o que quer (passou a ser um homem honorário) e quando fui visitá-la ela explicou-me com muita

clareza que a Tashi deve continuar a estudar. É a mais trabalhadora de todas as viúvas do pai da Tashi, e os seus campos são elogiados pela ordem, capacidade de produção e aspecto geral. Esta amizade entre as mulheres é algo de que o Samuel fala muitas vezes. Porque as mulheres partilham um marido mas o marido não partilha da amizade delas, o que deixa o Samuel incomodado. É confuso, creio. E é dever do Samuel, como ministro cristão, pregar o mandamento bíblico de um só marido e uma só esposa. O Samuel está confuso porque para ele, como as mulheres são amigas e fariam tudo umas pelas outras - nem sempre, mas com mais frequência do que se esperaria de alguém americano e como riem e conversam e ali-

mentam os filhos umas das outras, então devem ser felizes com as coisas tal como elas estão. Mas muitas mulheres raramente passam algum tempo com os maridos. Algumas foram prometidas desde o berço a homens idosos ou de meia-idade. As suas vidas giram sempre à volta do trabalho, dos filhos e das outras mulheres (visto que uma mulher não pode realmente ter um homem como amigo sem o pior tipo de ostracismo e de bisbilhotice). Se há coisa que elas fazem é amimar os maridos, se acontece qualquer coisa. Devias ver o modo como os admiram. Louvam as coisas mais insignificantes que eles fazem. Enchem-nos de vinho de palma e de guloseimas. Não admira que os homens sejam infantis, muitas vezes. E um rapaz cres-

cido pode ser perigoso, em especial porque, entre os Olinkas, o marido tem poder de vida e de morte sobre a esposa. Se a acusar de feitiçaria ou infidelidade, pode ser morta. Graças a Deus (e por vezes à intervenção do Samuel) ainda nada disto aconteceu desde que estamos cá. Mas as histórias que a Tashi conta são muitas vezes acerca de acontecimentos sombrios que se deram há bem pouco tempo. E Deus não permita que o filho de uma mulher favorita fique doente! Aí é quando até as amizades das mulheres se rompem, visto que cada uma delas receia a acusação de feitiçaria da outra, ou do marido. Natal feliz para ti e para os teus, querida Ceglie. Aqui, no continente (negro) comemoramos o Natal com orações e canções e

com um grande piquenique que leva o re-
toque do melão, do punch de fruta fres-
ca e duma churrascada! Deus te abençoe,
Nettie.”

“Minha muito querida Celie: Fazia
tenção de te escrever na Páscoa, mas es-
tava a passar por um mau bocado e não
queria aborrecer-te com notícias que te
iam preocupar. Agora já passou um ano
inteiro. A primeira coisa que devia contar-
te era acerca da estrada. Finalmente che-
gou aos campos de mandioca há cerca de
nove meses e os Olinkas, que nunca per-
dem a oportunidade de festejar, fizeram o
impossível para preparar uma festa para
os trabalhadores da estrada, que falaram
e riram e lançaram o rabo do olho para

as mulheres Olinkas todo o santo dia. Ao fim do dia muitos foram convidados para a própria aldeia e aí houve farra pela noite adentro. Acho os Africanos muito parecidos com os brancos da nossa terra, por julgarem que são o centro do universo e que tudo o que se faz é para eles. E portanto, como era natural, julgaram que a estrada fora construída para eles. E, de fato, os trabalhadores da estrada falaram muito da rapidez com que os Olinkas podem agora alcançar a costa. Com uma pista alcatroada leva-se apenas três dias de caminho. De bicicleta, ainda menos. É claro que nenhum olinka tem bicicleta, mas um dos trabalhadores tem uma, e todos os homens olinkas a cobiçam e falam em comprar uma muito em breve. Bom, na

manhã a seguir ao (acabamento) da estrada, no que dizia respeito aos Olinkas afinal de contas tinha chegado à aldeia deles, que descobrimos nós? Que os trabalhadores tinham voltado ao trabalho. Tinham instruções para prolongar a estrada por mais quarenta e cinco quilômetros. E para a prolongar na direção em que trabalhavam, mesmo atrás da aldeia dos Olinkas. No momento em que saímos da cama, a estrada já estava a ser cavada através do campo de inhame de Catherine, acabado de plantar. É claro que os Olinkas estavam em pé de guerra. Tinham armas, Celie, com ordem para atirarem! Foi um desastre, Celie. O povo sentiu-se tão traído! Ficaram por ali impotentes-realmente não sabiam lutar e raramente pensam

nisso desde os velhos tempos das guerras tribais, enquanto as suas culturas e casas eram destruídas. Sim. Os trabalhadores não se desviaram uma polegada do plano que o capataz seguia. Todas as cabanas apanhadas no caminho por onde devia passar a estrada foram arrasadas. E, Celie, a nossa igreja, a nossa escola, a minha cabana, tudo caiu em poucas horas. Felizmente, conseguimos salvar todas as nossas coisas, mas com uma estrada de alcatrão a passar pelo meio, até a própria aldeia parecia esventrada. Logo que compreenderam as intenções dos construtores da estrada, o chefe dirigiu-se para a costa, em busca de explicações e reparações. Duas semanas depois voltou com notícias ainda piores. Todo o território, incluin-

do a aldeia olinka, pertence agora a um fabricante de artigos de borracha, na Inglaterra. Enquanto se aproximava da costa, ficava pasmada por ver centenas e centenas de aldeãos parecidos com os Olinkas a derrubarem a floresta, de ambos os lados da estrada, e a plantarem árvores de borracha. As antigas e gigantescas árvores de mógono, todas as árvores, a caça, tudo que pertencia à floresta estava a ser destruído e a terra a ficar rasa, disse ele, e lisa como a palma da mão. Primeiro ele pensou que as pessoas que lhe haviam falado da companhia inglesa da borracha estavam enganadas, pelo menos na parte que tocava à sua aldeia. Mas por fim indicaram-lhe a mansão do governador, um grande edificio branco, com ban-

deiras a flutuar no pátio, e aí foi recebido pelo branco que manda. Foi esse branco que deu as ordens aos construtores, esse homem que só conhecia Olinka pelo mapa. Falou em inglês, que o nosso chefe também tentou falar. Deve ter sido uma conversa patética. O nosso chefe nunca aprendeu inglês além de uma ou outra frase estranha que apanhou ao Joseph, que pronuncia English como langlash. Mas o pior ainda está por contar. Uma vez que os Olinkas já não são donos da sua aldeia, têm de pagar renda por ela, e para se servirem da água, que também já não lhes pertence, têm que pagar uma taxa. Primeiro as pessoas riram. Realmente parecia uma loucura. Têm estado aqui desde sempre. Mas o chefe não se riu. Iam combater o

homem branco, disseram eles. Mas o homem branco não estava só, disse o chefe. Trouxe o seu exército. Isto foi há vários meses e até agora nada aconteceu. O povo vive como avestruzes, nunca pondo o pé na estrada nova se o consegue evitar e sem olhar nunca, nunca, para os lados da costa. Construimos outra igreja e outra escola. Eu tenho outra cabana. E aguardamos. Entretanto, a Corrine ficou muito doente com a febre africana. Muitos missionários antigos morreram disso. Mas as crianças estão ótimas. Os rapazes aceitam agora a Olivia e a Tashi nas aulas e há mais mães a mandar as filhas à escola. Os homens não gostam: quem quer uma mulher que sabe tudo aquilo que sabe o marido? Protestam eles. Mas as mulheres têm as suas artima-

nhas, e gostam dos filhos, mesmo das raparigas. Hei de escrever mais quando as coisas começarem a melhorar. Confio em Deus para que assim seja. A tua irmã, Nettie.”

“Minha muito querida Celie: Todo este ano tem sido difícil, desde a Páscoa. A partir da doença da Corrine todo o trabalho recaiu sobre mim, e tenho de lhe servir de enfermeira, coisa que não lhe agrada. Um dia, quando estava a mudá-la, com ela na cama, deitou-me um olhar longo maldoso, mas de certo modo compassivo. Por que é que os meus filhos se parecem contigo? Perguntou ela. Pensas realmente que se parecem assim tanto comigo? Disse eu. Parecem feitos à tua ima-

gem, disse ela. Talvez o fato de vivermos juntos e de gostarmos das pessoas acabe por nos tornar parecidos, disse eu. Bem sabes como as pessoas casadas há muito tempo se parecem. Até as mulheres daqui viram essa aparência logo no primeiro dia, disse ela. E tens andado preocupada este tempo todo? E tentei rir-me do assunto. Mas ela limitou-se a fitar-me. Quando viste o meu marido pela primeira vez? Quis ela saber. E aquilo era o que eu sabia que ela pensava. Julga que o Adam e a Olivia são meus filhos, e que o Samuel é o pai. Celie, esta idéia deve tê-la preocupado todos estes anos! Conheci o Samuel no mesmo dia em que te conheci, Corrine. (Ainda não apanhei o jeito de lhe chamar (Irmã).) Deus é testemunha de que

digo a verdade. Vai buscar a Bíblia, disse ela. Fui buscá-la, pus-lhe a mão em cima e jurei. Tu nunca achaste que eu mentia, Corrine. Por favor acredita que não estou a mentir agora. Então ela chamou o Samuel e fê-lo jurar que ele me conheceu no mesmo dia em que ela também me conheceu. Ele disse: Peço desculpa disto, Irmã Nettie, por favor, perdoa-nos. Logo que o Samuel saiu do quarto ela obrigou-me a levantar o vestido e sentou-se no seu leito de doente para me ver a barriga. Senti tanta pena dela, e fiquei tão humilhada, Celie. E o pior é a maneira como trata as crianças. Não as quer junto dela e elas não percebem. Como haviam de perceber? Nem sequer sabem que são adotadas. Na estação que vem, toda a aldeia vai

ter árvores da borracha plantadas. O território de caça dos Olinkas já foi destruído, e os homens têm que se afastar cada vez mais para encontrar caça. As mulheres passam todo o tempo nos campos, a tratar das colheitas e a rezar. Cantam à terra, ao céu, à mandioca e ao amendoim. Canções de amor e de adeus. Estamos tão tristes aqui, Celie. Espero que tenhas uma vida mais feliz. A tua irmã, Nettie.

“Querida Celie: Imaginas? O Samuel também pensou que as crianças eram minhas. Foi por isso que me pressionou para vir para África com eles. Quando apareci lá em casa deles pensou que eu ia atrás dos meus filhos e, com aquele coração bondoso que tem não teve cora-

gem para me mandar embora. Se não são teus, disse ele, de quem são? Mas eu tinha primeiro que lhe fazer umas perguntas. Onde os arranjaste? Perguntei. E Celie, ele contou-me uma história que me horrorizou. Espero que tu, minha pobre Celie, sejas capaz de aguentar uma coisa destas. Há muitos anos, houve um lavrador próspero que tinha uma propriedade perto da cidade. Da nossa cidade, Celie. E como ele trabalhava tão bem a terra e tudo em que tocava progredia resolveu abrir uma loja, e tentou a sorte vendendo tecidos, linhas, etc. Bom, essa loja teve tanta freguesia que ele convidou dois dos irmãos para o ajudarem e, à medida que os meses corriam, cada vez fazia mais progressos. Então os negociantes brancos co-

meçaram a juntar-se e a queixar-se de que a loja estava a ficar com toda a freguesia negra que era deles, e que a forja que o homem tinha instalado por trás da loja também lhes tirava parte da clientela branca. Aquilo não devia acontecer. E assim, uma noite, incendiaram a loja do homem, destruíram a forja, arrastaram para fora de casa o homem e os dois irmãos, a meio da noite, e enforcaram-nos. O homem tinha uma mulher a quem adorava, além de uma filhinha que ainda não fizera dois anos. A mulher estava novamente grávida. Quando os vizinhos levaram o corpo do marido para casa já ele estava mutilado e queimado. Ao ver aquilo, ela ia morrendo e o segundo filho, também uma rapariga, nasceu por essa altura. Embora a

viúva recuperasse fisicamente nunca mais ficou boa da cabeça. Continuou a pôr o prato do marido na mesa à hora das refeições, como dantes, e estava sempre a falar de planos que ela e o marido tinham feito. Os vizinhos, embora nem sempre com má intenção, cada vez a evitavam mais, em parte por os planos de que ela falava serem demasiado grandiosos para as pessoas de cor, em parte por seu apego ao passado fazer tanta pena. Mas ela era ainda uma mulher bem parecida, proprietária de terras embora não houvesse ninguém para trabalhar para ela e não soubesse desenvencilhar-se sozinha; além disso, continuava à espera do marido para acabar a refeição que lhe preparava e ir depois para os campos. Pouco tempo de-

pois deixou de haver que comer, a não ser o que os vizinhos lhe levavam, e ela e os filhos arranjavam o que podiam na horta. Quando a segunda filha ainda era bebê, apareceu na cidade um forasteiro que prestou toda a atenção à viúva e às suas filhas. Pouco depois casaram. Ela engravidou pela terceira vez, quase logo a seguir, embora não estivesse melhor da cabeça. A partir daí tinha filhos todos os anos e todos os anos ia ficando mais fraca e pior da cabeça, até que, muitos anos depois de ter casado com esse desconhecido, morreu. Dois anos antes de morrer, teve uma rapariga que não manteve consigo por estar doente. Depois teve um rapaz. Essas crianças receberam os nomes de Olivia e Adam. Esta é a história que o

Samuel me contou, quase palavra por palavra. O forasteiro que casara com a viúva era alguém a quem o Samuel tinha estado ligado antes de encontrar Crista. Quando o homem apareceu em casa do Samuel, primeiro com a Olivia e depois com o Adam, o Samuel não se sentiu apenas incapaz de recusar as crianças como achou que Deus respondera às suas preces e às da Corrine. Nunca falou à Corrine acerca do homem nem da (mãe) das crianças, porque não quis que qualquer tristeza lhe toldasse a felicidade. Mas então, apareci eu, sem se saber donde. Ele somou dois e dois, lembrou-se de que o antigo camaramda fora sempre um tratante e recebeu-me sem mais perguntas. O que, para ser franca, sempre me fez muita confusão, mas

atribuí tal fato à caridade cristã. A Corrine tinha-me perguntado uma vez se eu fugira de casa. Mas eu expliquei que já era uma rapariga crescida, que a minha família lá na terra era muito grande e muito pobre, e que chegara a altura de sair de casa e ganhar a minha vida. Tinha a blusa encharcada de lágrimas quando o Samuel acabou de me pôr a par de tudo isto. Não consegui começar a contar-lhe a verdade, naquela ocasião. Mas, Celie, a ti posso contar. E rezo de todo o meu coração para que tu apanhes esta carta, mesmo que isso não tenha acontecido com nenhuma das outras cartas. O papá não era o nosso pai! A tua Irmã dedicada, Nettie.”

Meu Deus:

- Pronto, - diz a Shug. - Junta a tralha toda. Vais comigo para o Tennessee.

Mas eu sinto-me tonta. O meu pai linchado. A minha mãe louca. Todos os meus irmãos são apenas meios-irmãos. As minhas irmãs não são minhas irmãs. O papá não é meu pai. Tu deves andar a dormir.

Minha Nettie: Pela primeira vez na vida quis ver o papá. Portanto eu e a Shug vestimos as nossas calças novas com flores azuis a condizer e os nossos grandes chapéus de aba mole, da Páscoa, também a condizer, só que o dela tem rosas encarnadas e o meu amarelas, e subimos para o Packard e lá fomos. Há estradas alcatroadas por todo o lado aqui na região e faz-se trinta quilómetros muito depres-

sa. Só vi o papá uma vez desde que saí de casa. Um dia eu e o Sr. estávamos a carregar a carroça à porta da loja das rações. O papá estava com a Mary Ellen e ela queria prender a meia. Estava dobrada para a frente e a fazer um nó na meia por baixo do joelho e ele, parado ao lado dela, dava pancadas no cascalho com a bengala. Mas parecia que estava a pensar em dar-lhe a ela as pancadas. O Sr. foi ter com ele todo simpático, de mão estendida, mas eu continuei a carregar a carroça e a olhar para os bonecos que estavam nos sacos. Nunca pensei que havia de o querer ver outra vez. Bem, era um dia de Primavera, cheio de sol, um pouco fresco, por ser perto da Páscoa, e a primeira coisa que notamos quando entramos no atalho foi

como tudo estava verde, como se toda a terra não tivesse aquecido ainda e a do papá estivesse quente e pronta para cultivar. Havia na estrada toda lírios da Páscoa e junquinhos e narcisos-amarelos e todas as florinhas do campo que nascem primeiro. Depois vimos os pássaros todos nas suas cantilenas, na beira do caminho, que também já tinha florinhas amarelas com um cheiro como o das trepadeiras da Virgínia. Tudo tão diferente do resto da região por onde tínhamos passado que nos fazia estar caladas. Sei que isto parece engraçado, Nettie, mas até o sol parecia ficar mais tempo sobre as nossas cabeças.

- Bom, - diz a Shug, - é bonito que se farta. Nunca me disseste que era assim.

- Não era bem assim, - digo eu. - Pela Páscoa, era costume haver inundações e todos nós, as crianças, ficávamos constipados. De qualquer maneira, - digo, - não podíamos sair de casa e ela não era lá muito quente.

- Não gostavas? - Pergunta ela, enquanto dávamos a volta por uma extensa colina ondulante de que eu não me lembrava, mesmo em direção a uma grande casa amarela, com dois andares e persianas verdes e um telhado, muito inclinado, de tábuas verdes. Eu rio-me.

- Devemos estar enganadas, - digo. - É a casa de um branco qualquer.

Era tão bonita que paramos o carro e ficamos a olhar.

- Que árvores são aquelas todas, tão floridas? - Pergunta a Shug.

- Não sei, - digo. - Parece-me serem pessegueiros, ameixoeiras, macieiras, cerejeiras, talvez.

Mas sejam lá o que forem são bonitas mesmo. Em redor de toda a casa, por trás, só havia árvores com flores. E mais lírios e junquinhos e rosas trepavam por cima de tudo. E os passarinhos de toda a região andavam naquelas árvores antes de irem para a cidade. Por fim, depois de olharmos um bocado, eu digo:

- É tão sossegado, não está ninguém em casa, parece.

- Não, - diz a Shug, - se calhar estão na igreja. Num bonito domingo como este.

- É melhor irmos embora, - digo, - antes que cheguem as pessoas que vivem aqui.

Mas mesmo quando digo isto dou com os olhos numa figueira que conheço e ouvimos um carro que sobe o caminho. Quem havia de estar no carro? O papá e uma rapariga qualquer que parecia filha dele. Ele saiu e depois deu a volta para abrir a porta do lado dela. Ela estava vestida mesmo a matar: roupa cor-de-rosa e um grande chapéu cor-de-rosa e sapatos cor-de-rosa e uma bolsita cor-de-rosa pendurada no braço. Olharam para a nossa matrícula e vieram até ao carro. Ele dá-lhe o braço.

- Bom dia, - diz ele, - quando chega à janela da Shug.

- Bom dia, - diz ela devagar, e podia jurar que ele não era o que ela esperava.

- Precisam de alguma coisa?

Não dá por mim e se calhar ainda nem olhou para mim. A Shug diz, baixinho:

- É ele?

- Sim, - digo eu.

O que espanta a Shug e também me espanta a mim é ele parecer tão novo. Claro que parece mais velho do que a rapariga que está com ele, mas ela veste como uma mulher, e ele parece novo para uma pessoa que tem filhos crescidos e quase netos crescidos. Mas depois é que me lembro, ele não é o meu pai, é apenas o pai dos meus filhos.

- O que fez a tua mãe? - Pergunta a Shug. - Roubou-o do berço?

Mas ele não é assim tão novo.

- Trouxe a Celie, - diz a Shug. - A tua filha Celie. Quer ver-te. Tem que te perguntar umas coisas.

Ele parece pensar um segundo.

- Quem é a Celie?

Depois diz:

- Saíam daí e vamos para o alpendre. Daisy, - diz ele à mulherzinha que vem com ele, - Vai dizer à Hettie para aguentar o jantar.

Ela aperta-lhe o braço, estica-se e dá-lhe um beijo na cara. Ele vira a cabeça e vê-a subir a escada e entrar pela porta da frente. A seguir vai pelo mesmo caminho,

sob ao alpendre, ajuda-nos a puxar cadeiras de balanço, depois diz:

- Bom, o que querem?

- As crianças estão cá? - Pergunto.

- Que crianças? - Diz ele. Depois ri.

- Oh. Foram com a mãe. Ela deixou-me, sabem. Voltou para casa. Sim, - diz, - deves lembrar-te da Mary Ellen.

- Por que é que se foi embora? - Pergunto.

Ele volta a rir-se.

- Era demasiado velha para mim, suponho.

Então a mulherzinha aparece de novo e senta-se no braço da cadeira dele. Ele fala conosco e faz-lhe festas no braço.

- Esta é a Daisy. A minha nova mulher.

- Bom, - diz a Shug. - Não pareces ter mais de quinze anos.

- Não tenho, - diz a Daisy.

- Estou espantada por a tua família te ter deixado casar.

Ela encolhe os ombros, olha para o papá.

- Eles trabalham para ele, - diz ela.

- Vivem aqui nesta terra.

- Agora a família dela sou eu, - diz ele.

Sinto-me tão mal que quase vomito.

- A Nettie está na África, - digo. - É missionária. Escreveu-me e disse que tu não és o nosso verdadeiro pai.

- Bom, - diz ele. - Agora já sabes.

A Daisy olha para mim com uma cara de pena.

- É mesmo. Dele ter-te escondido isso, - diz ela. - Disse-me que tinha criado duas rapariguitas que nem sequer eram dele, - diz ela. - Acho que até agora nunca acreditei realmente nisso.

- Não, ele nunca lhes disse, - diz a Shug.

- É tão querido, - diz a Daisy, dando-lhe um beijo no alto da cabeça.

Ele não pára de lhe fazer festas no braço. Olha para mim e sorri abertamente.

- O teu pai não sabia como havia de se desenroscar, - diz ele. Os tipos brancos lincharam-no. Uma história muito triste para contrariar as duas raparigas que es-

tavam a crescer, - diz ele. - Qualquer homem havia de fazer o que eu fiz

- Talvez não, - diz a Shug.

Ele olha para ela, depois pra mim. Percebe que ela sabe.

- Mas que se rala? Acredite em mim. Sei como eles são. Só lhes interessa dinheiro. O problema da nossa gente é que logo que saem da escravidão nunca mais querem dar mais nada ao branco. Mas o que é verdade é que tem que se dar qualquer coisa. Ou o nosso dinheiro, ou a nossa terra, ou a nossa mulher, ou o nosso cu. Portanto o que eu fiz logo foi dar-lhes dinheiro. Antes de plantar uma semente, fazia-lhes ver que uma em cada três era para eles. Antes de moer um grão de trigo, a mesma coisa. E, quando abri outra vez a

antiga loja do teu pai na cidade, contratei um rapaz branco para ficar à frente dela. E o que foi bom de verdade foi tê-lo contratado com o dinheiro dos tipos brancos, - diz ele.

- Pergunta o que queres ao grande homem de negócios, Celie, - diz a Shug.

- Acho que o jantar vai ficar frio.

- Onde está enterrado o meu pai, - pergunto. - É realmente o que quero saber.

- Ao pé da tua mãe, - diz ele.

- Tem alguma inscrição? - Pergunto.

Ele olha para mim como se eu estivesse doida.

- As pessoas linchadas não têm lápides, - diz ele. - Toda a gente sabe disso.

- A mamã tem? - Pergunto.

- Não, - diz ele.

Os pássaros cantavam tão bem quando saímos dali como quando viemos. Depois parecia que todos se tinham calado logo que entramos na estrada principal. No momento em que chegamos ao cemitério o céu estava cinzento. Procuramos a mamã e o papá. Tinha esperanças de encontrar algum bocado de madeira que dissesse qualquer coisa. Mas só achamos ervas daninhas e cardos e flores de papel a perderem a cor nalgumas covas. A Shug pegou numa ferradura velha que um cavalo tinha perdido. Pegámos na ferradura velha e andemos às voltas até ficarmos bastante tontas para cair no chão e

no ponto em que quase caímos espetemos a ferradura no chão.

A Shug diz:

- Agora somos a família uma da outra, e deu-me um beijo.

“Querida Celie: Hoje de manhã acordei resolvida a contar tudo à Corrine e ao Samuel. Fui até à sua cabana e puxei um banco para o pé da cama da Corrine. Está tão fraca que só pode olhar com ares pouco amigáveis e não consegue dizer que não gosta de me ver. Eu disse: Corrine, estou aqui para contar a verdade a ti e ao Samuel. Ela disse: O Samuel já me disse. Se as crianças são tuas, por que não o confessas? O Samuel disse: Vá lá, querida. Ela disse: Não me chames querida. A Net-

tie jurou sobre a bíblia contar a verdade. Contar a verdade a Deus, e mentiu. Corrine, disse eu: Não menti. Virei um pouco as costas a Samuel e murmurei: Tu viste a minha barriga. Que sei eu de gravidez? Disse ela. Nunca passei por isso. Por aquilo que ouvi, as mulheres podem fazer desaparecer todas as marcas. Não podem fazer desaparecer todas as estrias. As estrias são fundas, e a barriga de uma mulher estica o suficiente para ficar um pouco deformada, como sucede a todas as mulheres daqui. Ela virou a cara para a parede. Corrine, disse eu, sou tia das crianças. A mãe é a minha irmã mais velha, a Celie. Então contei toda a verdade. Só Corrine ainda não estava convencida. Tu e o Samuel disseram tantas mentiras, como se

pode acreditar no que dizem? Perguntou. Tens que acreditar na Nettie, disse o Samuel. Embora a parte que diz respeito a ti e ao papá fosse um tremendo choque para ele. Então lembro-me do que me tinhas contado acerca de veres a Corrine e ao Samuel e a Olivia na cidade, quando andava a comprar tecido para fazer vestidos para ela e para a Olivia, e como me mandaste ter com ela por ser a única mulher que já tinhas visto com dinheiro. Tentei fazer com que a Corrine se lembrasse desse dia, mas ela não conseguiu. Está a ficar cada vez mais fraca e a menos que possa acreditar em nós e recomeçar a sentir algo pelos filhos, receio pela sua perda. Oh, Celie, a descrença é uma coisa terrível. Assim

como a mágoa que causamos aos outros sem sabermos. Reza por nós, Nettie.”

“Minha muito querida Celie: Na semana passada tentei fazer com que a Corrine se lembrasse do encontro consigo na cidade. Sei que se ela conseguir lembrar-se da tua cara, vai acreditar que a Olivia nasceu de ti (e talvez também o Adam). Ela acha que a Olivia é parecida comigo, mas isso é por eu me parecer contigo. A Olivia tem exatamente a tua cara e os teus olhos. Espanta-me que a Corrine não veja a semelhança. Lembras-te da rua principal da cidade? Perguntei. Lembras-te do poste para prender os cavalos em frente da loja de tecidos do Finley? Lembras-te de como a loja cheirava a casca de amendoins? Diz

que se lembra de tudo isso, mas não de nenhuns homens que falassem com ela. Depois recordei-me dos acolchoados. Os homens olinkas fazem acolchoados lindos, cheios de animais e pássaros e pessoas. E logo que a Corrine os viu, começou a fazer um em que misturava um quadrado feito de figuras aplicadas com um pedaço feito com nove remendos, aproveitando a roupa das crianças que já não servia e alguns vestidos velhos dela. Fui ao baú e comecei a tirar acolchoados. Não mexas nas minhas coisas, disse a Corrine. Ainda não morri. Primeiro peguei num e depois noutro e pu-los à luz, tentando encontrar o primeiro que me lembrava de ela ter feito. E tentando, ao mesmo tempo, recordar os vestidos que a Olivia usa-

va nos primeiros meses em que vivi com eles. Ah, disse eu, quando encontrei o que procurava, e estendi o acolchoado em cima da cama. Lembras-te de comprar este tecido? Pergunto, apontando para um quadrado às flores. E este com um pássaro aos quadrados? Ela contornou os desenhos com o dedo e, lentamente, os seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Ela era tão parecida com a Olivia! Disse. Tive medo que a levasse outra vez. Portanto esqueci-a logo que pude. Só me esforçava por pensar na maneira como o empregado me tratou! Eu portava-me como uma pessoa importante porque era mulher do Samuel e tinha o diploma do Seminário Spelman, ele tratou-me como a uma negra vulgar! Oh, senti-me ofendida! E estava

zangada. E foi só no que pensei, até contei ao Samuel, a caminho de casa. Não falei na tua irmã, como se chama? Celie? Não toquei no assunto. Começou a chorar com um grande desgosto. Eu e o Samuel pegamos nas mãos dela. Não chores, não chores, disse eu. A minha irmã sente-se feliz por saber que a Olivia está contigo. Feliz por saber que está viva. Julgou que os seus filhos tinham morrido. Pobre criatura! Disse o Samuel. E sentamo-nos ali a falar um bocadinho e a dar apoio um ao outro até que a Corrine adormeceu. Mas Celie, a meio da noite acordou, virou-se para o Samuel e disse: acredito. Mas morreu logo a seguir. A tua irmã no sofrimento, Nettie.”

“Minha muito querida Celie: Quando penso que já aprendi a viver com o calor, a humidade constante, e até com o vapor que sai da minha roupa, o encharcamento de baixo dos braços e entre as pernas, aparece-me a menstruação. E as cólicas, as dores e os incômodos mas tenho que continuar como se nada acontecesse, para não ser um problema para o Samuel, as crianças ou para mim própria. Para não falar nas pessoas da aldeia, que consideram que as mulheres que estão com a menstruação não devem ser vistas. Logo após a morte da mãe, a Olivia começou a ficar menstruada: ela e a Tashi ajudam-se uma à outra, é o que julgo. Não me dizem nada, em nenhuma circunstância, e eu não sei como trazer o assunto à bai-

la. O que me faz sentir mal; mas, se falares com uma rapariga olinka acerca das suas partes íntimas, a mãe e o pai ficam aborrecidos e para a Olivia é muito importante não ser olhada como uma estranha. Embora o ritual que usam aqui para comemorar a puberdade seja tão sangrento que proibi a Olivia até de pensar nisso. Lembras-te como fiquei assustada quando isso me sucedeu pela primeira vez? Pensei que me tinha cortado. Mas, graças a Deus, existias tu para me dizer que tudo corria bem. Enterrámos a Corrine à maneira olinka, embrulhada em casca de árvore e debaixo de uma grande árvore. As suas boas maneiras desapareceram com ela. Toda a sua educação e intenção de fazer o bem. Ensinou-me tanto! Sei que me fará

sempre falta! As crianças ficaram desoladas com a morte da mãe. Sabiam que estava muito doente, mas a morte é coisa em que não pensam em relação aos pais ou a si mesmas. Foi uma pequena procissão estranha. Todos nós de roupa branca e com as caras pintadas de branco. O Samuel parece perdido. Acho que não passaram uma noite separados desde que casaram. Como estás tu, querida irmã? Os anos têm vindo e passado sem uma única palavra tua. Apenas temos em comum o céu que nos cobre. Olho muitas vezes para ele como se, de qualquer modo, refletidos na sua imensidade, possa um dia descobrir que estou a ver os teus olhos. Os teus queridos, grandes, límpidos e belos olhos. Oh, Celie! A minha vida aqui

não passa de trabalho, trabalho, trabalho e preocupações. A juventude de que podia ter usufruído já se afastou de mim. E nada tenho de meu. Nem marido, nem filhos, nem amigos, a não ser o Samuel. Mas tenho filhos, o Adam e a Olivia. E tenho amigos, a Tashi e a Catherine. Até tenho uma família, esta aldeia, que tem passado por tempos tão difíceis. Agora os engenheiros vieram para inspecionar o território. Vieram dois brancos, ontem, e passaram umas horas a andar pela aldeia, olhando principalmente para os poços. É tal a delicadeza inata dos Olinkas que foram a correr fazer comida para eles, embora seja precioso o pouco que restou, já que muitas das hortas que havia nesta época do ano foram arrasadas. E os brancos

sentaram-se a comer, como se a comida não merecesse qualquer atenção especial. Os Olinkas sabem que nada de bom virá, provavelmente, das mesmas pessoas que destruíram as suas casas, mas os hábitos custam a morrer. Eu não falei com os homens, mas o Samuel falou. Disse que a conversa deles era só acerca de trabalhadores, de quilômetros de terra, de chuvas, de sementeiras, de máquinas e coisas do gênero. Um deles parecia completamente indiferente em relação às pessoas que o rodeavam, apenas comia, depois fumava e olhava para o longe e o outro, um pouco mais novo, parecia entusiasmado com o estudo da língua. Antes, diz ele, que desapareça. Não gostei de ver o Samuel a falar com nenhum deles. Nem com

o que estava atento a cada palavra, nem com o que olhava mas nem via a cabeça do Samuel. O Samuel deu-me todas as roupas da Corrine, e eu preciso delas, embora nenhum dos seus vestidos seja bom para este clima. O mesmo acontece com a roupa que as africanas usam. Costumava usar muito pouca, mas as damas inglesas introduziram o (Mother Hubbard) um vestido comprido, desajeitado, que lhes fica mal, completamente sem forma, e que é inevitavelmente vulnerável às chamas, causando queimaduras. Eu nunca consegui convencer-me a usar uma coisa daquelas, que parece sempre ter sido feita a pensar em gigantes, de modo que fiquei contente com as roupas da Corrine. Ao mesmo tempo, receava vestir as roupas de-

la. Lembrei-me de ela dizer que devíamos deixar de usar as coisas uma da outra. E a recordação magoava-me. Tens a certeza de que a Irmã Corrine aprovava isto? Perguntei ao Samuel. Sim, Irmã Nettie, disse ele. Tenta esquecer os temeres que lhe faziam mal. No fim, ela compreendeu e acreditou. E perdoou seja o que for que houvesse a perdoar. Quem me dera ter dito qualquer coisa mais cedo, disse eu. Ele pediu-me que lhe falasse de ti e as palavras brotaram como água. Eu morria por falar de ti a alguém. Falei-lhe das minhas cartas para ti todos os anos no Natal e na Páscoa, e de como havia de ter sido importante para nós se ele tivesse ido ver-te depois de eu sair de casa. Teve pena de ter hesitado em meter-se no assunto. Se tives-

se sabido o que sei agora! disse ele. Mas como podia ele saber? Há tanta coisa que não compreendemos. E tanta infelicidade cansada por isso. Amizade e Feliz Natal para ti, da tua irmã Nettie.”

Minha Nettie:

Não vou escrever mais a Deus, escrevo-te a ti.

- O que aconteceu a Deus? - Pergunta a Shug.

- A quem? - digo eu.

Ela olha para mim, muito séria.

- Um diabo como tu, - digo eu, - não vai ralar-se por não haver Deus, com certeza.

Ela diz:

- Só um minuto. Aguenta só um minuto. Só porque não ando a chatear ninguém como certas pessoas que conhecemos não quer dizer que eu não tenha religião.

- Que fez Deus por mim? - Pergunto.

- Celie! - diz ela, como se estivesse horrorizada. - Deu-te a vida, a saúde e uma mulher boa que há-de gostar de ti até à morte.

- Sim, - digo eu, - e deu-me um pai linchado, uma mãe louca, um padrasto que é um estupor desonesto e uma irmã que se calhar nunca mais vejo. Mesmo assim, o Deus a quem eu rezava e escrevia é um homem. E faz tudo o que fazem os

outros homens que eu conheço. Engana, faz-se esquecido e não é honesto.

Ela diz:

- Oh, Miss Celie. O melhor é calares a boca. Deus pode ouvir-te.

- Deixa ouvir, - digo eu. - Se ouvisse sempre as desgraças das mulheres de cor o mundo ia ser diferente, disso podes ter a certeza.

Ela fala e fala, tentando pôr fim à blasfémia. Mas eu blasfemo tanto quanto me dá na gana.

- Nunca me preocupei, toda a vida, com o que as pessoas pensam daquilo que faço, - digo. - Mas no fundo do coração preocupava-me com Deus. E acabei por perceber que ele não pensa. Só está sen-

tado lá em cima satisfeito por ser surdo, creio.

- Mas não é fácil tentar viver sem Deus. Mesmo que se saiba que ele não existe, tentar viver sem ele custa muito. Eu sou uma pecadora, - diz a Shug. - Por ter nascido. Não digo que não. Mas quando se descobre o que nos vai acontecer, que é que se pode ser? Os pecadores vivem melhor. Sabes porquê? - Pergunta ela.

- Porque não passam a vida preocupados com Deus, - digo eu.

- Não, não é isso. Nós ralamos-nos muito por causa dele. Mas quando sentimos que ele nos ama, fazemos o que podemos para lhe agradar com aquilo de que gostamos.

- Estás a dizer-me que Deus gosta de ti e tu nunca fazes nada por ele? Quer dizer, não vais à igreja, não cantas no coro, não dás dinheiro para o padre e essas coisas?

- Mas se Deus gosta de mim, Celie, não tenho que fazer isso tudo. A menos que queira. Há muitas coisas que posso fazer e que espero que Deus goste.

- Que coisas? - Pergunto.

- Oh, diz ela. - Posso deitar-me de costas e admirar só esta porcaria toda. Ser feliz. Passar um bom bocado.

- Bom, não há dúvida que isso parece mesmo uma blasfêmia.

Ela diz:

- Celie, diz a verdade, alguma vez encontraste Deus na igreja?

- Eu não, nunca. Só encontro um bando de tipos a esperar que ele apareça. Se houver um Deus na igreja é porque o levo dentro de mim. E acho que todos os outros tipos são assim. Vão à igreja para partilhar Deus, não para encontrar Deus. Algumas pessoas não têm para partilhar, - digo eu. - São as que não falavam quando eu estava lá a lutar com a minha barriga crescida e os filhos do Sr.

- Claro, - diz ela. Depois diz: - Diz-me com o que se parece o teu Deus, Celie.

- Áh nã, - digo eu. - Tenho muita vergonha.

Nunca ninguém me perguntou isto antes, de maneira que sou apanhada de repente. Além disso, quando penso nisso, não me parece muito bem. Mas é só o

que consigo pensar. Resolvo defendê-lo, só para ver o que diz a Shug.

- Muito bem, - digo. - É gordo e velho e alto e com barba grisalha e é branco. Usa roupas brancas e anda descalço.

- Tem olhos azuis? - pergunta ela.

- Uma espécie de cinzento azulado.

Calmos. Mas grandes. Com pestanas brancas, acrescento.

Ela ri-se.

- Por que estás a rir? - Pergunto. - Não acho nada engraçado. Com quem esperas que se pareça, com o Sr. ?

- Isso não melhorava nada, - diz.

Depois conta-me que este branco velho é o mesmo Deus que ela costumava ver quando rezava. Diz:

- Se esperas encontrar Deus na Igreja, Celie, é esse que tem que aparecer, porque é esse que vive lá.

- Como é isso? - Pergunto.

- Porque é o que está na bíblia branca dos tipos brancos.

- Shug! - Exclamo. - Deus escreveu a bíblia, os brancos não tiveram nada a ver com isso.

- Então como é que ele se parece com eles? - pergunta ela. - Só é maior? E tem muito mais cabelo. Como é que a bíblia é mesmo igualzinha a tudo o mais que eles fazem, a tudo o que se refere a fazerem esta ou aquela coisa, e tudo o que acontece aos tipos de cor é serem amaldiçoados?

Eu nunca tinha pensado naquilo.

- A Nettie afirma que numa parte qualquer da bíblia se diz que o cabelo de Jesus era como de cordeiro, - digo eu.

- Bem, diz a Shug, se ele aparecer nalguma dessas igrejas de que estamos a falar tem que o por liso para alguém lhe prestar atenção. A última coisa que os negros querem é imaginar o seu Deus com carapinha.

- Lá isso é verdade, - digo eu.

- Não há maneira de ler a bíblia sem pensar num Deus branco, - diz ela.

Depois suspira.

- Quando descobri que pensava que Deus era branco e homem, perdi o interesse.

- Estás danada, furiosa porque parece que ele não ouve as tuas orações.

Achas que o presidente da Câmara escuta o que alguém de cor diz? Pergunta à Sofia, - diz ela.

Mas não tenho que perguntar à Sofia.

- Sei que a gente branca nunca liga à de cor, e ponto final. Se o fazem é só para lhes dizerem o que hão de fazer.

- Aí é que está, - diz a Shug. - Nisso acredito. Deus está dentro de ti e de toda a gente. Vimos a este mundo com ele. Mas só aqueles que o procuram dentro de si é que o encontram. E por vezes revela-se quando não se está a olhar, ou não se sabe de que é que se anda à procura. Às vezes, para muita gente, é quando há uma desgraça, creio. Um desgosto. Quando as pesscas se sentem uma merda.

- Uma coisa? - Pergunto.

- Sim, uma coisa. Deus não é (ele) nem (ela), mas sim uma coisa.

- Mas com que se parece? - pergunto.

- Não se parece com nada. Não é como num filme. Não é uma coisa que possas olhar separada de tudo o mais, incluindo tu mesma. Acho que Deus é todas as coisas. Tudo que é ou foi há de ser sempre. E quando podes sentir isso, e sentirtes bem por o sentir, encontraste-o.

A Shug é algo de belo, deixa que te diga. Franze um pouco as sobrancelhas, olha para o outro lado do pátio, deita-se para trás na cadeira, parece uma grande rosa. Diz ela:

- O meu primeiro passo de afastamento do velho branco foi as árvores. Depois o ar. Depois os pássaros. Depois as outras pessoas. Um dia, quando estava sentada, calada e a sentir-me como uma criança sem mãe, o que era verdade, descobri-o: aquela impressão de fazer parte de tudo, de não estar separada. Sentia que, se cortasse uma árvore, o meu braço ia deitar sangue. E ri e chorei e corri pela casa toda. Sabia exatamente o que era. De fato, quando acontece, não se pode deixar passar. É uma coisa parecida com aquilo que sabes, - diz ela rindo e esfregando a minha coxa bem cá em cima.

- Sem! disse eu.

- Oh, - diz ela. - Deus gosta que a gente goste de gozar. É uma das coisas

melhores que ele fez. E quando sabes que Deus gosta, tu gostas ainda muito mais. Podes ficar descansada, deixar-te ir e agradecer a Deus por gostar do que tu gostas.

- Deus não acha isso sujo? - Pergunto eu.

- Não, - diz ela. - Foi Deus que inventou isso. Escuta, Deus gosta de tudo o que tu gostas e de uma quantidade de coisas que tu não gostas. Mas, mais do que tudo, Deus gosta de admiração.

- Estás a dizer que Deus é vaidoso? - pergunto. - Não, - diz ela. - Não vaidoso, apenas quer partilhar uma coisa boa. Acho que Deus fica lixado quando passas pela cor púrpura num campo qualquer e não dás por isso.

- Que faz ele quando fica lixado? - pergunto.

- Oh, faz qualquer outra coisa. As pessoas acham que agradar a Deus é só o que Deus quer. Mas qualquer idiota que viva neste mundo pode ver que ele também está sempre a tentar agradar-nos.

- Sim? - pergunto eu.

- Sim, - diz ela. - Está sempre a fazer-nos pequenas surpresas quando menos esperamos.

- Queres dizer que Ele quer ser amado, exatamente como diz a bíblia.

- Sim, Celie. Tudo neste mundo quer ser amado. Nós cantamos e dançamos, fazemos boquinhas e damos ramos de flores, para ver se gostam de nós. Nunca viste que as árvores fazem tudo o que

fazemos, menos andar, para atrair a nossa atencao?

Bom, falamos e tornamos a falar de Deus, mas eu ainda me sinto perdida. A tentar tirar da minha cabeça aquele velho branco. Tenho andado tão entretida a pensar nele que nunca reparei a sério em nada do que Deus faz. Nem numa folha de milho (como a faz Ele?) nem na cor púrpura (donde vem?). Nem nas florinhas do campo. Nada. Agora que os meus olhos se abriram, sinto-me uma parva. Ao lado do arbusto mais pequeno do meu pátio, a sacanice do Sr. parece que encolheu. Mas não de todo. É como a Shug diz: “Tens que tirar o homem de tua vista antes de poderes ver alguma coisa de jeito. O homem estraga tudo,” diz a Shug.

“Está na tua caixa de doces, na tua cabeça e no rádio. Tenta convencer-te que está em todo o lado. Logo que pensas que está em todo o lado, pensas que é Deus. Mas não é. Sempre que tentas rezar e o homem aparece à tua frente diz-lhe para ir dar uma volta,” diz a Shug. “Pensa em flores, no vento, na água, numa grande pedra. Mas é difícil, deixa que te diga. Ele anda por aí há tanto tempo que não quer pôr-se a mexer. Assuta-nos com os raios, as inundações e os tremores de terra. Nós lutamos. Quase não rezo. Cada vez que penso numa pedra, atiro-a.” AMÉM

Minha Nettie:

Quando disse à Shug que ia escrever a ti em vez de a Deus, ela riu-se. A

Nettie não conhece esta gente, disse ela. Pensando na pessoa a quem estou a escrever, achei muita graça. Foi a Sofia que viste a trabalhar como criada do presidente da Câmara. A mulher que viste a carregar os embrulhos da branca naquele dia na cidade. A Sofia é a mulher do Harpo, que é filho do Sr.. Os polícias prenderam-na por ela ter dito uma data de coisas feias à mulher do presidente e ter batido no presidente. Primeiro esteve na prisão a trabalhar na lavandaria e quase a morrer. Depois a gente conseguiu metê-la em casa do presidente. Tinha que dormir num cubículo, no sótão, mas era melhor que na prisão. Moscas, talvez, mas não ratos. Mesmo assim, esteve lá onze anos e meio, descontaram seis meses por se ter portado

bem, de maneira que pôde vir mais cedo para o pé da família. Os filhos mais velhos casaram e foram-se embora e os mais pequenos ficavam danados com ela e não a conheciam. Achavam que se portava de uma maneira esquisita, que parecia velha e que adorava aquela rapariguita branca que criou.

Ontem jantamos todos na casa da Odessa. A irmã da Sofia é a Odessa. Ela criou as crianças. Ela e o marido, o Jack. A Squeak, a mulher do Harpo e ele, também foram. A Sofia sentou-se naquela mesa grande como se não tivesse nada a ver com ninguém. Os filhos não faziam caso dela. O Harpo e a Squeak portavam-se como um casal casado há muitos anos. As crianças chamavam (mamã) à Odessa. E

à Squeak (mamãzinha). Chamavam à Sofia (Miss). A única que parecia ligar importância era a filha pequena do Harpo e da Squeak, a Suzie Q, que se sentou em frente da Sofia e não despregou os olhos dela.

Logo que acabamos de jantar, a Shug empurrou a cadeira para trás e acendeu um cigarro.

- Agora é altura de vos dizer, - diz ela.

- Dizer o quê? - Pergunta o Harpo.

- Que vamos embora, - diz ela.

- Sim? - diz o Harpo, olhando em volta para ver se descobria o café. E depois a olhar para o Grady.

- Vamos embora, - diz outra vez a Shug.

O Sr. parece pasmado, como parece sempre que a Shug diz que vai para qualquer lado. Começa a esfregar a barriga, olhando para a Shug como se ela não tivesse dito nada.

O Grady diz:

- São pessoas muito boas, vocês, a verdade é esta. O sal da terra. Mas é altura de cavarmos.

A Squeak não diz nada. Tem o queixo quase dentro do prato. Eu também me calo. Vou vendo o que isto dá.

- A Celie também vai, - diz a Shug.

A cabeça do Sr. até parece que foi virada para as costas.

- O quê? - Pergunta.

- A Celie vai para Memphis comigo.

- Só por cima do meu cadáver, - diz o Sr..

- Se preferes assim, - diz a Shug, fresca como uma alface.

O Sr. levanta-se da cadeira, olha para a Shug, cai outra vez sentado. Olha para mim. Diz:

- Acho que agora estás contente. Que foi que aconteceu?

- És um sacana lá isso é que és, - digo eu. - É altura de me ir embora e de começar a viver como toda a Criação. E o teu cadáver é o colchão de que preciso.

- O quê? - diz ele. Impressionado.

- Mandaste embora a minha irmã Nettie, - digo eu. - E ela era a única pessoa que gostava de mim.

O Sr. começa a fazer um barulho que até parece um motor.

- MasMasMasMasMas.

Parecia mesmo um motor.

- Mas a Nettie e os meus filhos vão voltar em breve, - digo. - E quando ela vier, todos juntos vamos dar-te uma caceta-da no cú.

- A Nettie e os teus filhos! - diz o Sr. - Não dizes coisa com coisa.

- Tenho filhos. Estão a ser criados na África. Boas escolas, muito ar fresco e exercício. Vão muito melhor que o bando de parvos que nem tentaste educar.

- Espera lá, - diz o Harpo.

- Oh, espera lá uma ova, - digo eu. - Se não tivesses andado a dar ordens à Sofia os brancos nunca a tinham caçado.

A Sofia está tão pasmada de me ver falar que parou de mastigar há dez minutos.

- Isso é mentira, - diz o Harpo.

- Tudo não é, - diz a Sofia.

Toda a gente olha para ela como se estivessem admirados por ela estar ali. É como uma voz a falar do túmulo.

- Vocês eram todos umas crianças de merda, - digo eu. - Fizeram da minha vida um inferno. E aqui o vosso pai não passa de merda de cavalo morto.

O Sr. levanta-se para me dar uma estalada. Espeto-lhe a faca na mão.

- Cadela! - diz ele. - O que vão dizer as pessoas, se foges para Memphis, como se não tivesses uma casa para tratar?

A Shug diz:

- Albert! Fazes favor de pensar como se tivesses um pouco de bom-senso. Não consigo perceber por que razão é que uma mulher tem que ligar a ponta de um corno ao que as pessoas pensam.

- Bom, - diz o Grady, tentando pôr as coisas a limpo. - Uma mulher não pode ter um homem se as pessoas falarem mal dela.

A Shug olha para mim e rimos as duas. Por fim rimos ainda mais. Depois a Squeak desata a rir. Depois a Sofia. Rimos todas que nos fartamos.

A Shug diz:

- Não são uns tontos?

Nós dizemos hum, damos palmas nas mesas e limpamos os olhos. O Harpo olha para a Squeak.

- Cala o bico, Squeak. Dá azar as mulheres a fazerem traça dos homens.

Ela diz:

- Está bem.

E senta-se direita, fica sem espiras, tenta por uma cara seria. Ele olha para a Sofia. A Sofia olha para ele e ri-se dele, descaradamente.

- Já passei pelo meu azar, - diz ela. - O bastante para ficar a rir o resto da vida.

O Harpo tem o mesmo ar que tinha na noite em que ela ferrou com a Mary Agnes no chão. É como uma fagulha que atravessa a mesa.

- Tive seis filhos desta louca, - resmunga ele.

- Cinco, - diz ela.

Ele está tão vencido que nem consegue perguntar: “Que é que estás a dizer?” O Harpo olha para a filha mais nova. É carrancuda, mesquinha, má e demasiado teimosa para viver neste mundo. Mas é dela que ele mais gosta. Chama-se Henrietta.

- Henrietta, - diz ele.

- Simmmm... - diz ela, como os tipo da rádio. Tudo o que ela diz lhe faz confusão a ele.

- Nada, - diz.

Depois:

- Dá-me um copo de água fresca.

A Henrietta não se mexe.

- Faz favor, - diz ele.

Ela vai buscar a água, põe o copo ao pé do prato, dá-lhe um beijo de fugida na cara. Diz:

- Pobre papá.

E senta-se.

- Não vais apanhar um cêntino do meu dinheiro, - diz o Sr. para mim. - Nem um só níquel.

- Pedi-te dinheiro alguma vez? - digo eu. - Nunca te pedi nada. Nem sequer a porcaria da tua mão em casamento.

A Shug atalha aqui:

- Espera, - diz ela. - Aguenta aí. Há aqui mais uma pessoa que também vai conosco. Não vale a pena chatear só a Celie. Toda a gente olha para a Sofia de esguelha. É a única que não consegue achar um sítio. É ela a estranha.

- Não sou eu, - diz ela, e o seu olhar parece dizer: “Que se fodam por pensarem nisso.”

Pega numa bolacha e dá ideia que enfia melhor o rabo na cadeira. Basta olhar para esta grande mulher de cabelos quase brancos e olhar selvagem e nem se sabe o que se há-se perguntar. Nada! Mas ela para pôr tudo preto no branco diz:

- Eu estou em casa. E ponto final.

A irmã Odessa chega-se a ela e dá-lhe um abraço. O Jack também vem para mais perto dela.

- É claro que estás, - diz o Jack.

- A mamã está a chorar? - pergunta uma das filhas da Sofia.

- A Miss Sofia também, - diz outro.

Mas a Sofia deixa depressa de chorar, como faz com a maior parte das coisas.

- Quem se vai embora? - pergunta ela.

Ninguém diz nada. Está tudo tão sossegado que até ouvimos as brasas a apagar-se no fogão. É como se caíssem umas em cima das outras. Por fim a Squeak olha para toda a gente por baixo das suas franjas.

- Eu, - diz. - Vou para o Norte.

- Vais para onde? - diz o Harpo.

Está tão admirado que começa a cuspir perdigotos e mais perdigotos como o pai. Parece esquesito o barulho.

- Quero cantar, - diz a Squeak.

- Cantar! - diz o Harpo.

- Sim, - diz a Squeak. - Cantar. Não canto em público desde que nasceu Jolentha.

O nome dela é Jolentha. Mas chamam-lhe Suzie Q.

- Nem precisavas de cantar em público desde que a Jolentha nasceu. Eu dou-te tudo o que te fazia falta.

- Preciso de cantar, - diz a Squeak.

- Escuta, Squeak, - diz o Harpo. - Não vais nada para Memphis. Não há cá mais cantigas.

- Mary Agnes, diz a Squeak.

- Squeak ou Mary Agnes, qual é a diferença?

- É muito grande. Quando era Mary Agnes podia cantar em público.

E então batem ao de leve na porta.
A Odessa e Jack olham um para o outro.

- Entre, - diz Jack.

Uma mulherzinha branca, toda ossos, enfia-se pela porta dentro.

- Oh, estão todos a jantar, - diz ela.

- Desculpem.

- Não faz mal, - diz a Odessa. - Já acabamos. Mas ainda há muita comida. Por que não entra e se junta a nós? Ou então posso arranjar-lhe qualquer coisa para comer no alpendre.

- Oh, Senhor, - diz a Shug.

É a Eleanor Jane, a rapariga branca para quem a Sofia trabalhava. Olha em volta até descobrir a Sofia, depois parece respirar.

- Não, obrigada, Odessa. Não tenho fome. Só queria ver a Sofia. Sofia, - diz ela. - Posso falar contigo no alpendre um minuto?

- Muito bem, Miss Eleanor, - diz ela.

A Sofia empurra a cadeira para trás e saem para o alpendre. Minutos depois ouvimos a Miss Eleanor fungar. Depois chora mesmo.

- O que lhe aconteceu? - pergunta o Sr.

A Henrietta diz:

- Problemas como se fosse na rádio.

A Odessa encolhe os ombros.

- Está sempre a ser espezinhada, - diz ela.

- Naquela família há bebida a mais,
- diz o Jack. - Depois, não conseguem
que o rapaz esteja quieto numa faculdade.
Embebeda-se, ofende a irmã, anda com
mulheres, maltrata os negros e não fica
por aí.

- Basta, - diz a Shug. - Pobre Sofia.
Logo a seguir a Sofia entra e senta-
se.

- O que aconteceu? - pergunta a
Odessa.

- É uma confusão naquela casa, -
diz a Sofia.

- E tens que lá ir? - pergunta a
Odessa.

- Sim, - diz a Sofia. - Daqui a pou-
co. Mas vou ver se cá estou antes de as
crianças irem para a cama.

A Henrietta pede desculpa, diz que lhe dói a barriga. A filha pequena da Squeak e do Harpo aparece, levanta os olhos para a Sofia e diz:

- Tens que ir Miss Sofia?

A Sofia responde:

- Sim, - e pega-lhe ao colo. - A Sofia está em liberdade condicionada. Tem que andar direitinha, - diz a Sofia.

A Suzie Q deita a cabeça no peito da Sofia.

- Pobre da Sofia, - diz ela, - como ouviu dizer à Shug. - Pobre Sofia.

- Mary Agnes, minha querida, - diz o Harpo, - vê como a Suzie Q é agarrada à Sofia.

- Sim, - diz a Squeak, - as crianças sabem muito bem o que é bom.

Ela e a Sofia sorriem uma à outra.

- Vai lá cantar, - diz a Sofia, - eu olho por esta até voltares.

- Palavra?

- Palavra, - diz a Sofia.

- E olha também pelo Harpo, - diz a Squeak. - Por favor, senhora.

AMÉM.

Minha Nettie:

Bem, já sabes que onde há homem há sarilhos. E foi o que aconteceu na ida para Memphis. O Grady passou por todos os lugares do carro. Por mais que mudássemos de sítio, ele queria sempre ficar sentado ao pé da Squeak. Enquanto eu e a Shug dormimos e ele guiou, contou à Squeak toda a vida em Memphis do Nor-

te, Tennessee. Nem consegui dormir bem porque ele só falava dos clubes e roupas e das quarenta e nove marcas de cerveja. Falou tanto em bebidas que eu fiquei com vontade de fazer xixi. Depois tivemos que procurar uma estrada no meio dos bosques para nos aliviarmos. O Sr. fez de conta que não se preocupou com a minha partida.

- Hás-de voltar, - diz ele. - Não há nada no Norte para gente como tu.

- A Shug tem talento, - diz ele. - Pode cantar. Tem gênica, - diz ele. - Pode falar com toda a gente. É bonita, - diz ele. - Se se põe de pé, dá nas vistas. Mas e tu? És feia. Magra. Tens um corpo esquisito. Tens medo a mais para abrir a boca ao pé de alguém. Em Memphis só vais servir pa-

ra criada da Shug. Despejar o penico dela e talvez fazer-lhe a comida. Também não és boa nisso. E esta casa nunca foi bem limpa desde que morreu a minha primeira mulher. E não há ninguém tão doido ou tão burro que queira casar contigo. Que vais fazer? Trabalhar numa herdade? - e ri-se. - Talvez alguém te deixe trabalhar no caminho-de-ferro.

- Vieram mais cartas? - pergunto.

Ele diz:

- O quê?

- Bem ouviste, - digo. - Vieram mais cartas da Nettie?

- Se viessem, - diz ele, - não lhes dava. São as duas da mesma laia. Um tipo tenta ser bom para ti e tu foges na cara dele.

- Maldito sejas, - digo eu.

- O que queres dizer?

Digo:

- Até seres bom para mim, tudo em que tocares há-de desfazer-se.

Ele ri-se.

- Quem pensas que és? - pergunta.

- Não podes amaldiçoar ninguém. És preta, és pobre, és feia, és mulher. Raios te partam, não és nada.

- Até seres bom para mim, - digo, - tudo, mesmo aquilo com que sonhares, vai falhar.

Disse-lhe isto na cara, como me veio à cabeça. E parecia que vinha das árvores.

- Mas que disparates, - diz o Sr..

- Se calhar não te dei porrada suficiente nesse cú.

- Por cada pancada que me deste há-de sofrer a dobrar, - digo eu.

E depois:

- É melhor parares com isso porque o que estou a dizer não vem só de mim. É como se abrisse a boca e o ar entrasse e formasse palavras.

- Merda, - diz ele. - Devia ter-te fechado à chave. E só te deixar sair para trabalhar.

- A prisão que queres para mim é onde há-de apodrecer, - digo eu.

A Shug vem até ao sítio onde estávamos a falar. Olhou para a minha cara e disse:

- Celie!

Depois voltou-se para o Sr.

- Pára, Albert, - disse ela. - Não digas mais uma palavra. Só estás a tornar tudo pior para ti.

- Vou dar cabo dela! - diz o Sr. e salta para mim.

Um diabo feito de pó voou pelo alpendre entre nós, encheu a minha boca de podridão. A podridão diz:

- Tudo o que me fizeres, cairá sobre ti.

Depois sinto a Shug sacudir-me.

- Celie, - diz ela.

E eu volto a mim.

- Sou pobre, sou preta, posso ser feia e não sei fazer comida, - diz uma voz para tudo o que tem ouvidos. - Mas estou aqui.

- Amém, - diz a Shug. - Amém, amém.

Minha Nettie:

Então como é isso em Memphis?

A casa da Shug é grande e cor-de-rosa e faz lembrar um celeiro. Só que onde se havia de pôr feno, ela pôs quartos e casas de banho e uma grande sala de baile onde ela e o seu conjunto trabalham às vezes. Tem muitos terrenos em volta da casa e um monte de monumentos e uma fonte em frente. Tem estátuas de pessoas de que nunca ouvi falar e não espero conhecer. Arranjou um bando inteiro de elefantes e tartarugas, por todos os lados. Alguns grandes, alguns pequenos, alguns na fonte, alguns debaixo das árvores. Tartarugas

e elefantes. E por toda a casa. Os repositores têm elefantes e as colchas têm tartarugas. A Shug pôs-me num grande quarto das traseiras que dá para um pátio e para os arbustos ao pé do ribeiro.

- Sei que estás habituada ao sol da manhã, - diz ela.

O quarto dela é em frente ao meu, à sombra. Ela trabalha tarde, dorme tarde, levanta-se tarde. Não há tartarugas nem elefantes nas coisas do quarto dela, mas tem umas estátuas espalhadas pelo quarto. Dorme com sedas e cetins, até mesmo os lençóis. E tem uma cama redonda!

- Eu queria construir uma casa redonda, - diz a Shug, - mas toda a gente dava a entender que era asneira. Não se pode pôr janelas numa casa redonda diziam.

Mas eu fiz alguns desenhos, de qualquer forma. Um destes dias..., - diz ela, mostrando os papéis.

É uma grande casa redonda e cor-de-rosa que parece um fruto qualquer. Tem janelas e portas e montes de árvores à volta.

- De que é feita? - pergunto.

- De barro. Mas não me ralava se fosse de betão. Parece-me que se podia fazer os moldes para cada divisão, deitar lá o betão, deixá-lo ficar duro, partir o molde, colar as divisões de qualquer forma e tinha-se a casa.

- Bom, eu gosto desta que tens, - digo. - Essa parece um bocado pequena.

- Não é má, - diz a Shug. - Mas sinto-me esquisita a viver dentro de um

quadrado. Se eu fosse quadrado, então era mais fácil, - diz ela.

Falamos imenso de casas. Como é que são construídas, que tipo de madeira se usa. Falamos de como se há-de fazer da parte de fora da casa um sítio que também seja útil. Eu sento-me na cama e começo a desenhar uma espécie de saia de madeira à roda da casa de betão.

- Podes sentar-te aqui, - digo, - quando estiveres cansada de estar em casa.

- Sim, - diz ela, - e vamos pôr-lhe um toldo.

Pega no lápis e arranja uma sombra para a saia de madeira.

- Caixotes de flores aqui, - diz ela, desenhando alguns.

- Com gerânios, - digo, -
desenhando-os.

- E alguns elefantes de pedra aqui,
- diz ela.

- E uma tartaruga ou duas aqui
mesmo.

- E como sabemos que tu também
vives aqui? - pergunta ela.

- Patos! - digo eu.

No momento em que acabamos a
nossa casa, ela até parece que sabe nadar
ou voar. Quando a Shug faz comida nin-
guém lhe chega aos calcanhares. Levanta-
se cedo e vai ao mercado. Mas só compra
o que é fresco. Depois vem para casa e
senta-se na escada de trás a cantarolar e a
descascar ervilhas ou a arranjar couves ou
peixe ou seja o que for que comprou. De-

pois põe as panelas todas ao lume ao mesmo tempo e abre o rádio. Pela uma hora está tudo pronto e ela chama-nos para a mesa. Presunto e hortaliças e galinha e pão de milho. Chitlins e feijoada com orelheira, chispe e cachola. Pickles de quiabo e casca de melancia. Bolo de caramelo e torta de amoras. Comemos até rebentar e bebemos um copo de vinho doce e cerveja também. Depois eu a Shug vamos para a cama dela ouvir música, para a comida acamar. Está fresco e escuro no quarto dela. A cama é fofa e boa. Ficamos abraçadas. Às vezes a Shug lê o jornal para eu ouvir. Tudo o que lá vem parece sempre uma coisa de loucos. Pessoas a brigar e a lutar e a apontar as outras com o dedo, nunca a ver se têm paz.

- As pessoas estão mal da cabeça, - diz a Shug. - Parecem baratas tontas. Assim não se pode construir nada que vá durar. Escuta, - diz ela. - Estão a fazer um dique que vai inundar uma tribo índia que viveu sempre ali. E repara, estão a fazer um filme sobre o tipo que matava todas as mulheres dele. O mesmo tipo que faz de assassino faz de padre. E olha para estes sapatos que inventaram agora. Experimenta andar um quilómetro com eles. Vimos a mancar todo o caminho até casa. E sabes o que vão fazer ao tipo que bateu num casal chinês até eles morrerem? Nada de nada.

- Sim, - digo eu, - mas há coisas boas.

- Claro, - diz a Shug, voltando a folha. - O Sr. e a Sra. Hamilton Hufflemeyer congratulam-se por anunciar o casamento da sua filha June Sue. Os Morris de Endover Road vão dar uma festa para a Igreja Episcopal. O Sr. Herbert Edeneail na semana passada foi aos Adirondacks ver a mãe doente, antiga Sra. Geoffroy Hood. Toda esta gente parece feliz, - diz a Shug. - Gordos e cheios de saúde. Têm olhos calmos e inocentes; como se não conhecessem os outros sacanas da página da frente. Mas são os mesmos tipos, - diz ela.

Mas logo a seguir, depois de fazer um jantar enorme e limpar a casa, a Shug volta ao trabalho. Quero dizer que não liga nenhuma ao que come. Nunca liga ao sítio onde dorme. Às vezes anda na es-

trada semanas umas atrás das outras, vem para casa com olhos remelosos, sem poder respirar, magra como um cão e cheia de gordura, parece. Quase que não há um sítio para parar e se lavar como deve ser na estrada, o cabelo nem é bom falar.

- Deixa-me ir contigo, - digo. - Passo-te a roupa a ferro, arranjo teu cabelo. Podia ser como dantes, quando estavas a cantar no Harpo's.

Ela diz:

- Não. Pode fingir que não está farta em frente de um grupo de gente que não conhece, de muitos brancos, mas não conseguia ter coragem para fingir na minha frente.

E depois diz:

- Não és minha criada. Não te trouxe para Memphis para isso. Trouxe-te para aqui para gostar de ti e para te ajudar a começares a viver.

E agora já anda por fora há quinze dias, e eu e o Grady e a Squeak andamos pela casa a tentar tratar disto tudo. A Squeak tem andado por muitos clubes na companhia do Grady. Além disso ele parece que está a plantar umas coisas na parte de trás da casa. Eu sento-me na casa de jantar e faço calças e mais calças. Agora tenho calças de todas as cores e tamanhos que existem no mundo. Desde que comecei a fazer calças em casa, nunca mais fui capaz de parar. Mudo de pano, mudo de desenho, mudo de cintura, mudo de bolsos. Mudo de bainha, mudo a largura das

pernas. Faço tantas calças que a Shug faz traça de mim.

- Eu não sabia o que ia arranjar, - diz ela a rir.

Há calças em todas as cadeiras e penduradas no armário da louça. Moldes feitos de jornais e pano por cima da mesa e no chão. Ela chega a casa, beija-me, anda por cima daquilo tudo. Diz, antes de ir embora outra vez:

- Que dinheiro precisas esta semana?

Então, um dia fiz um par de calças perfeito. Para a minha Sugar^{[15](#)}, é claro. De malha azul escura e macia com manchinhas encarnadas. Mas o que é bom é serem muito muito cômodas. Como a Shug come muitas porcarias quando viaja,

e bebe, a barriga dela incha. Assim pode desapertar as calças sem estragar o feitio. Como ela tem que meter as coisas nas malas sem a machucar, as calças são macias, quase não amachucam, e os desenhitos no tecido parecem sempre vivos e claros. E são muito grandes no tornozelo, de maneira que, quando quer cantar com elas e vesti-las como se fosse um vestido comprido, pode. E depois, quando as enfiou, a Shug ficou de morrer.

- Miss Celie, - diz ela. - És uma maravilha para se ter debaixo de olho.

Eu baixo a cabeça. Ela corre os espelhos todos para se ver. Seja como for que olhe, fica bem.

- Sabes como é quando a gente não tem nada que fazer, - digo, quando ela mostra as calças ao Grady e à Squeak.

Sento-me ali a pensar como hei-de ganhar a vida e antes que dê por isso já estou a fazer mais umas calças. Nessa altura a Squeak vê um par que lhe agrada a ela.

- Oh, Miss Celie, - diz. - Posso provar estas?

Veste umas cor do Sol a pôr-se. Quase cor de laranja com manchinhas quase cinzentas. Volta mesmo bonita. O Grady olha para ela como se a quisesse comer. A Shug mexe nos trapitos que pendurei por todo o lado. São tão fofos, macios, vivos, e brilham à luz.

- Muito longe daquela merda dura da tropa por onde começamos, - diz a

Shug. - Temos que fazer um par para agradecer ao Jack e mostrar-lhe.

O que ela foi dizer. Na semana a seguir passo a vida a entrar e a sair das lojas e a gastar mais dinheiro da Shug. Sento-me ao fundo do pátio a ver se descubro que calças agradavam ao Jack. O Jack é alto e amigo das pessoas e muito calado. Gosta de crianças. Tem respeito pela mulher, pela Odessa, e por todas as amazonas irmãs da Odessa. Tudo o que ela quer, ele faz logo. Se bem que nunca fale muito. É a coisa mais importante. E depois lembro-me que me tocou uma vez. Parecia que os dedos dele tinham olhos. Parecia que me conhecia de uma ponta à outra, mas só me tocou no braço ao pé do ombro. Começo a fazer as calças para o

Jack. Têm que ser cor de camelo. E maci-
as e fortes. E têm que ter bolsos grandes
para ele meter uma data de coisas dos fi-
lhos. Berlindes e cordéis e moedas e pe-
dras. E têm que se poder lavar e têm que
ser mais agarradas às pernas do que as da
Shug para ele poder correr, se precisar de
tirar um filho do caminho ou coisa assim.
E têm que ser uma coisa com que pos-
sa deitar-se quando abraça a Odessa em
frente da lareira. E...

E farto-me de pensar nas calças do
Jack. E corto e coso. E acabo-as. E
mando-lhas. A seguir a Odessa quer umas
calças. Depois a Shug quer mais dois pa-
res iguaizinhos ao primeiro. Depois toda
a gente do seu conjunto quer calças. De-
pois começam a fazer encomendas em to-

dos os lados onde a Shug canta. Não tardo a ficar com calças até ao pescoço.

Um dia, quando a Shug chega, digo:

- Sabes, gosto muito de fazer isto, mas tenho que me pôr a andar e ganhar a vida depressa. Até parece que isto é que me estraga tudo.

Ela ri-se.

- Vamos pôr anúncios no jornal, - diz. - E vamos pôr os preços mais caros. E vamos em frente e dar-te a casa de jantar para a tua fábrica e arranjar mais umas mulheres para cortarem e coserem aqui, enquanto tu ficas sentada a fazer desenhos. Ganhas a tua vida, Celie, - diz ela. - Rapariga, estás lançada.

Nettie, estou a fazer-te calças para não teres tanto calor na África. Macias, brancas, finas. Com azelhas na cintura. Já não vais ficar com tanto calor e com roupa demais. Hei-de fazê-las à mão, cada ponto que dou vai ser um beijo. Amém, A tua irmã Celie Costureira de Calças, Ilimitada Avenida da Shug Avery Memphis, Tennessee.

Minha Nettie:

Estou tão contente. Tenho amor, tenho trabalho, tenho dinheiro, tenho amigos e tenho tempo. E tu estás viva e não tardas a vir. Com os nossos filhos. Jerene e a Darlene vieram ajudar-me no negócio. São gêmeas. Nunca casaram. Gostam de coser. Além disso a Darlene está a

ver se me ensina a falar. Diz que falar assim é duma terra atrasada.

- Tu falas assim, - diz ela, - e as pessoas acham que és estúpida. As pessoas de cor julgam que és uma parola e as brancas fazem troça.

- Que me rala? - pergunto. - Sou feliz.

Mas ela diz que me hei-de sentir mais feliz se falar como ela. Não há nada que me possa fazer mais feliz do que verte outra vez, acho eu, mas não digo nada. Cada vez que digo qualquer coisa como é meu costume, ela emenda-me até eu dizer de outra maneira. Em pouco tempo fico como se não pudesse pensar. A minha cabeça corre atrás duma idéia, fica confusa, corre para trás e parece que desiste.

- Tens a certeza que vale a pena? -
pergunto.

Ela diz:

- Sim.

Traz-me um monte de livros. Só há
brancos neles, a falarem de maçãs e de
cães. Que me importa os cães? penso eu.
A Darlene continua a teimar.

- Pensa como a Shug ia ficar se fos-
ses instruída, - diz ela. - Não ia ter vergo-
nha de te levar a qualquer lado.

- A Shug não tem vergonha nenhu-
ma, - digo.

Mas ela não acredita que isto seja
verdade.

- Sugar, - diz ela um dia quando a
Shug chega, - não achas que era bom que
a Celie falasse bem?

- Por mim pode falar por sinais.

Faz uma grande chávena de chá de ervas e começa a falar de pôr azeite quente no cabelo. Mas eu deixo a Darlene continuar. Às vezes penso nas maçãs e nos cães, outras vezes não. Parece-me que só um doido queria que uma pessoa falasse duma maneira que lhe faz confusão à cabeça. Mas ela é boazinha e cose bem e a gente precisa de falar quando trabalha. Agora ando a fazer calças para a Sofia. Uma perna é púrpura, outra é encarnada. Penso na Sofia com estas calças e a saltar por cima da lua. Amém, A tua irmã Celie.

Minha Nettie:

Ao voltar outra vez a casa do Harpo e da Sofia sentia-me como nos velhos

tempos. Mas a casa era nova, mesmo abaixo do clube noturno, e muito maior que a mais antiga. Eu também me sentia diferente. O meu aspecto era diferente. Tinha umas calças azuis escuras e uma blusa de seda branca com um ar muito distinto. Sapatinhos vermelhos sem salto e uma flor no cabelo. Passámos pela casa do Sr. e ele estava sentado no alpendre e nem sequer percebeu quem eu era. Então quando levantei a mão para bater à porta, ouvi um estrondo. Parecia uma cadeira a cair. Depois ouvi discutir.

O Harpo diz:

- Quem já viu mulheres a pegarem num caixão. É só o que estou a tentar dizer.

- Bom, - diz a Sofia, - já disseste.

Agora podes calar o bico.

- Sei que ela é a tua mãe, - diz o Harpo. - Mesmo assim.

- Vais ajudar ou não? - diz a Sofia.

- Que é que as pessoas vão pensar?

- Pergunta o Harpo. - Mulheres altas e fortes a pegar num caixão e que deviam era estar em casa a fritar galinha.

- Do outro lado vão três irmãos nossos, - diz a Sofia.

Acho que se vê que têm mãos de quem trabalha a terra. Mas as pessoas estão acostumadas aos homens fazerem isso.

- As mulheres são fracas, - diz ele. - As pessoas julgam que são mais fracas, dizem que são, de qualquer forma. Pensam

que as mulheres devem levar as coisas com mais calma. Se queres chorar, chora.

- Não tentes mandar tu. Mando eu,
- diz a Sofia. - A mulher está morta. Posso chorar e levar tudo com calma e pegar também no caixão. E quer tu ajudes quer não com a comida e as cadeiras e o resto, é mesmo isso que penso fazer.

Fica tudo muito calado. Depois de um bocado, o Harpo diz, muito calmo para a Sofia:

- Por que és tu assim, hein? Por que julgas sempre que tens que fazer as coisas como te dá na gana? Uma vez perguntei isso à tua mãe, quando estavas presa.

- O que disse ela? - perguntou a Sofia.

- Disse que pensas que o que fazes é sempre a maneira melhor. Além disso, é a tua.

A Sofia ri-se. Sei que é uma altura má, mas bato à porta, mesmo assim.

- Oh, Miss Celie, - diz a Sofia, abrindo. - Que bom ver-te. Não achas que está com bom ar, Harpo?

O Harpo olha para mim como se nunca me tivesse posto os olhos em cima. A Sofia dá-me um grande abraço e um beijo na cara.

- Onde está a Miss Shug? - Pergunta.

- Anda a trabalhar, - digo. - Mas teve muita pena quando soube que a tua mãe morreu.

- Bom, - diz a Sofia. - A mãe lutou como uma valente. Se há um sítio para os valentes ela está mesmo lá no meio.

- Como estás, Harpo? - pergunto. - Continuas a encher a mula?

Ele e a Sofia riem.

- Não me parece que a Mary Agnes possa vir desta vez, - diz a Sofia. - Esteve cá há perto de um mês. Devias vê-la e à Suzie Q.

- Não, - digo eu. - Agora está sempre a trabalhar, a cantar em dois ou três clubes na cidade. As pessoas gostam muito de a ouvir.

- A Suzie Q está tão vaidosa por ela, - diz a Sofia. - Adora que ela cante. Adora o perfume dela. Adora os vestidos. Adora por os chapéus e os sapatos dela.

- Como vai na escola? - pergunto.

- Oh, vai bem, - diz a Sofia. - Esperta como um alho. Quando lhe passou a fúria por a mãe a deixar e descobriu que eu era a mãe da Henrietta, entrou na linha. Adora a Henrietta.

- E a Henrietta?

- Uma peste, - diz a Sofia. - Aquela carinha sempre a ameaçar tempestade. Mas talvez lhe passe quando crescer. O pai levou quarenta anos a ser amável. Costumava ser uma peste até para a mãe dele.

- Vê-lo muitas vezes? - pergunto eu.

- Quase tanto como a Mary Agnes, - diz a Sofia.

- A Mary Agnes está diferente, - diz o Harpo.

- O que queres dizer? - pergunto.

- Não sei, - diz ele. - Ela tem a cabeça noutro lado. Fala como se estivesse bêbada. E cada vez que olha em volta parece estar à procura do Grady.

- Ambos fumam muita erva, - digo.

- Erva? - diz o Harpo. - Que raio é isso?

- Uma coisa que faz a gente sentir-se bem, - digo. - Uma coisa que faz a gente ver coisas. Uma coisa que te faz gostar de pessoas. Mas se fumas demais ficas com o espírito fraco. Confundido. Precisas sempre de te agarrar a alguém. O Grady planta-a no pátio das traseiras, - digo.

- Nunca ouvi falar duma coisa assim, - diz a Sofia. - Cresce na terra?

- Como uma erva daninha, - digo.

- O Grady arranjava meio acre se tivesse uma oportunidade.

- Até onde cresce? - pergunta o Harpo.

- É grande, - digo. - Mais que eu. E com muitas folhas.

- E que parte fumam?

- A folha, digo.

- E fumam-na toda? - pergunta.

Rio-me.

- Não, vendem a maior parte.

- Já provaste? - pergunta ele.

- Sim, - digo. - Ele faz cigarros que depois vende a dez cêntimos. Dá cabo do peito, - digo, - mas queres provar um?

- Não, se nos põe malucos, - diz a Sofia. - A vida já custa bastante mesmo mantendo o juízo.

- É como o uísque, - digo. Tem que se ter cuidado. - Sabes que um copito de vez em quando não faz mal, mas se não pode aguentar sem uma garrafa toda, é um sarilho.

- Fumas muito disso, Miss Celie? - pergunta o Harpo.

- Achas que pareço uma parva? Fumo quando quero falar com Deus. Fumo quando quero fazer amor. Nos últimos tempos parece que e eu e Deus fazemos amor muito bem, de qualquer forma. Mesmo que eu fume ou não.

- Miss Celie! - diz a Sofia, horrorizada.

- Rapariga, estou cheia de sorte, -
digo para a Sofia. - Deus sabe o que quero
dizer.

Sentamo-nos à mesa da cozinha e
acendemos os cigarros. Mostro-lhe como
é que se deve chupar. O Harpo engasga-
se. A Sofia não é capaz de respirar. Logo
a seguir a Sofia diz:

- Que engraçado, nunca tinha ouvi-
do antes aquele zumbido.

- Que zumbido? - pergunta o Har-
po.

Ficamos muito quietos e ouvimos.

- É verdade, há um zummm.

- Onde vem? - pergunta a Sofia.

Levanta-se e espreita pela porta.

- Não se vê ninguém.

O som parece mais forte. Zu-
ummmmm. O Harpo vai à janela.

- Também não há nada, - diz ele.

O zumbido continua:
ZUUUMMMMMMM.

- Acho que sei o que é, - digo eu.

E eles dizem:

- O quê?

Eu digo:

- Tudo.

- Sim, - dizem eles. - Parece que
tens toda a razão.

- Bom, - diz o Harpo no enterro, lá
vêm as amazonas.

- Os irmãos também, - digo baixi-
nho. - Como lhes chamas?

- Sei lá, - diz ele.

Andam sempre os três com as malucas das irmãs. Não há nada que os faça abandoná-las. Às vezes penso no que as mulheres deles têm que aguentar. Andam todos a bater com o pés, a igreja até abana, e põem a mãe de Sofia em frente ao púlpito. As pessoas choram e abanam-se e tentam manter um olho nos filhos, mas não olham para a Sofia nem para as irmãs. Fazem de conta que as coisas sempre assim foram feitas. Adoro as pessoas.

AMÉM

Minha Nettie:

A primeira coisa que vejo no Sr. é como está asseado. A pele até brilha. Tem o cabelo escovado para trás. Quando vai até ao caixão para ver o corpo da mãe da

Sofia, pára e diz-lhe qualquer coisa baixo. Bate-lhe no ombro. Quando volta para o lugar olha para mim. Mas eu levanto o leque e olho para outro lado. Vamos para casa do Harpo depois do enterro.

A Sofia diz:

- Sei que não hás de acreditar, Miss Celie, mas o Sr. está a fazer tudo como se quisesse tornar-se crente.

- Um diabo como ele, - digo, - o mais que consegue é tentar.

- Não vai à igreja nem nada, mas já não diz logo mal das pessoas. Está a trabalhar muito, também.

- O quê? - digo eu. - O Sr. a trabalhar!

- Está, pois. Está no campo desde que o sol nasce até que se póe. E limpa a

casa como uma mulher. Até faz comida, - diz o Harpo. - E mais ainda, lava a louça quando acaba de comer.

- Não, - digo eu. - Vocês ainda devem estar com a erva.

- Mas não fala muito com as pessoas nem se chega a elas, - diz a Sofia.

- Parece que a loucura está a tomar conta de mim, - digo.

Mesmo nessa altura, o Sr. avança.

- Como passas, Celie?

- Bem, - digo.

Olho para os olhos dele e vejo que tem medo de mim. Bom, penso. Deixá-lo sentir-se assim.

- A Shug não veio contigo desta vez? - diz ele.

- Não, - digo. - Tem que trabalhar.

Mas teve pena da mãe da Sofia.

- Toda a gente teve, - diz ele.- A mulher que deu a Sofia à luz fez qualquer coisa de jeito.

Não digo nada.

- Foi um enterro bonito, - diz ele.

- Pois foi, - digo.

- E tantos netos! - diz ele. - Bom.

Doze filhos todos a terem também muitos. Só a família já enche a igreja.

- Sim, - digo. - É verdade.

- Quanto tempos ficas? - diz ele.

- Uma semana, se calhar, - digo eu.

- Sabes que a filha do Harpo e da Sofia está muito doente? - pergunta ele.

- Não, não sabia.

Aponto para a Henrietta no meio das pessoas.

- Está ali, - digo. - Parece bem.

- Pois, parece bem, - diz ele, - mas tem qualquer coisa no sangue. Parece que o sangue dela fica empastado nas veias de vez em quando. Ela fica doente como um cão. Não acho que vá durar muito, - diz ele.

- Santíssimo Nome de Deus! - digo eu.

- Sim, - diz ele. - É um desgosto para a Sofia. E ainda tem que educar essa rapariga branca que está a criar. Agora morreu-lhe a mãe. Também não está lá com muita saúde. E a Henrietta é dura de roer, tanto doente como sã.

- Oh, ela é danada, - digo.

Depois lembro-me de uma das cartas de Nettie acerca das crianças doentes quando estava na África. Parece-me que falava de alguma coisa acerca daquele sangue às pastas. Faço esforços para me lembrar o que ela diz das pessoas de África, mas não me lembro. Falar com o Sr. é uma coisa tão esquisita que não consigo pensar em nada. Nem sequer em qualquer coisa para responder. O Sr. fica de pé à espera que eu diga qualquer coisa, olhando para longe, para a casa dele.

Depois diz:

- Boa tarde, - e vai-se embora.

A Sofia diz que depois de eu o deixar o Sr. viveu como um porco. Fechou-se em casa de tal maneira que cheirava mal. Não deixava entrar ninguém até que

o Harpo entrou à força. Limpou a casa, foi buscar comida. Deu banho ao pai. O Sr. estava fraco demais para lutar. Além disso, muito mal para lhe fazer qualquer diferença.

- Não podia dormir, - diz ela. - À noite pensava que ouvia morcegos fora de casa. E outras coisas a arranhar a chaminé. Mas o pior era ouvir o coração a bater. Andava muito bem enquanto era de dia, mas logo que vinha a noite, ficava doído. Batia tão forte que a casa tremia. Parecia um tambor. O Harpo foi muitas noites dormir com ele, - diz a Sofia. - O Sr. ficava todo encolhido à beira de cama. Com os olhos pregados às peças da mobília para ver se se chegavam a ele. Sabes como é baixo, - diz a Sofia. - E como o Harpo é

grande e forte. Bom, uma noite fui lá dizer qualquer coisa ao Harpo e os dois estavam na cama a dormir, por fim. O Harpo estava abraçado ao pai. Depois disso, comecei a gostar outra vez do Harpo, - diz a Sofia. - E logo a seguir começamos a trabalhar na casa nova.

Ri-se.

- Mas não te disse que foi fácil, pois não? Se dissesse, Deus fazia-me cortar a minha própria língua.

- O que o fez ficar bom? - perguntei.

- Oh, - diz ela. - O Harpo obrigou-o a mandar-te o resto das cartas da tua irmã. Logo depois começou a melhorar. Sabes como a maldade mata, diz ela. AMÉM.

Minha muito querida Celie. Por esta altura esperava já estar aí. Olhar para a tua cara e dizer: Celie, és mesmo tu? Tentei imaginar o que os anos te puderam fazer quanto ao peso e às rugas ou como te penteias. Para uma coisita só pele e osso tão pequena tornei-me bastante gorda. E tenho alguns cabelos brancos! Mas o Samuel diz que gosta de mim assim, gorda e grisalha. Ficas admirada? Casamos na Inglaterra, no Outono passado, onde tentamos ajudar os Olinkas através das igrejas e da Sociedade Missionária. Enquanto puderam, os Olinkas fizeram de conta que não viam a estrada e os construtores que apareciam. Mas por fim tiveram que reparar neles porque uma das primeiras coisas

que os outros fizeram foi dizer-lhes que tinham que se mudar para outro sítio. Os construtores queriam o local da aldeia para a sede da plantação de borracha. É o único sítio quilômetros em redor que tem um fornecimento constante de água doce. Embora protestando, os Olinkas, juntamente com os seus missionários, foram expulsos e colocados numa faixa de terreno árido que não tem água durante seis meses no ano. Durante esse tempo têm que comprar água aos plantadores. Na estação das chuvas há um rio e eles estão a tentar fazer buracos nas rochas e a arranjar as cisternas. Até agora armazenam água em bidões de gasolina que os construtores trouxeram. Mas o mais horrível de tudo tem a ver com as folhas que usam

como tetos, e que, como te devo ter explicado, adoram como a um Deus. Bom, naquela faixa de terreno árido os plantadores fizeram barracões para os trabalhadores. Um para os homens, outro para as mulheres e crianças. Mas como os Olinkas juraram que nunca iriam viver numa habitação que não fosse coberta pelo seu Deus, os construtores deixaram os barracões sem nada que os protegesse. A seguir arrasaram a aldeia olinka e tudo o mais, quilômetros em redor. Incluindo o último caule das ditas folhas. Após semanas quase insuportáveis ao sol escaldante, fomos acordados uma manhã pelo barulho de um grande caminhão a entrar no complexo. Estava carregado com folhas de chapa ondulada. Celie, tivemos que pa-

gar a chapa. O que acabou com as magras economias que os Olinkas tinham e quase todo o dinheiro que tínhamos conseguido pôr de lado para a instrução das crianças após o regresso à nossa terra. O que tínhamos planejado fazer todos os anos desde que a Corrine morreu, embora cada vez mergulhássemos mais nos problemas dos Olinkas. Nada podia ser mais feio do que a chapa ondulada, Celie. Enquanto eles se esforçavam por pôr telhados daquele metal frio, duro, brilhante e feio, as mulheres ulularam de desgosto, ao ponto de nos ensurdecarem, fazendo eco nas paredes das cavernas à distancia. Foi nesse dia que os Olinkas acusaram uma derrota temporária, pelo menos. Embora os Olinkas já não nos pedissem nada, apenas que-

riam que ensinássemos os filhos, visto terem percebido como nós e o nosso Deus somos impotentes, o Samuel e eu resolvemos que devíamos fazer alguma coisa acerca deste último ultraje, embora muitas das pessoas com quem nós nos dávamos mais tivessem fugido para se reunirem aos Mbeles, ou gente da floresta, que vivem no coração da selva e se recusam a trabalhar para os brancos ou a serem governados por eles. Portanto partimos para Inglaterra com as crianças. Foi uma viagem incrível, Celie, não só por quase termos esquecido como era o resto do mundo e coisas como barcos e fogos alimentados a carvão e candeeiros das ruas e papas de aveia, mas porque ia conosco a missionária branca de quem tínhamos ouvido falar

anos atrás. Já tinha largado o seu trabalho de missionária e voltava para Inglaterra onde ia viver. Viajava com um rapazinho africano a quem apresentou como neto! É claro que se tornava impossível ignorar a presença de uma mulher branca de idade com uma criança negra. O barco andava numa roda viva. Todos os dias em que ela e a criança passeavam pelo convés, havia grupos de brancos que se calavam de repente. É uma mulher alegre, fibrosa, de olhos azuis, com cabelo cor de prata e de erva seca. Tem um queixo curto e quando falava parecia estar a gargarejar. Vou a caminho dos sessenta e cinco, disse-nos quando estávamos uma noite a jantar à mesma mesa. Estive nos trópicos a maior parte da vida. Mas, disse ela, vem aí uma

grande guerra. Maior do que a que estava a começar quando parti. Vai ser mau para a Inglaterra, mas espero que sobrevivamos. Perdi a outra, disse ela. Tenciono assistir a esta. O Samuel e eu nunca tínhamos pensado na guerra a sério. Bom, disse ela, há indícios em toda a África. Também na Índia, creio. Primeiro construíram uma estrada no sítio onde se guarda as mercadorias. Depois arrancaram as árvores para fazer barcos e mobília para os capitães. Depois plantaram o que não se pode comer. Depois obrigaram as pessoas a trabalhar nisso. Está a acontecer por toda a África, disse ela. Na Birmania também, julgo. Mas aqui o Harold e eu resolvemos partir. Não foi, Harry? disse ela, dando uma bolacha ao rapazito. A criança não

respondeu, só mastigou pensativamente. A Olivia e o Adam levaram-no quase logo para verem os salva-vidas. A história de Doris - o nome da mulher é Doris Baines - é interessante. Mas não vou aborrecer-te com ela como acabamos por nos aborrecer nós. Nasceu muito rica, na Inglaterra. O pai era o Lorde Fulano ou Beltrano. Estavam sempre a dar ou a assistir a festas que não divertiam ninguém. Além disso, ela queria escrever livros. A família não concordava. De forma alguma. Esperavam que ela se casasse. Eu casar! exclamava zangada. (Realmente, ela tem idéias muito esquisitas). Fizeram tudo para me convencer, disse ela. Nem calculam! Nunca vi tantos jovens bem comportadinhos na minha vida como quando eu tinha de-

zenove e vinte anos. Cada um mais aborrecido do que o anterior. Pode haver algo de mais aborrecido do que o inglês da classe mais alta? perguntava ela. Faziam-me lembrar os malditos cogumelos. Bem, continuou ela, em jantares intermináveis, porque o capitão nos punha sempre na mesma mesa. Parece que a ideia de se fazer missionária lhe veio de repente numa noite em que se estava a arranjar para mais um jantar aborrecido e se encontrava no banho pensando que um convento seria melhor que o castelo onde vivia. Podia pensar e escrever. Mandaria em si mesma. Mas havia um contra. Como freira não poderia mandar nela própria. Deus é que mandaria. A virgem mãe. A madre superiora. Etc. Etc. Ah, mas se fosse missio-

nária! Longe, na vastidão da Índia, sozinha! Parecia a felicidade. E assim cultivou um interesse piedoso pelos pagãos. Enganou os pais. Enganou a Sociedade Missionária, que ficou tão impressionada com o seu rápido domínio linguístico que a enviou para a África (que pouca sorte!) onde começou a escrever romances acerca de tudo quanto existe debaixo do sol. O meu nome literário é Jaret Hunt, disse ela. Na Inglaterra, e até na América, sou um êxito incontornável. Rica e famosa. Uma reclusa excêntrica que passa a maior parte do seu tempo a caçar animais selvagens. Bem, continuou ela, várias noites depois, não pensam que liguei muito aos pagãos, pois não? Não me pareceu que tivessem nada de mal, tal como estavam. E pare-

ciam suportar-me. Na realidade ajudei-os bastante. Era escritora, afinal de contas, e enchi resmas de papel a pensar neles: na sua cultura, nas necessidades, no seu comportamento, em tudo. Haviam de ficar admirados se soubessem como é bom escrever quando se quer ganhar dinheiro. Aprendi a falar a língua deles impecavelmente e, para fazer recuar os bisbilhoteiros dos missionários outra vez para as suas sedes, escrevi relatórios inteiros nas línguas nativas. Levantei dinheiro sobre as criptas funerárias da família, no valor de um milhão de libras, antes de conseguir qualquer coisa das sociedades missionárias ou dos ricos e velhos amigos da família. Construí um hospital, uma escola secundário. Um colégio preparatório. Uma

piscina, o único luxo a que me dei, visto que nadar no rio é correr o risco de ser atacado por sanguessugas. Não podem fazer idéia da paz que havia! disse ela, ao pequeno-almoço, já a meio caminho da Inglaterra. No espaço de um ano tudo o que me dizia respeito a mim e aos pagãos corria sobre rodas. Expliquei-lhes muito bem que as almas deles não estavam a cargo da minha, que queria escrever livros e não ser incomodada. Estava disposta a pagar por esse prazer. Bastante generosamente. Num impulso de apreço, o chefe, com certeza sem saber o que havia de fazer, deu-me de presente duas das suas mulheres. Creio que, duma maneira geral, não acreditavam que eu era mulher. Parecia haver dúvidas na cabeça deles acer-

ca daquilo que eu seria. Em todo o caso. Eduquei as duas raparigas o melhor que pude. Mandeí-as para a Inglaterra, é claro, para estudarem medicina e agricultura. Recebi-as em casa quando voltaram, dei-as em casamento a dois jovens que sempre tinham vivido ali, e começou o tempo mais feliz da minha vida como avó dos filhos deles. Nunca os fecham em nenhum sítio da cabana. Há uma certa sangueira por altura da puberdade. Mas a mãe do Harry, a médica, vai alterar tudo isso. Não é, Harold? De qualquer modo, disse ela, quando chegar a Inglaterra vou pôr ponto final naquelas malditas intromissões. Vou-lhes dizer o que devem fazer às suas malditas plantações de borracha e aos malditos plantadores e engenheiros ingleses to-

dos pelados pelo sol mas que ainda conseguem estragar tudo. Sou uma mulher muito rica e a aldeia de Akwi é minha. Escutamos a maior parte desta história num silêncio mais ou menos respeitoso. As crianças andavam entretidas com o Harold, embora nunca dissesse uma palavra ao pé delas. Parecia gostar muito da avó e estar acostumado a ela, mas a sua verbosidade provocava nele uma espécie de silêncio observador e sóbrio. É muito diferente conosco, disse o Adam, que realmente gosta muito de crianças, e pode atrair qualquer criança no espaço de meia hora. O Adam conta piadas, canta, faz de palhaço e sabe jogos. E tem o sorriso mais luminoso do mundo, na maior parte das vezes-e os estupendos dentes saudáveis

dos Africanos. Enquanto escrevo acerca do seu sorriso alegre percebo que tem andado invulgarmente macambúzio durante esta viagem. Interessado e excitado, mas não alegre, exceto quando ao pé do pequeno Harold. Tenho que perguntar à Olivia o que há. Está excitada com a idéia de voltar a Inglaterra. A mãe costumava falar-lhe dos chalés cobertos de colmo dos ingleses e de como lhe faziam lembrar as cabanas tapadas com folhas dos Olinkas. Em todo o caso são quadradas, dizia-lhe. Mais parecidas com a nossa igreja e com a nossa escola do que com a nossa casa, o que a Olivia achava muito estranho. Quando chegamos a Inglaterra, o Samuel e eu apresentámos as queixas dos Olinkas ao bispo do ramo branco da nos-

sa igreja, um homem novo que usa óculos e se sentou a folhear uma pilha de relatórios anuais do Samuel. Em vez de mencionar sequer os Olinkas, o bispo quis saber quanto tempo tinha passado desde que a Corrine morrera, e por que, logo que isso aconteceu, eu não tinha voltado para a América. Eu não estava a perceber onde ele queria chegar, na verdade. Nas aparências, Miss, disse ele. Nas aparências. O que pensarão os nativos? Acerca de quê? perguntei. Vamos, vamos, disse ele. Vivemos como dois irmãos, disse o Samuel. O bispo teve um sorriso. Sim, disse ele. Senti a minha cara ficar vermelha. Bom, há mais coisas a dizer, mas por que hei-de aborrecer-te com isso? Sabes como são certas pessoas, e o bispo era uma delas. O

Samuel e eu saímos sem uma palavra sequer acerca dos problemas dos Olinkas. O Samuel estava furioso, eu assustada. Disse que a única coisa a fazer, se queríamos continuar na África, era irmos viver com os Mbeles e encorajar os Olinkas a fazer o mesmo. Mas supõe que eles não querem ir? perguntei. Muitos são demasiado velhos para irem para a floresta. Muitos estão doentes. As mulheres têm bebês. E depois há os jovens que querem bicicletas e roupas inglesas. Espelhos e panelas a brilhar. Querem trabalhar para os brancos para terem essas coisas. Coisas? disse ele, repugnado. Malditas coisas! Bom, vamos passar um mês aqui, em todo o caso, disse eu, vamos aproveitar o melhor que pudermos. Como tivemos que gastar muito

dinheiro do nosso nos telhados de chapa ondulada e na viagem, na Inglaterra tivemos que passar um mês como pessoas pobres. Mas foi um tempo muito bom para nós. Começamos a sentir-nos uma autêntica Lâmbia, sem a Corrine. E as pessoas que encontramos na rua nunca deixaram (se falaram conosco) de manifestar a sua amabilidade, que as crianças se pareciam mesmo comigo e com o Samuel. As crianças começaram a aceitar isso como natural e a ir ver sozinhas o que lhes interessa. Entregando o pai e eu aos nossos prazeres mais tranquilos, mais tranquilizantes, um dos quais é a simples conversa. O Samuel, é claro, nasceu no Norte, em Nova Iorque, e aí cresceu e foi educado. Conheceu a Corrine através da tia dele, que

tinha sido missionária juntamente com a tia da Corrine no Congo Belga. Era frequente o Samuel acompanhar a tia Althea a Atlanta, onde vivia a tia da Corrine, Theadosia. Essas duas senhoras tinham passado juntas por coisas maravilhosas, disse Samuel a rir. Tinham sido atacadas por leões, tinham sido postas em debandada por elefantes, tinham sofrido inundações devido às chuvas e sofrido os efeitos de guerras de (nativos). As histórias que contavam eram simplesmente inacreditáveis. Sentavam-se num sofá forrado de pêlo de cavalo, cheio de coberturas de proteção, as duas damas muito formais e finas, de galas e punhos de renda, com fitas, contando aquelas histórias fantásticas à hora do chá.

A Corrine e eu, quando éramos adolescentes, costumávamos tentar caricaturar essas histórias. Chamávamos-lhes coisas como “três meses numa cama de rede” ou “as nádegas doloridas do continente negro”. Ou então “Uma mapa da África: Guida para a apatia nativa em relação ao sagrado mundo”. Fazíamos troça delas, mas ficávamos presas às suas aventuras e ao modo como elas as narravam. Tinham um ar tão sensato. Tão respeitável. Na verdade era impossível imaginá-las a construir as próprias mãos uma escola na selva. Ou a lutarem contra répteis. Ou contra africanos hostis que pensavam que elas eram capazes de voar, visto usarem vestidos que pareciam ter asas, vistos de trás. Selva? Guinchava a Corrine para

mim ou eu para ela. E só o som da palavra nos lançava numa histeria silenciosa, enquanto bebíamos sossegados o nosso chá. Porque, é claro, não percebiam que estavam a ser engraçadas, e para nós eram, muito. E, como é natural, a perspectiva popular que imperava nesse tempo acerca dos Africanos contribuía para a sensação de divertimento. Não só os Africanos eram selvagens como eram uns selvagens presunçosos e disparatados, parecidos com os seus irmãos presunçosos e disparatados da nossa terra. Mas evitávamos com cuidado esta ligação muito aparente, para não dizer que a evitávamos premeditadamente. A mãe da Corrine era uma dona de casa dedicada e uma mãe que não gostava da sua irmã mais aventureira.

Mas nunca impediu a Corrine de a visitar. E quando a Corrine tinha a idade indicada, mandou-a para o Seminário Spelman, onde tinha estado a tia Theodosia. Era um sitio muito interessante. Começara com duas missionárias brancas de New England que costumavam usar vestidos idênticos. Iniciara-se na cave de uma igreja, mas em breve mudou-se para barracões do exército. Finalmente, aquelas duas damas foram capazes de reunir grandes quantias de dinheiro graças a alguns dos homens mais ricos da América, e assim se desenvolveu o estabelecimento. Edifícios, árvores. As raparigas aprendiam tudo: a ler, a escrever, aritmética, costura, a tratar da casa, a cozinhar. Mas principalmente ensinavam-lhes a servir Deus e as pes-

soas de cor. O seu mote oficial era “Toda a nossa escola é para Cristo”. Mas eu sempre pensei que o mote não oficial era “A nossa comunidade abrange todo mundo”, porque logo que uma jovem passava pelo Seminário Spelman começava a lançar mão de todo o trabalho que podia fazer pelo seu povo, fosse qual fosse o sítio do mundo. Era realmente espantoso. Essas jovens muito corteses e formais, algumas das quais nunca tinham posto um pé fora da sua própria cidadezinha, excetuando a ida para o seminário, só pensavam em fazer as malas e irem para a Índia, a África, o Oriente. Ou para Filadélfia ou Nova Iorque. Sessenta anos, mais ou menos, antes da fundação da escola, os índios Cherokee, que viviam na Geórgia, foram for-

çados a deixar os seus povoados e a caminharem, através da neve, para campos de reserva em Oklahoma. Um terço morreu no caminho. Mas muitos recusaram-se a deixar a Geórgia, ocultaram que eram de cor e finalmente cruzaram-se conosco. Muitas dessas pessoas de raça mista foram parar ao Spelman. Algumas recordavam-se de quem realmente eram, mas a maioria não. Se pensavam nisso (e tornava-se cada vez mais difícil pensar em índios porque não havia nenhum em redor), julgavam que essas pessoas eram amarelas ou castanho-avermelhadas, e que tinham o cabelo ondulado devido a antepassados brancos, não índios.

Até a Corrine pensava assim, disse ele. E contudo, eu sempre pensei nela co-

mo índia. Era tão calma. Tão ponderada. E conseguia anular-se, anular o seu espírito, com uma firmeza realmente espantosa, quando sabia que as pessoas à sua volta não respeitavam essa faceta. Não parecia difícil para o Samuel falar-me da Corrine enquanto estávamos na Inglaterra. E para mim não era difícil ouvi-lo. Tudo parece tão improvável, dizia ele. Aqui estou eu, um homem a envelhecer, cujos sonhos de ajudar as pessoas não passariam disso, de sonhos. Como a Corrine e eu em crianças faríamos rindo de nós mesmos. “Um idiota do ocidente durante vinte anos”, ou “A doença da boca e das folhas: um tratado sobre a futilidade no trópicos”. Etc. Etc. Falhamos tão redondamente, dizia ele. Tornamo-nos tão cômicos

cos como a Althea e a Theodosia. Acho que a consciência disto alimentou a doença da Corrine. Ela era de longe mais intuitiva que eu. O seu dom para compreender as pessoas era muito maior. Costumava dizer que os Olinkas tinham ressentimento contra nós, mas eu não queria reconhecê-lo. Mas tinham-no, sabes. Não, disse eu, não era ressentimento a sério. Na realidade era indiferença. As vezes eu sentia que a nossa situação era a das moscas na pele de um elefante.

Lembro-me que uma vez, antes de a Corrine e eu casarmos, continuou o Samuel, a tia Theodosia tinha uma das suas reuniões em casa. Todas as quintas-feiras. Convidava uma quantidade de (jovens muito sérios), como lhes chamava, e um

deles era um jovem erudito de Harvard, chamado Edward. Du Boyce era o apelido dele, creio. Fosse como fosse, a tia Theodosia prosseguiu as suas aventuras africanas, que culminavam na época em que o rei Leopoldo da Bélgica a presenteara com uma medalha. Bem, o Edward, ou talvez fosse Bill, era um rapaz muito impaciente. Via-se-lhe os olhos, via-se-lhe na maneira como mexia o corpo. Nunca estava quieto. Quando a tia Theodosia chegou à parte em que explicava a sua surpresa e alegria por ter recebido a medalha que recompensava os seus serviços como missionária exemplar da colônia do rei o pé do Du Boyce começou a bater no chão muito depressa e descontroladamente. A Corrine e eu olhamos um para o outro alar-

mados. Era evidente que ele tinha ouvido aquela história antes e não estava disposto a aguentar uma segunda vez. Minha cara senhora, disse ele, quando a tia Theodosia acabou a sua história e mostrou a famosa medalha por toda a sala, sabe que o rei Leopoldo cortou as mãos de vários trabalhadores que, na opinião dos capatazes das plantações, não atingiam as suas quotas de borracha? Em vez de estimar essa medalha, minha cara senhora, devia considerá-la como um símbolo da sua involuntária cumplicidade para com esse déspota que explorou até à morte e brutalizou e acabou por exterminar milhares e milhares de indivíduos africanos. Bom, disse o Samuel, o silêncio caiu sobre a reunião como uma influência maligna. Pobre tia Theo-

dosia! Há qualquer faceta em todos nós que deseja uma medalha por aquilo que temos feito. Essa faceta deseja ser apreciada. E não há dúvida de que os Africanos não negociam em medalhas. Mal parecem preocupar-se com o fato de existirem ou não missionários. Não sejas amargo, disse eu. Como posso deixar de o ser? perguntou ele. Os Africanos nunca nos pediram a nossa presença, como sabes. Não vale a pena censurá-los por não nos sentirmos bem acolhidos. É pior do que isso, disse o Samuel. Os Africanos nem sequer nos reconhecem como os irmãos que venderam. Oh, Samuel, disse eu. Não digas isso. Mas, sabes, ele tinha começado a chorar. Oh, Nettie, disse ele. É o nó da questão, não vês? Nós gostamos deles. Ten-

tamos todas as vias para lhes mostrar esse amor. Mas eles rejeitam-nos. Nem sequer escutam nunca o nosso sofrimento. E se escutam dizem coisas estúpidas. Por que não falam a nossa língua? perguntam. Por que não conseguem lembrar-se dos velhos costumes? Por que não são felizes na América, se toda a gente lá guia automóvel?

Celie, parecia uma altura tão boa como qualquer outra para o rodear com os meus braços. O que fiz. E as palavras há muito enterradas no meu coração subiram-me aos lábios. Acaricieei a sua amada cabeça e o seu amado rosto e chamei-lhe meu querido e meu amor. E receio que a preocupação e a paixão nos fizessem perder rapidamente o autodomí-

nio. Espero que quando receberes estas notícias acerca do comportamento atrevido da tua irmã não fiques chocada ou inclinada a julgar-me com severidade. Em especial quando te contar como foi uma alegria completa. Fui transportada pelo êxtase nos braços do Samuel. Podes ter adivinhado que sempre o amei. Mas não o sabia. Oh, amava-o como a um irmão e respeitava-o como a um amigo, mas Celie, eu amo-o carnalmente, como um homem! Amo a sua maneira de andar, a sua altura, o seu corpo, o seu cheiro, os seus cabelos encaracolados. Amo a textura das palmas das suas mãos. O rosado do interior da sua boca. Amo o seu grande nariz. Amo as suas sobrancelhas. Amo os seus pés. E amo aqueles olhos em que a vulnerabilida-

de e a beleza da sua alma se podem ler claramente. As crianças descobriram imediatamente a mudança em nós. Receio, minha querida, que estivéssemos radiantes. Amamo-nos com ternura, disse-lhes o Samuel, com o braço à minha volta. Tencionamos casar. Mas antes de o fazermos, disse eu, tenho que contar-vos umas coisas acerca da minha vida e da Corrine e de mais alguém. E foi aí então que lhes falei de ti, Celie. E do amor que lhes tinha a sua mãe, Corrine. E disse-lhes que era tia deles. Mas onde está a outra mulher, a tua irmã? perguntou a Olivia. Expliquei o teu casamento com o Sr. o melhor que pude. O Adam ficou logo alarmado. É um espírito muito sensível que capta o que não se disse tão bem como o que foi dito.

Em breve iremos outra vez para a América, disse o Samuel para o acalmar, e logo veremos o que se passa com ela. As crianças estiveram conosco numa cerimônia simples, na igreja, em Londres. E foi nessa noite, depois do jantar do casamento, quando estávamos a arranjar-nos para nos deitarmos, que a Olivia me contou o que tem andado a preocupar o irmão. Sente a falta da Tashi. Mas também está muito zangado com ela, disse a Olivia, porque quando partimos ela estava a pensar em dar golpes na cara. Eu não sabia. Uma das coisas que julgávamos que tínhamos eliminado era os golpes na cara, as marcas tribais, das raparigas. É a maneira que os Olinkas têm de mostrar que ainda possuem os seus costumes próprios.

os, disse a Olivia, ainda que os Brancos lhes tenham tirado tudo o mais. A Tashi não queria fazê-lo, mas para que o seu povo se sentisse mais feliz, resignou-se. Também vai passar pela cerimônia da iniciação feminina, disse ela. Oh, não, disse eu. Isso é tão perigoso! Imagina que apanha uma infecção? Bem sei, disse a Olivia. Disse-lhe que ninguém, nem na América nem na Europa, corta algum pedaço do seu corpo. E, de qualquer forma, ela tinha de o fazer aos onze anos, se o fizesse. Agora é demasiado crescida. Bem, alguns homens são circuncidados, disse eu, mas isso é apenas cortar um pedaço de pele muito pequeno. A Tashi sente-se feliz por a cerimônia de iniciação não ser feita na Europa ou na América, disse a Oli-

via. Isso dá-lhe mais valor aos olhos dela. Estou a ver, disse eu. Ela e o Adam tiveram uma discussão horrível. Nada parecida com as que tiveram antes. Ele não estava a arreliá-la, nem a correr atrás dela pela aldeia fora nem a espetar-lhe raminhos das folhas dos telhados no cabelo. Estava suficientemente furioso para lhe bater. Bem, é bom que não o tenha feito, disse eu. A Tashi desfazia-lhe a cabeça contra o tear das esteiras. Vou ficar contente quando chegarmos a casa, disse a Olívia. O Adam não é o único que sente saudades da Tashi. Beijou-me, a mim e ao pai, e deu as boas noites. Logo a seguir apareceu o Adam para fazer o mesmo. Mamã Nettie, disse ele, sentando-se na cama junto de mim, como é que se sabe quando se gosta

de alguém a sério? Às vezes não se sabe, disse eu. É um rapaz muito bonito, Celie. Alto e de ombros largos, com uma voz profunda, ponderada. Disse-te que escreve versos? E que adora cantar? Tens que ter orgulho num filho assim. A tua irmã dedicada, Nettie. P.S. O teu irmão Samuel também te envia a sua amizade.

Minha muito querida Celie. Quando chegamos a casa toda a gente pareceu contente por nos ver. Quando lhes contamos que falhara o nosso apelo para a igreja e a Sociedade Missionária, ficaram desanimados. Os sorrisos desapareceram-lhes da cara juntamente com o suor e voltaram, derrotados, para os seus barracões. Fomos para nosso edifício, um compro-

misso entre igreja, casa e escola e começamos a separar a bagagem. As crianças... Compreendo que não devia tratá-las por crianças, são crescidas, foram à procura da Tashi. Uma hora depois voltaram mudas de espanto. Não tinham descoberto nem sombra dela. A Catherine, a mãe, está a plantar árvores de borracha a uma certa distancia do povoado, tinham-lhes dito. Mas ninguém tinha visto a Tashi durante todo o dia. A Olivia estava muito desiludida. O Adam tentava parecer despreocupado, mas reparei que mordia as peles à roda das unhas com um ar ausente. Dois dias depois tornou-se evidente que a Tashi se escondia de propósito. As amigas disseram que, enquanto estivemos ausentes, ela fora submetida à cerimônia dos enta-

lhes faciais e ao ritual de iniciação feminina. O Adam ficou sorumbático com as notícias. A Olivia apenas aflita e mais empenhada do que nunca em encontrá-la. Só no domingo vimos a Tashi. Perdeu uma quantidade considerável de peso e parecia apática, com um olhar triste e cansado. A cara ainda estava inchada devido a meia dúzia de incisões pequenas, nítidas no alto de cada bochecha. Quando estendeu a mão ao Adam ele recusou-se a tocar-lhe. Olhou apenas para as cicatrizes, deu meia volta nos calcanhares e foi-se embora. Ela e a Olivia abraçaram-se. Mas foi um abraço tranquilo, solene. Nada parecido com o aspecto eufórico e risonho que eu esperava. Infelizmente a Tashi está envergonhada com aquelas cicatrizes, e

agora mal levanta a cabeça. Também lhe devem doer porque estão inflamadas e vermelhas. Mas isto é o que os aldeões estão a fazer às mulheres novas e até aos homens. Identificando-se como um povo nas caras dos seus filhos. Mas estes pensam nas incisões como uma coisa antiquada, algo do tempo da geração dos avós, e muitas vezes resistem. Portanto as incisões são feitas à força, nas condições mais terríveis. Damos-lhes anti-sépticos e algodão e um local para as crianças chorarem e acalentarem as suas feridas. Todos os dias o Adam nos incita a partir depressa. Ele já não pode suportar viver como nós. Já nem árvores há junto de nós, apenas grandes pedregulhos e pedras mais pequenas. E cada vez os companheiros do

Adam se afastam mais dele. A verdadeira razão, é claro, é ele já não poder aguentar mais tempo os seus sentimentos em conflito acerca da Tashi, que está a começar a apreciar o alcance do erro cometido. O Samuel e eu estamos felicíssimos, Celie. E estamos tão gratos a Deus! Ainda temos a escola para as crianças mais pequenas. As de oito e mais anos estão já a trabalhar nos campos. Para pagar a renda pelos barracões, taxas pela terra, e comprar água, lenha e comida, toda a gente tem que trabalhar. Portanto, ensinamos os mais novos, tomamos conta dos bebês, olhamos pelos velhos e doentes e assistimos às mães que dão à luz. Os nossos dias estão mais ocupados do que nunca, a nossa temporada na Inglaterra já não passa de

um sonho. Mas todas as coisas parecem mais leves porque tenho uma alma gêmea para as partilhar. A tua irmã, Netie.

Minha muito querida Nettie:

O homem que consideramos pai morreu.

- Como é que vocês ainda lhe chamam pai? - perguntou-me a Shug no outro dia.

Mas é tarde demais para lhe chamar Alphonso. Não me lembro da mamãe o chamar nunca pelo nome. Dizia sempre: o vosso pai. Acho que era para nos fazer acreditar melhor. De qualquer maneira, a mulherzita dele, a Daisy telefonou-me a meio da noite.

- Miss Celie, - diz ela, - tenho más notícias. O Alphonso morreu.

- Quem? Pergunto.

- O Alphonso, - diz ela. - O seu padrasto.

- Como morreu ele? - Pergunto.

Pensei numa morte violenta, pensei que um camelo o atropelasse, que um raio lhe caísse em cima, pensei numa doença demorada. Mas ela diz:

- Morreu a dormir. Bom, não foi bem a dormir. Estávamos a passar um bocado na cama juntos, sabe, antes de adormecer.

- Bom, - digo eu, - tenho muita pena de ti.

- Sim senhora, - diz ela, - e eu pensei que tinha esta casa, mas parece que é da sua irmã Nettie e sua.

- O que estás a dizer? - Pergunto.

- O seu padrasto morreu há uma semana, - diz ela. - Quando fomos à cidade saber do testamento, ontem, se me tivessem assoprado eu tinha caído. O seu pai verdadeiro tinha a terra e a casa e a loja. Deixou-as à sua mãe. Quando sua mãe morreu, passou para si e para a sua irmã Nettie. Não sei por que o Alphonso nunca lhe disse isso.

- Bem, - digo eu, - tudo o que venha dele não quero.

Ouçó a Daisy parar de respirar?

- E a sua irmã? - diz ela. - Acha que pensa o mesmo?

Então acordei mais um bocadinho. Na altura em que a Shug se virou e me perguntou quem é, comecei a perceber.

- Não sejas parva, - diz a Shug, dando-me com o pé. - Agora tens uma casa tua. O teu pai e a tua mãe deixaram pra ti. Esse cabrão do teu padrasto foi só um traste que passou por lá.

- Mas eu nunca tive casa nenhuma, - digo.

Só de pensar em ter uma casa minha até fico assustada. Além disso, esta casa que vou ter é maior do que a da Shug e tem mais terra à volta. E vem com uma loja.

- Meu Deus, - digo para a Shug. - Eu e a Nettie temos uma loja de tecidos. O que vamos vender?

- E se fossem calças? - diz ela.

Então pomos o telefone no lugar e vamos de carro, apressadamente, para a casa para vermos a propriedade. Quase dois quilômetros antes de chegarmos à cidade encontramos a entrada do cemitério da gente de cor. A Shug dormia que nem um prego, mas houve alguma coisa que me disse que devia entrar lá. Logo a seguir vi uma coisa que parecia um pequeno arranha-céus, parei o carro e saí e fui ver. Não havia dúvidas de que tinha o nome do Alphonso. E também mais uma data de conversa fiada. Membro disto e daquilo. Importante homem de negócios e fazendeiro. Marido e pai impecável. Bom para os pobres e deserdados. Estava morto há duas semanas mas ainda havia flores

frescas na sepultura. A Shug sai o carro e vem ter comigo. Por fim abre a boca com grande ruído e espreguiça-se.

- O filho da puta lá bateu as botas,
- diz ela.

A Daisy tenta mostrar-se contente por nos ver, mas não está. Tem dois filhos e parece que vai ter outro. Mas tem vestidos bonitos, um carro, e o Alphonso deixou-lhe dinheiro. Além disso acho que conseguiu ajudar a família enquanto viveu com ele.

Diz:

- Celie, a casa velha de que se lembra estava a cair e por isso o Alphonso pôde fazer esta. Arranjou um arquiteto de Atlanta para a desenhar, e estes azulejos vieram todos de Nova Iorque. Naquele

momento estávamos na cozinha. Mas ele tinha posto azulejos por todo o lado. Na cozinha, na casa de banho, no alpendre das traseiras. Á volta das lareiras na sala da frente e detrás. Mas eu entrego a casa, está certo, com o resto. É claro que tirei a mobília, porque o Alphonso a comprou só para mim.

- Por mim está bem, - digo.

Nem posso acreditar que vou ter uma casa. Logo que a Daisy me dá as chaves corro de uma sala para a outra como se estivesse doida.

- Olha para isto, - digo à Shug. - Olha para aquilo!

Ela olha, sorri. Abraça-me sempre que pode e eu fico quieta.

- Estás a sair-te muito bem, Miss Celie, - diz ela. - Deus sabe onde deves viver.

Depois tirou da mala alguns paus de cedro e acendeu-os e deu-me um deles. Começámos mesmo no cimo da casa, no solão, e defumámos tudo até à chave, expulsando todo o mal e tornando a casa num lugar bom. Oh Nettie, temos uma casa! Uma casa bem grande para nós e para os nossos filhos, para o teu marido e a Shug. Agora podes vir para casa porque tens uma casa para viver! A tua irmã dedicada, Celie

Minha Nettie:

Tenho o coração desfeito. A Shug ama outra pessoa. Se eu tivesse ficado em

Memphis no verão passado se calhar isto nunca tinha acontecido. Mas passei o verão a tratar da casa. Pensei que podias vir bastante depressa, em qualquer altura, e queria que estivesse pronta. E agora está mesmo bonita e confortável. E acho que sou uma senhora bonita para viver nela e tomar conta dela. Depois fui para casa da Shug.

- Miss Celie, - diz ela, - não gostavas de comida chinesa para festejar a tua vinda?

Eu adoro cozinha chinesa. E assim vamos ao restaurante. Estou tão entusiasmada por estar outra vez em casa que nem reparo como a Shug está nervosa. É uma mulher alta e elegante a maior parte das vezes, mesmo quando está zangada. Mas

vejo que não consegue pegar nos pauzinhos e comer bem com eles. Bate no copo da água. O seu crepe escangalha-se, não sei como. Mas penso que está muito contente por me ver. Então porto-me muito bem e faço de conta e encho-me de sopa wonton e de arroz chau- chau. No fim vêm os biscoitos da sorte. Adoro biscoitos da sorte. São tão bonitos. E leio a minha sorte logo. Diz: por seres quem és, o futuro parece feliz e desanuviado. Rio. Passo o papelito à Shug. Ela olha para mim e sorri. Sinto-me bem com o mundo. A Shug puxa o seu papel muito devagar, como se tivesse medo do que pode lá estar.

- E então? - Digo, enquanto a vejo ler. - O que diz?

Ela olha para baixo, para o papel, e para cima, para mim. Diz:

- Diz que estou louca por um rapaz de dezenove anos.

- Deixa-me ver, - digo, a rir. E leio alto. - Um dedo queimado faz lembrar o fogo, diz aqui.

- Estou a ver se te digo, - diz a Shug.

- Se me dizes o quê?

Sou tão burra que aquilo não me entra na cabeça. Há muito que não penso em rapazes e nunca pensei em homens.

- No ano passado, - diz a Shug, - contratei um rapaz novo para tocar no conjunto. Mas foi por um triz porque só sabia tocar flauta. E quem já ouviu flauta nos blues? Eu não. Só a ideia parecia uma

loucura. Mas foi sorte minha que a flauta nos bises fosse a única coisa que faltava e logo que ouvi o Germaine tocar percebi que era assim.

- O Germaine? - Pergunto.

- Sim, - diz ela, - o Germaine. Não sei quem lhe pôs um nome daqueles, mas liga com ele.

Depois começou logo a falar com muita animação do rapaz. Como se todos os seus talentos fossem uma coisa que eu estivesse morta por ouvir.

- Oh, - diz ela. - É pequeno. É elegante. Tem umas nádegas lindas. Sabes, mesmo como os Bantos.

Está tão acostumada a dizer-me tudo que se põe a falar sem parar, e cada vez fica mais excitada e com um ar mais

apaixonado. No momento em que acaba de falar nos seus pézinhos lindos de dançarino e volta ao cabelo encaracolado castanho claro, sinto-me uma merda.

- Calma, - digo. - Shug, estás a dar cabo de mim.

Pára no meio dos elogios. Os olhos dela ficam cheios de lágrimas e a cara franze-se.

- Oh, meu Deus, Celie, - diz ela. - Desculpa. Estava morta por contar a alguém e é a ti que costumo contar.

- Bom, - digo, - se as palavras matassem, eu estava já numa ambulância.

Ela enfia a cara nas mãos e começa a chorar.

- Celie, - diz, pelo meio dos dedos, - ainda te amo.

Mas eu fico ali sentada a olhar para ela. Parece que a minha sopa wonton gelou.

- Porque estás tão preocupada? -
Pergunta, quando voltamos a casa. - Nunca pareceste ficar preocupada com o Grady. E ele era meu marido.

O Grady nunca te fez brilhar os olhos, penso. Mas não digo nada, estou muito longe dali.

- É claro, - diz ela. - O Grady era tão chato, Jesus. E quando não se falava de mulheres e de erva acabava-se a conversa com o Grady. Mas apesar de tudo, - diz ela.

Eu não digo nada. Ela tenta rir.

- Fiquei tão contente por ele se entusiasmar com a Mary Agnes, eu já não sa-

bia o que havia de fazer, - diz ela. - Não sei quem tentou ensinar-lhe o que é que ele devia fazer na cama, mas deve ter sido um vendedor de mobílias.

Não digo nada. Só sinto tranquilidade, frieza. Nada. Tudo tão depressa.

- Reparaste que, quando saíram daqui juntos para o Panamá, eu não deitei uma lágrima? Mas realmente, - diz ela, - o que foram fazer para o Panamá?

Pobre Mary Agnes, penso. Como podia alguém adivinhar que o velho e chato do Grady ia acabar a dirigir uma plantação de erva no Panamá?

- É claro que fazem montes de dinheiro, - diz a Shug. - E a Mary Agnes anda mais bem vestida do que toda a gente, como diz nas cartas. E pelo menos o

Grady deixa-a cantar. E ainda consegue lembrar-se de alguns trechos das suas canções. Mas realmente, - diz ela, - o Panamá? Onde é isso, em todo o caso? É lá pra baixo, perto de Cuba! Nós devíamos ir a Cuba, Miss Celie, sabes? Joga-se muito e passa-se uns bons bocados. Muitas tipos de cor como a Mary Agnes. Algumas mesmo negras, como nós. Embora tudo a fazer parte duma família. Mas tenta passar por branca e alguém fala logo na tua avó.

Não digo nada. Rezo para que morra, de maneira a nunca mais ter que falar.

- Muito bem, - diz a Shug. - Isto começou quando estavas na tua casa. Senti a tua falta, Celie. E sabes que sou uma mulher muito carenciada.

Entro e pego num bocado de papel que estava a usar para cortar moldes e escrevo um bilhete. Diz: “Cala-te”.

- Mas Celie, - diz ela. - Tenho que fazer-com que percebas. Escuta. Estou a ficar velha. Estou gorda. Já ninguém pensa que sou bonita. Ou então é o que eu penso. Ele tem dezenove anos. É um bebê. Quanto tempo pode durar?

“É um homem.” Escrevo no papel.

- Sim, - diz ela. - É. E sei o que pensas dos homens. Mas eu não sinto isso. Nunca fui bastante parva para os tomar a sério, - diz ela, - mas alguns têm muita piada.

“Poupa-me”, escrevo.

- Celie, - diz ela. - Isto o mais que dura é seis meses. Só seis meses para a mi-

nha última escapada. Tenho que a ter, Celie. Sou demasiado fraca como mulher para não a ter. Mas, se me deres só seis meses, Celie, hei-de tentar pôr a nossa vida como estava antes.

“Não te preocupes”, escrevo eu.

- Celie, - diz ela. - Amas-me?

Está de joelhos e há lágrimas por todo o lado. O meu coração dói tanto que não posso acreditar. Como pode continuar a bater, comigo a sentir isto? Mas sou mulher.

- Amo-te, - digo. - Aconteça o que acontecer, faças o que faças, amo-te.

Ela soluça um pouco, inclina a cabeça contra a minha cadeira.

- Obrigada, - diz.

- Mas não posso ficar aqui, - digo.

- Mas Celie, - diz ela, - como podes deixar-me? És minha amiga. Amo aquela criança e tenho um medo terrível. Ele tem a terça parte a minha idade. A terça parte do meu tamanho. Até a terça parte da minha cor. - Tenta rir outra vez. - Sabes que vai desgostar-me mais do que eu estou a desgostar-te. Não me deixes, por favor.

Nessa altura tocou a campainha da porta. A Shug enxugou a cara e foi atender, viu quem era e ficou fora da porta. Depois ouvi um carro arrancar. Subi para me deitar. Mas o sono nessa noite nem sabia quem eu era. Reza por mim, A tua irmã, Celie.

Minha Nettie:

A única coisa que faz com que esteja viva é ver a Henrietta lutar pela vida. E caramba como ela luta. Cada vez que tem um ataque grita tanto que dava para acordar um morto. Fazemos o que tu dizes que as pessoas fazem na África. Damos-lhe inhame todos os dias. O nosso azar é ela não gostar de inhames e não ser muito delicada para o esconder. Toda a gente aqui à volta aparece com pratos que não tem gosto de inhames. Arranjamos pratos de ovos com inhames, chitlins com inhames, cabra com inhames. E sopa. Meu Deus, as pessoas estão a fazer sopa de tudo menos de cabedal para sapatos, num esforço para tentar acabar com o gosto do inhame. Mas a Henrietta queixa-se que ainda sabe, e que está quase a atirar pela

janela seja o que for. Dissemos que durante três meses não vai comer inhames, mas ela diz que esse dia parece nunca mais vir. Entretanto tem as juntas todas inchadas, está tão quente que até queima, diz que tem a cabeça cheia de homenzinhos brancos a martelarem. As vezes encontro o Sr. que vai visitar a Henrietta. Ele inventa as suas receitazinhas esquisitas. Por exemplo, uma vez escondeu os inhames em manteiga de amendoim. Sentamo-nos ao pé da lareira com o Harpo e a Sofia e jogamos uma partida ou duas de Subis , enquanto a Suzie Q e a Henrietta ouvem rádio. Às vezes leva-me a casa no carro dele. Ainda vive na mesma casa. Tem estado lá tanto tempo que ela até se parece com ele. Duas cadeiras de costas direitas sempre

no alpendre, viradas contra a parede. A varanda do alpendre com latas de flores. Apesar que agora está sempre tudo pintado. Fresco e branco. E adivinha o que ele junta só por gostar? Junta conchas. Todos os tipos de conchas. Tartaruga do rio, caracol e todas as conchas do mar. De facto, foi por isso que me fez ir lá a casa outra vez. Estava a contar à Sofia acerca dum concha nova que tinha e que fazia um grande barulho, como o do mar, quando se chegava ao ouvido. Subimos para a ver. Era grande e pesada e tinha salpicos como uma galinha e na verdade parecia que se ouvia as ondas ou qualquer coisa assim a estalar contra o ouvido. Nenhum de nós viu o oceano, mas o Sr. sabe coisas pelos livros. Ele encomenda conchas por li-

vros também e tem-nas por todo o lado. Não diz muita coisa acerca delas quando alguém está a ver, mas pega em cada uma que acaba de chegar.

- A Shug uma vez teve uma concha do mar, - diz ele. - Há muito tempo, quando nos conhecemos. Uma coisa branca grande que parecia um leque. Ela ainda gosta de conchas? - Pergunta.

- Não, - digo. - agora gosta de elefantes.

Ele espera um bocado, põe todas as conchas no seu lugar. Depois Pergunta-me:

- Gostas de alguma coisa em especial?

- Gosto de pássaros, - digo.

- Sabes, - diz ele, - tu costumavas fazer-me lembrar um pássaro. Ao princípio, quando vieste viver comigo. Eras tão magra, meu Deus, - diz ele. E quando acontecia uma coisa de nada, parecia que ias voar.

- Viste isso, - disse eu.

- Vi, - disse ele, - e fui um louco tão grande que não me ralei.

- Bom, - digo, - já passou.

- Ainda somos marido e mulher, sabes, - diz ele.

- Não, - digo eu, - nunca fomos.

- Sabes, - diz ele, - tens mesmo bom aspecto desde que estás em Memphis.

- Sim, - digo, - a Shug toma bem conta de mim.

- Como ganhas a vida lá? - Pergunta.

- A fazer calças, - digo.

Ele diz:

- Já vi que todos na família só usam calças feitas por ti. Mas queres dizer que fizeste disso um negócio?

- Isso mesmo, - digo. - Mas para ser franca comecei aqui na tua casa, para não te matar.

Ele olha para o chão.

- A Shug ajudou-me a fazer o primeiro par, - digo eu.

E depois, como uma parva, ponho-me a chorar. Ele diz:

- Celie, diz a verdade. Não gostas de mim por eu ser homem?

Limpo o nariz.

- Com as calças tiradas, - digo, - todos os homens para mim parecem rãs. Não interessa como é que eles nos beijam, quanto a mim, continuam a parecer rãs.

Minha muito querida Celie. A noite passada parei de escrever porque a Olivia me veio dizer que o Adam tinha desaparecido. Só pode ter ido com a Tashi. Ele acha que é possível com a nossa força, por sermos pessoas que também crêem. Aqui há pouca coisa para nos entretermos, como imaginas. Lemos jornais e revistas da América, fazemos com as crianças jogos africanos. Ensaíamos as crianças de cá em partes das peças de Shakespeare o Adam foi sempre muito bom como Hamlet no monólogo Ser ou não Ser. A Corrine tinha

noções firmes do que se devia ensinar às crianças e cada bom trabalho anunciado nos jornais se tornava parte da sua biblioteca. Eles sabem muitas coisas, e acho que não vão chocar-se assim tanto com a sociedade americana, a não ser com respeito ao rancor aos negros, que é também muito evidente em todas as notícias. Mas estou muito preocupada com a sua independência de opinião e franqueza, muito africanas, bem como também com o seu extremo egocentrismo. E vamos ser pobres, Celie, e não há dúvida que passarão anos antes de termos sequer uma casa. Como irão lidar com a hostilidade que lhes vão demonstrar, tendo crescido aqui? Quando penso neles na América, vejo-os muito mais novos do que parecem. Muito mais

ingênuos. O pior que existe aqui é enfren-
tar a indiferença e uma certa superficiali-
dade nas nossas relações pessoais incluín-
do a Catherine e a Tashi. Afinal de contas,
os Olinkas sabem que nós podemos par-
tir, mas eles têm que ficar. E, é claro, nada
disto tem a ver com a cor. Reza pela sua
segurança, A tua irmã, Nettie.

Minha muito querida Nettie:

Às vezes julgo que a Shug nunca
me amou. Fico de pé a olhar para mim
nua no espelho. O que havia ela de amar?
Pergunto a mim mesma. O meu cabelo é
curto e crespo porque agora já não o esti-
co. Uma vez a Shug disse que gostava as-
sim, não era preciso mudá-lo. Tenho a pe-
le escura. O meu nariz não passa de um

nariz vulgar. Os meus lábios também. O meu corpo é como o de qualquer outra mulher que passa pelas mudanças da idade. Não há nada de especial para ninguém amar. Não há cabelo encaracolado cor de mel, não há beleza. Nada de novo ou fresco. Mas o meu coração deve ser ainda novo e fresco, parece que se desfaz em sangue. Falo muito comigo mesma, em frente do espelho. Celie, digo, a felicidade no teu caso foi só um truque. Só porque nunca tiveste nada antes da Shug, pensaste que era altura de teres alguma, e que isso ia durar. Até pensaste que as árvores eram tuas. O mundo inteiro. As estrelas. Mas olha só para ti. Quando a Shug partiu a felicidade foi-se. De vez enquanto chega um postal da Shug. Ela e o Germaine em Nova Ior-

que, na Califórnia. Foram ver a Mary Agnes e o Grady ao Panamá. O Sr. parece ser a única pessoa que percebe o que sinto.

- Sei que me odeias por te ter afastado da Nettie, - diz ele. - E agora ela morreu.

Mas não o odeio, Nettie. E não acredito que tenhas morrido. Como podes ter morrido se ainda te sinto? Talvez, como Deus, passaste a ser uma coisa diferente, a quem tenho de falar de uma maneira diferente, mas para mim não estás morta, Nettie. E nunca hás-de estar. Às vezes quando estou cansada de falar comigo falo contigo. Até lembro a nossa infância. O Sr. ainda não acredita que eu tenha filhos.

- Onde os arranjaste? - Pergunta.

- São do meu padrasto, - digo.

- Queres dizer que ele sabia que foi ele que te fez mal para sempre? – pergunta ele.

- Sim.

O Sr. sacode a cabeça. Depois de todo o mal que ele fez sei que tu deves perguntar por que não o odeio. Não o odeio por duas razões. Uma, ele ama a Shug. E duas, a Shug amou-o. Além disso, parece que ele tenta fazer qualquer coisa dele mesmo. Não quero dizer que trabalhe e limpe tudo muito bem e que goste das coisas que Deus fez só por serem bastante divertidas para as fazer. Quero dizer que agora, quando se fala com ele, ele ouve mesmo, e uma vez, de repente, numa conversa nossa, ele disse:

- Celie, estou satisfeito por ser a primeira vez que vivo na terra como um homem normal. É uma experiência nova.

A Sofia e o Harpo passam a vida a ver se me empurram para um homem qualquer. Sabem que eu amo a Shug mas pensam que as mulheres se amam só por acaso, pode acontecer com qualquer pessoa que esteja à mão. Cada vez que vou ao Harpo's aparece sempre na minha frente um vendedor qualquer. O Sr. tem que me ir salvar. Diz ao homem:

- Esta senhora é a minha mulher.

O homem desaparece. Sentamos, tomamos um refresco. Falamos dos nossos tempos juntos com a Shug. Do tempo em que ela apareceu tão doente. Da cantiga esquisita que costumava can-

tar. Todas as noites boas para nós são no Harpo's.

- Tu até cosias bem nessa altura, - diz ele. - Lembro-me dos vestidinhos bonitos que a Shug usava sempre.

- Sim, - digo. - A Shug podia usar um vestido.

- Lembras-te da noite em que a Sofia arrancou os dentes à Mary Agnes? - Pergunta ele.

- Como podia esquecer? - Digo.

Nunca falamos acerca dos problemas da Sofia. Ainda não podemos rir disso. Além disso, ela ainda tem problemas com aquela família. Bom, com a Miss Eleanor Jane.

- Vocês não sabem, - diz a Sofia, - o que aquela rapariga me fez passar. Sabes

como ela costumava aborrecer-me sempre que tinha problemas em casa? Bem, por fim já me aborrecia quando acontecia alguma coisa boa. Logo que esbarrou com aquele homem com quem casou veio a correr ter comigo. Oh, Sofia, disse ela, tens que conhecer o Stanley Earl. E antes que eu pudesse dizer o que quer que fosse, o Stanley Earl estava no meio da minha sala da frente. “Como estás, Sofia?” Disse ele, sorrindo e estendendo a mão. A Miss Eleanor Jane falou-me tanto de ti.

- Pensei se ela lhe tinha dito que eles me faziam dormir na cave, - diz a Sofia. - Mas não perguntei. Tentei ser delicada, ser agradável. A Henrietta pôs o rádio alto no quarto de trás. Eu quase tinha que gritar para me fazer entender. Eles fi-

caram de pé a olhar para as fotografias das crianças na parede e a dizerem como os meus rapazes ficavam bem com a farda do exército. Onde estão a combater? Quis saber o Stanley Earl. Estão em serviço mesmo aqui na Geórgia, disse eu. Mas depressa hão de ir para o outro lado do oceano. Ele perguntou-me se eu sabia em que parte iam ficar. Na França, na Alemanha ou no Pacífico? Não sei onde fica nada disso portanto respondi: Não. Ele disse que queria ir combater mas tinha que ficar em casa para fazer andar a “cotton gin^{16}” do pai. O exército tem que usar roupas, diz ele, se combate na Europa. É pena não combaterem na África. Ele riu-se. A Miss Eleanor Jane sorriu. A Henrietta rodou o botão até ao barulho mai-

or que conseguiu fazer. Conheci alguns brancos que eram realmente de se ter dó, para quem a música soava de uma maneira não sei como. O Stanley Earl fez estalar os dedos e tentou sapatear com um dos seus grandes pés. Tinha uma cabeça comprida com a testa direita e o cabelo cortado tão curto que parecia crespo. Os olhos eram mesmo azul-claros e quase nunca pestanejavam. Meu Deus, pensei eu. A Sofia criou-me, praticamente, disse Miss Eleanor Jane. Não sei o que seria de nós sem ela. Bom, disse o Stanley Earl, toda a gente daqui é criada por gente de cor. É por isso que ficamos tão saudáveis. Piscou-me o olho e disse para a Miss Eleanor Jane: Bem, minha querida, é altura de cavarmos. Ela deu um salto como

se alguém a tivesse picado com um alfinete. Como vai a Henrietta? Perguntou ela. E disse baixinho: Trouxe uma coisa com inhames tão bem disfarçados que não vai descobrir. Correu para o carro e voltou com um estufado de atum.

- Bom, disse a Sofia, há uma coisa que se tem que dizer da Miss Eleanor Jane, os cozinhados dela enganavam quase sempre a Henrietta. E isso para mim valia muito. É claro que nunca disse à Henrietta de onde vinham. Se dissesse, iam pela janela fora. Se não vomitasse como se estivesse agoniada.

Mas finalmente creio que as coisas terminaram para a Sofia e a Miss Eleanor Jane. E não teve nada a ver com a Henrietta, que odiava o desprazo da Miss Elea-

nor Jane. Foi com a própria Miss Eleanor Jane e aquele bebê que ela teve e tem. Cada vez que a Sofia se virava, a Miss Eleanor Jane estava a apertar o Reynolds Stardey Earl contra a cara dela. E um branco gordinho sem muito cabelo, parece que vai entrar para a Marinha.

- O Reynolds não é um amor? - Disse a Miss Eleanor Jane à Sofia. - O papá adora-o, - disse ela. - Adora que tenha o nome dele e também que se pareça tanto com ele. A Sofia não disse nada, ficou a passar a ferro umas roupas da Suzie Q e da Henrietta.

- É tão esperto, - disse a Eleanor Jane. - O papá diz que nunca viu um bebê tão esperto. A mãe do Stanley Earl diz que

é mais esperto que o Stanley Earl quando tinha a idade dele.

A Sofia continuou calada. Por fim a Eleanor Jane notou. E sabes como são alguns brancos, não deixam passar nada. Se querem chatear, continuam a chatear até não poderem mais.

- A Sofia não quer falar esta manhã,
- disse a Miss Eleanor Jane, como se falasse para o Reynolds Stanley. Ele olhou para ela com os seus grandes olhos parados e salientes.

- Não achas que é um amor? - Perguntou outra vez.

- Não há dúvida de que é gordo,
- disse a Sofia, virando-se para o vestido que estava a passar.

- E é um amor também, - disse a Miss Eleanor Jane.

- O mais gordo possível, - disse a Sofia. E alto.

- Mas é um amor, também, - disse a Eleanor Jane. - E é esperto.

Levantou-o e beijou-o num dos lados da cabeça. Ele esfregou a cabeça, fez ihih!

- Não é o bebê mais esperto que já viste? - Perguntou à Sofia.

- Tem um bom tamanho de cabeça, - disse a Sofia. - Sabe que algumas pessoas acham que é muito importante ter uma cabeça grande. Mas também não tem muito cabelo. Vai andar fresquinho este verão de certeza.

Dobrou a peça que estava a passar e pô-la numa cadeira.

- É só um rapazinho amoroso, esperto, lindo, inocente, - disse a Miss Eleanor Jane. - Não gostas dele? - Perguntou de frente à Sofia.

A Sofia suspirou. Pousou o ferro de engomar. Olhou para a Miss Eleanor Jane e para o Reynolds Stanley. Durante todo o tempo eu e a Henrietta estivemos a um canto sem entrarmos na discussão. A Henrietta fazia de conta que não sabia que a Miss Eleanor Jane existia, mas ambas ouvimos a maneira como o ferro bateu. Quando a Sofia o largou. O som tinha montes de significados velhos e novos.

- Não, senhora, - disse a Sofia. - Não gosto do Reynolds Stanley Earl. Ora

bem. É o que tem tentado saber desde que ele nasceu. E agora já sabe.

Eu e a Henrietta levantamos os olhos. A Miss Eleanor Jane pôs muito depressa o Reynolds Stanley no chão onde ele começou a gatinhar deitando abaixo uma série de coisas. Foi direito à pilha de roupa passada a ferro da Sofia e puxou-a para cima da cabeça. A Sofia apanhou a roupa, endireitou-a, ficou junto à tábua com a mão no ferro de engomar. A Sofia é o tipo de mulher que parece sempre que tem uma arma na mão, seja o que for que tenha. A Eleanor Jane começou a chorar. Ela sempre gostou da Sofia. Se não fosse por ela, a Sofia nunca tinha aguentado a vida na casa do pai. E então? Em primei-

ro lugar, a Sofia nunca quis lá estar. Nunca quis deixar os seus filhos.

- É tarde demais para chorar, Miss Eleanor Jane, - disse a Sofia. - Agora só nos resta rir. Olhe para ele, - disse ela. E riu-se. - Ainda nem se aguenta nas pernas e já está na minha casa a pôr tudo fora do lugar. Pedi-lhe para vir? Fico ralada se é um amor ou não? Vai fazer alguma diferença o que eu penso na maneira como ele vai crescer e me vai tratar?

- Tu não gostas dele só porque é parecido com o papá, - disse a Miss Eleanor Jane.

- Não gostas dele porque parece o papá, - disse a Sofia. - Não sinto nada de nada por ele. Não gosto dele, não o odeio. Só queria que não pudesse andar sempre

por aí à solta a desarrumar as coisas das pessoas.

- Sempre! Sempre! - Disse a Eleanor Jane. - Sofia, ele é apenas um bebê! Ainda não tem um ano. Só esteve aqui cinco ou seis vezes.

- Tenho a impressão que sempre aqui esteve, - disse a Sofia.

- Não consigo perceber, - disse a Miss Eleanor Jane. - Todas as outras mulheres de cor que conheço adoram crianças. A maneira como te portas não é uma coisa nada natural.

- Adoro crianças, - disse a Sofia. - Mas todas as mulheres de cor que dizem que gostam do seu filho estão a mentir. Não gostam mais do Reynolds Stanley do que eu. Mas se foi tão mal educada ao

ponto de perguntar uma coisa dessas, que espera que lhe digam? Algumas pessoas de cor têm tanto medo dos tipos brancos que juram adorar uma cotton gin.

- Mas é só um bebezinho! - Disse a Miss Eleanor Jane, como se ao dizer aquilo tudo ficasse bem claro.

- O que quer de mim? - Disse a Sofia. - Eu gosto de si porque, de todas as pessoas em casa do seu pai, foi quem mostrou alguma bondade humana. Mas, por outro lado, de toda a gente da casa do seu pai, foi a si que eu mostrei alguma. Só tenho bondade para lhe dar a si. Não tenho nada para dar à sua família a não ser o que me derem. Não tenho nada para lhe dar a ele.

Por essa altura o Reynolds Stanley estava em cima do colchão de palha da Henrietta e parecia tentar tirar-lhe o pé. Por fim começa a morder-lhe a perna e a Henrietta foi ao peitoril da janela e deu-lhe uma bolacha.

- E como se fosses a única pessoa a gostar de mim, - disse a Miss Eleanor Jane. - A mamã só gosta do Júnior, - disse ela. - Porque o papá só gosta dele.

- Bom, - disse a Sofia, - agora tem o seu marido para gostar de si.

- Parece que não gosta de nada a não ser da cotton gin, - disse ela. - Dez da noite e ainda lá está a trabalhar. Quando não está a trabalhar está a jogar pôquer com os rapazes. O meu irmão vê muito mais o Stanley Earl do que eu.

- Talvez devesse deixá-lo, - disse a Sofia. - Tem parentes em Atlanta, vá ter com eles. Arranje trabalho.

A Miss Eleanor Jane atirou o cabelo para trás, como se nunca tivesse ouvido falar daquilo, era uma ideia tão disparatada.

- Já tenho os meus problemas, - disse a Sofia, - e quando o Reynolds Stanley crescer, ele vai ser um deles.

- Mas não vai, - disse a Miss Eleanor Jane. - Sou mãe dele e não vou deixar que seja mau para as pessoas de cor.

- A Miss e mais quem? - Disse a Sofia. - A primeira palavra que ele vai dizer não deve ser nada que aprenda consigo.

- Estás a dizer-me que não vou ser capaz nem de gostar do meu próprio filho? - Disse a Miss Eleanor Jane.

- Não, - disse a Sofia. - Não é isso que estou a dizer. Estou a dizer que eu não vou gostar do seu filho. Pode gostar dele tanto quanto quiser. Mas prepare-se para as consequências. É assim que vive a gente de cor.

O pequeno Reynolds Stanley estava então agarrado à cara da Henrietta, babando-se e chupando. Tentava beijá-la. Pensei que ela não tardava a dar-lhe um tabefe e chamar-lhe imbecil. Mas estava muito quieta enquanto ele a examinava. De vez em quando ele parecia que ia espreitar para dentro do olho dela. Depois, não se tendo nas pernas, sentou-se em ci-

ma do peito da Henrietta e sorriu. Pegou numa das cartas de jogar da Henrietta e tentou dar-lhe uma dentada. A Sofia foi até lá e levantou-o.

- Não está a fazer mal, - disse a Henrietta. - É divertido.

- A mim aborrece-me, - disse a Sofia.

- Bom, - disse a Miss Eleanor Jane para o bebê enquanto pegava nele, - não nos querem aqui.

Disse aquilo realmente com tristeza, como se já não tivesse qualquer lugar para onde ir.

- Obrigada por tudo o que fez por nós, - disse a Sofia.

Não parecia já tão bem e tinha lágrimas nos olhos. Depois da Miss Eleanor

Jane e do Reynolds Stanley irem embora, disse:

- São coisas como estas que fazem com que eu entenda que não fomos nós que fizemos este mundo. E todos os negros que falam em gostar de toda a gente nem sequer fazem um esforço para perceber o que pensam.

Mas então que há de novo? Bem, Nettie, a tua irmã é louca demais para se matar. A maior parte das vezes sinto que sou uma merda mas já me senti uma merda antes na minha vida e o que sucedeu? Tinha a minha boa irmã chamada Nettie. Tinha outra mulher amiga e boa chamada Shug. Tinha os meus bons filhos a serem criados na África, a cantar e a escrever versos. Os primeiros dois meses fo-

ram um inferno, digo a toda a gente. Mas agora os seis meses da Shug estão passar e ela não vem. E eu tento ensinar o meu coração a não querer o que não pode ter. E depois ela deu-me tantos anos tão bons. E aprende coisas novas na nova vida que tem. Agora ela e o Germaine estão com um dos filhos dela. “Querida Celie, escreveu-me ela: Eu e o Germaine fomos para a Tucson, no Arizona, onde vive um dos meus filhos. Os outros dois estão vivos e de saúde mas não querem ver-me. Alguém lhes disse que eu levo uma vida indigna. Este diz que quer ver a mãe, seja como for. Vive numa casinha que parece de lama como há aí, chama-se adobe, portanto vês que me sinto mesmo em casa (sorriso). Ele também é profes-

sor primário e trabalha na reserva dos índios. Chamam-lhe o homem branco preto. Têm uma palavra que também quer dizer isso, e ele fica mesmo chateado. Mas mesmo que queira dizer como é que ele vê estas as coisas, eles não parecem ralar-se. Estão tão desligados de tudo que nada do que dizem os estranhos tem qualquer sentido para eles. Quem não for índio não presta para nada. Detesto ver que o ofendem, mas é a vida. Foi o Germaine que teve a idéia de vermos os meus filhos. Notou como gosto sempre de o vestir e de lhe mexer no cabelo. Não disse isso com maldade. Só disse que se eu soubesse como é que estavam os meus filhos se calhar ia sentir-me melhor na vida. Este filho com quem estamos chama-se James.

A mulher chama-se Cora Mae. Têm dois miúdos chamados Davis e Cantrell. Ele diz que pensava que havia qualquer coisa de esquisito acerca da mãe dele (da minha mãe) porque ela e o avô pareciam tão velhos e severos e com hábitos tão rígidos. Mas gostava muito deles, diz ele. Sim, filho, disse eu. Tinham muito amor para dar. Mas eu precisava de amor e de compreensão. Eles não tinham muita. Agora estão mortos, diz ele. Há nove ou dez anos. Mandaram-nos a todos para a escola até poderem. Sabes que nunca penso na mamã e no papá. Sabes como eu achava que eram duros. Mas agora morreram e vejo os meus filhos e gosto de pensar neles. Talvez quando voltar possa pôr flores nas campas deles.”

Oh, a Shug agora escreve quase todas as semanas. Cartas com muitas novidades cheias de coisas que julga que eu não me lembro. Mais coisas acerca do deserto e dos índios e das montanhas rochosas. Gostava de poder viajar com ela, mas graças a Deus ela pode fazer isso. Às vezes fico furiosa com ela. Acho que era capaz de lhe arrancar o cabelo todo. Mas depois penso, a Shug tem o direito de viver também. Tem o direito de ver o mundo com a companhia que quiser. Só porque a amo não lhe vou tirar nenhum dos direitos dela. A única coisa que me aborrece é que nunca diz nada acerca de voltar. E tenho saudades dela. Sinto a falta da sua amizade tanto que se ela pudesse voltar aqui com o Germaine atrás eu havia de fa-

zer com que se sentissem bem ou morria a tentar. Quem sou eu para lhe dizer quem é que ela deve amar? A minha tarefa é só amá-la bem e com verdade. O Sr. perguntou no outro dia que é que me agrada tanto na Shug. Ele diz que gosta do seu estilo. Diz que, para dizer a verdade, a Shug é mais homem na maneira de proceder do que a maioria dos homens. Quero dizer, vai a direito, é honesta. Diz o que lhe vem à cabeça e que o diabo leve o resto, diz ele. Sabes que a Shug até luta, diz ele. Como a Sofia. Está disposta a viver a sua vida e a ser ela própria, aconteça o que acontecer. O Sr. acha que todas essas coisas são para homens.

- Mas o Harpo não é assim, - digo-lhe. - Tu não és assim. O que a Shug faz é

de mulher, parece-me a mim. Em especial porque só ela e a Sofia é que são capazes disso.

- A Sofia e a Shug não são como os homens, - diz ele, - mas também não são como as mulheres.

- Queres dizer que não são como tu ou eu.

- Não arredam pé, - diz ele. - O que é diferente.

- O que eu gosto mais na Shug é aquilo por que passou, - digo. - Quando se olha a Shug nos olhos sabemos que esteve onde esteve, viu o que viu, fez o que fez. E que agora sabe o que quer.

- É verdade, - diz o Sr.

- E se não tens razão, diz que não tens.

- Amém, - diz ele.

Depois diz uma coisa que realmente me faz pasmar porque é tão ajuizada e com bom senso.

- Quando se chega ao ponto do que as pessoas fazem com os seus corpos, - diz ele, - toda a gente pensa tão bem como eu. Mas quando se fala de amor não tenho que pensar. Amei e fui amado. E graças a Deus que me deixou aprender o bastante para saber que não se pode deixar de amar só porque algumas pessoas gemem e resmungam. Não me espanta que ames a Shug Avery, - diz ele. - Eu amei a Shug Avery toda a minha vida.

- Caiu-te uma pilha de tijolos na cabeça? - Pergunto.

- Não foram tijolos, - diz ele. - Só experiência. Sabes, toda a gente está condenada a ter alguma mais cedo ou mais tarde. Basta estar vivo. E eu comecei a ter a minha e custou muito naquela altura dizer à Shug que era verdade que te batia por seres tu e não ela.

- Eu contei-lhe, - digo.

- Eu sei, - diz ele, - e não te censuro. Se uma mula pudesse dizer aos donos como a tratam, dizia. Mas sabes que há mulheres que gostam de ouvir um homem dizer que bate na mulher. Só por não ser ela. A Shug uma vez gostou, quando foi da Annie Julie. Nós os dois demos cabo da vida da minha primeira mulher. E ela nunca disse a ninguém. Mais, nem tinha ninguém a quem dizer. Depois de a ca-

sarem comigo a família dela fez de conta que a tinha atirado a um poço. Ou que ela tinha desaparecido da face da terra. Eu não queria a Annie Julie. Queria a Shug. Mas o meu pai é que mandava. Deu-me a mulher que ele queria que eu tivesse. Mas a Shug falou em tua defesa, Celie, - diz ele. - Disse: “Albert, estás a tratar mal uma pessoa de quem eu gosto. Portanto, acabou-se.” Eu não queria acreditar, - diz ele, - éramos como o fogo ao pé da palha. Desculpa. Mas era assim.

Eu pus-me a rir.

- Mas ela queria mesmo fazer o que disse. Tentei chateá-la. Não gostas da parva da Celie, disse eu. É feia e um pau de virar tripas e nem é capaz de segurar-te num candiciro. Nem sequer sabe foder. O

que eu fui dizer. Por aquilo que me contou, disse a Shug, não tem razões para poder. Tu pareces um coelho a entrar e a sair. Depois disse: A Celie diz que não andas sempre lavado. E arrebitou o nariz. Deu-me vontade de te matar, - disse o Sr. - e bati-te umas vezes. Nunca entendi como vocês as duas se davam tão bem e isso me chateava como um raio. Quando era má e malcriada para ti, eu percebia. Mas quando olhava e via vocês a tratarem do cabelo uma da outra, comecei a ficar preocupado.

- Ela ainda gosta de ti, - digo eu.

- Pois, - diz ele. - Como se eu fosse irmão dela.

- O que tem isso? - pergunto. - Os irmãos dela não gostam dela?

- São palhaços, - diz ele. - Ainda fazem a figura de idiotas que eu costumava fazer.

- Bom, - digo, - temos que começar por alguma ponta se queremos fazer as coisas melhor, e a nossa pessoa é o que temos à mão.

- Tenho mesmo muita pena que ela te tenha deixado, Celie. Lembro-me do que senti quando ela se foi.

Então o velho diabo pôs os braços à minha volta e ficou assim quieto no alpendre comigo. Devagar, eu dobrei o pescoço e encostei-me ao ombro dele. Cá estamos nós, pensei, como dois velhos loucos que não passam de sobras de amor, a fazer companhia um ao outro à luz das estrelas. Outras vezes ele quer saber dos

meus filhos. Contei-lhe que dizes que usam os dois roupas compridas, uma espécie de vestidos. Isso foi no dia em que veio ver-me enquanto eu estava a coser e me perguntou o que havia de especial nas calças que eu fazia.

- Toda a gente as quer usar, - digo eu.

- Os homens e as mulheres não deviam usar a mesma coisa, - diz ele. - Os homens é que deviam usar calças.

E então eu disse:

- Devias dizer isso aos homens de África.

- Dizer o quê? - Pergunta ele.

Foi a primeira vez que pensou no que fazem os africanos.

- As pessoas na África usam aquilo que os faz sentir confortáveis no calor, - digo.

- É claro que os missionários têm lá as suas ideias acerca do vestuário. Mas os Africanos por si usam umas coisas pequenas ou coisas grandes, pelo que diz a Nettie. Mas tanto os homens como as mulheres gostam de roupa bonita.

- Primeiro disseste que era roupa comprida, - diz ele.

- Coisas compridas, vestidos. De qualquer maneira não são calças.

- Bem, - diz ele. - Que eu seja cão!

- E na África os homens também cossem, - digo.

- Cossem? - pergunta.

- Sim. Não são tão atrasados como os daqui.

- Quando eu era pequeno, - diz ele,
- costumava coser com a mamã porque
era o que ela estava sempre a fazer. Mas
toda a gente fazia troça. Mas sabes, eu
gostava.

- Bom, ninguém vai fazer troça de
ti, - digo eu. - Olha, ajuda-me a coser estes
bolsos.

- Mas não sei fazer isso, - diz ele.

- Eu mostro-te, - digo.

E mostrei. Agora sentamo-nos a
coser, a conversar e a fumar cachimbo.

- Calcula, - digo eu, - que a gente lá
do sítio na África onde está a Nettie mais
as crianças acreditam que os brancos são
filhos dos negros.

- Não, - diz ele, como se estivesse interessado mas realmente está é a pensar como há-de dar o ponto seguinte.

- Eles chamaram outro nome ao Adam logo que ele chegou. Dizem que os missionários brancos antes da Nettie e deles foram contar tudo acerca do Adão de acordo com a opinião dos Brancos. Mas eles sabem quem é o Adão à maneira deles. Há muito tempo.

- E quem é? - pergunta o Sr.

- O primeiro homem branco. Não o primeiro homem. Dizem que ninguém é tão parvo que pensa que sabe quem foi o primeiro homem. Mas toda a gente repara no primeiro homem branco porque é branco.

O Sr. franziu a testa, procurou uma linha de outra cor. Enfiou a agulha, lambeu o dedo, deu um nó.

- Dizem que toda a gente antes do Adão era preta. Então um dia uma mulher, que eles mataram logo a seguir, apareceu com um bebê sem cor. Pensaram primeiro que era qualquer coisa que ela tinha comido. Mas outra teve um e também as outras mulheres começaram a ter gêmeos. Então as pessoas começaram a matar os bebês brancos e os gêmeos. Portanto o Adão não foi realmente o primeiro homem branco. Foi só o primeiro que aquela gente não matou.

O Sr. olhou para mim muito, muito sério. Não é assim muito feio, sabes,

quando se repara bem. E agora na cara dele vê-se que tem sentimentos.

- Bom, - digo, - sabes que os negros mesmo agora têm aquilo a que se chama albinos. Mas nunca ouviste brancos a dizer que têm bebês pretos a não ser que haja homens de cor à mistura. E não havia brancos lá na África quando isso aconteceu. Deste modo os Olinkas ouviram a história do Adão e Eva dos missionários brancos e souberam como a serpente enganou a Eva e como Deus correu com eles do jardim do Éden. E ficaram muito admirados por ouvir aquilo, porque depois de correrem com as crianças olinkas da aldeia, não tinham pensado mais nisso. A Nettie diz uma coisa acerca dos Africanos. Longe da vista, longe do coração.

E outra coisa, não gostam de ninguém ao pé deles que pareça diferente ou faça coisas diferentes. Querem que todos sejam iguais. Portanto estás a ver que um branco não aguenta muito. Ela diz que acha que os Africanos correram com os olinkas brancos por causa da cor. Correram conosco, todos os que fomos escravos, por causa da maneira como fazíamos as coisas. Parece que nós não fazíamos nada bem, por mais que tentássemos. Bom, sabes como são os negros. Ninguém lhes pode dizer nada ainda hoje. Não se pode mandar neles. Cada negro que vês tem um reino na cabeça. Mas calcula só isto, - digo ao Sr.. - Quando os missionários chegaram à parte em que o Adão e a Eva estavam nus, os Olinkas quase morreram

a rir. Em especial quando os missionários tentaram fazer com que usassem roupa por causa disso. Tentaram explicar aos missionários que foram eles que puseram o Adão e a Eva fora da aldeia por estarem nus. A sua palavra para nu é branco. Mas como estão cobertos pela sua cor não estão nus. Disseram que uma pessoa que olha para um branco pode dizer que está nu, mas que a gente de cor não pode estar nua porque não pode ser branca.

- Sim, - diz o Sr.. - Mas estão enganados.

- É verdade, - digo. - O Adão e a Eva provaram isso. O que eles fizeram, essa gente olinka, foi correr com os próprios filhos, só por serem um bocadito diferentes.

- Aposto que hoje fazem a mesma porcaria, - disse o Sr.

- Oh, pelo que diz a Nettie, os Africanos são uma trapalhada. E sabes o que diz a bíblia, o fruto não cai muito longe da árvore. E mais, - digo. - Adivinhas quem é que eles dizem que é a serpente?

- Nós é claro, - diz o Sr..

- É verdade, - digo. - Os brancos juraram vingança. Estavam tão furiosos por terem corrido com eles e por lhos terem dito que estavam nus que meteram na cabeça que haviam de dar cabo de nós em todos os lados onde nos encontram, como fazem a uma serpente.

- Achas? - pergunta o Sr.

- É o que dizem os Olinkas. Mas também dizem que assim como sabem

histórias antes de começarem a aparecer as crianças brancas, também sabem o futuro depois de partir a maior delas. Dizem que conhecem essas crianças e que elas se vão matar umas às outras, por estarem tão furiosas por ninguém as querer. Que vão matar também muitas outras pessoas que têm alguma cor. De fato, vão matar tanta gente e tantos pretos que todos vão odiá-los como hoje eles nos odeiam a nós. Então vão ser a nova serpente. E onde houver um branco vai ser esmagado por alguém não branco como nos fazem a nós hoje. E alguns Olinkas acham que a vida vai continuar para sempre. E mais ou menos em cada milhão de anos vai acontecer qualquer coisa no mundo e as pessoas vão mudar de aspecto. Vão começar a

ter duas cabeças vão mandar as outras para qualquer sítio. Mas alguns não acham isso. Pensam que, quando o branco mais importante não estiver já na terra, a única maneira de as pessoas não fazerem das outras serpentes é toda a gente aceitar toda a outra gente como filhos de Deus, ou filhos de um mãe, não importa o aspecto que têm ou aquilo que fazem. E calculas que mais é que dizem acerca da serpente?

- O quê? - Pergunta ele.

- Os Olinkas adoram-na. Dizem que, quem sabe, pode ser parente deles, mas que de certeza é a coisa mais esperta, mais limpa, mais manhosa que já viram.

- Esses tipos com certeza têm montes de tempo só para ficarem sentados a pensar, - diz o Sr.

- A Nettie diz que são realmente bons a pensar, - digo eu. - Mas pensam tanto em milhares de anos que lhes custa a passar um.

- Então como chamam ao Adam?

- Uma coisa parecida com Omatangu. Quer dizer um homem não nu, próximo do primeiro feito por Deus e que sabia que era homem. Muitos homens que vieram antes do primeiro eram homens, mas nenhum deles sabia disso. Sabes como alguns homens levam tanto tempo a reparar em qualquer coisa, - digo.

- A mim levou-me bastante a ver que eras tão boa companhia, - diz ele.

E riu-se. Sei que ele não é a Shug, mas agora começa a ser uma pessoa com quem posso falar. E não importa que o te-

legrama diga que deves estar afogada. Ainda recebo cartas tuas. A tua irmã, Celie.

Querida Celie. Após dois meses e meio o Adam e a Tashi voltaram! O Adam apanhou a Tashi, a mãe e mais umas pessoas do nosso povoado quando estavam perto da aldeia onde tinha vivido a missionária branca, mas a Tashi não queria ouvir falar em voltar, nem a Catherine, e portanto o Adam acompanhou-as até ao acampamento Mbele. Oh, diz ele, é um local extraordinário! Sabes, Celie, na África, há uma grande depressão na terra chamada a Grande Fratura, mas fica no outro lado do continente onde nos encontramos. Contudo, segundo o Adam, há uma (pequena) fratura do nosso lado, com vários milha-

res de acres e até mais profunda do que a Grande Fratura, que abrange milhões de acres. É um local situado a uma tal profundidade na terra que só se pode ver do ar, pensa o Adam, e então devia parecer mesmo um enorme canyon. Bem, nesse enorme cante há um milhar de pessoas e dúzias de tribos africanas. Há herdades. Há uma escola. Uma enfermaria. Um templo. E há guerreiros e guerreiras que na realidade executam mísseis de sabotagem contra as plantações brancas. Mas tudo isto parece uma maravilha maior ao contar-se tudo isto do que ao vivê-lo, se de fato sou bom juiz em relação a Adam e à Tashi. Os seus espíritos parecem ter ficado completamente atraídos um pelo outro. Quem me dera que pudesses tê-los

visto quando chegaram ao povoado. Sujos como porcos, com o cabelo mais desganhado deste mundo. Cheios de sono. Exaustos. A cheirarem mal. Sabe Deus. Mas ainda a discutirem. Só porque voltei contigo, não acho que tivesse concordado com o casamento, disse a Tashi. Oh, disseste pois, disse o Adam, furioso, mas aos bocejos. Prometeste à tua mãe. Eu prometi-o à tua mãe. Ninguém na América vai gostar de mim, disse a Tashi. Eu vou gostar, disse o Adam. A Olivia veio a correr e abraçou a Tashi. E correu a arranjar comida e um banho. Na noite passada, depois da Tashi e do Adam terem dormido a maior parte do dia, tivemos uma reunião de família. Comunicamos que devido a tanta da nossa gente ter ido juntar-se aos

Mbeles e os plantadores começarem a trazer trabalhadores muçulmanos do Norte, e porque era tempo de o fazermos, iríamos partir para casa daí a poucas semanas. O Adam anunciou que desejava casar com a Tashi. A Tashi anunciou que se recusava a casar. E depois, naquele seu jeito honesto e vertical, deu as suas razões. A principal, era o fato de, depois de ter feito as incisões na cara, os Americanos a irem considerar uma selvagem e trocar dela, assim como dos filhos que ela e o Adam pudessem ter. Que vira revistas que recebíamos da nossa terra e que não tinha dúvidas de que a gente de cor não gostava realmente de negros com pele brilhante como ela, e em especial das mulheres com aquele mesmo tipo de pele. Branqueavam a ca-

ra, disse ela. Desfrisavam o cabelo. Tentavam parecer nuas. E também, continuou, temia que o Adam se sentisse atraído por alguma dessas mulheres que pareciam nuas e a abandonasse. Depois não teria país, nem povo, nem mãe, nem marido, nem irmão. Tinha uma irmã, disse a Olivia. Depois o Adam falou. Pediu à Tashi que lhe perdoasse a sua estúpida reação inicial às incisões. E para esquecer a repugnância que sentira acerca da cerimônia de iniciação feminina. Assegurou à Tashi que era a ela que amava e que na América teria um país, um povo, país, irmã, marido, irmão e amante, e o que lhe coubesse a ela sofrer na América seria também igual para ele. Oh, Celie. Portanto, no dia seguinte, o nosso rapaz apareceu-nos com inci-

sões na cara idênticas às da Tashi. E estão felizes. Tão felizes, Celie. Tashi e Adam Omatangu. O Samuel casou-os, é claro, e toda a gente do povoado veio desejar felicidades e muitas folhas para o seu telhado, para sempre. A Olivia foi madrinha da noiva e um amigo do Adam um homem demasiado idoso para ter ido ter com os Mbeles foi o padrinho dele. Logo a seguir ao casamento abandonamos o povoado, num caminhão que nos deixou num barco acostado num porto natural que vai ter ao mar. Daqui a poucas semanas, estaremos em casa. A tua dedicada irmã, Nettie.

Minha Nettie:

Nos últimos tempos o Sr. fala muito com a Shug ao telefone. Diz que quan-

do lhe contou que a minha irmã e a família tinham desaparecido, ela e o Germaine foram direitos ao Departamento de Estado para descobrir o que tinha acontecido. Ele disse que a Shug diz que quase morre ao pensar que eu estava aqui a sofrer sem saber nada. Mas não aconteceu nada no Departamento de Estado. Nada no Departamento da Defesa. É uma grande guerra. Acontecem muitas coisas. Um navio perdido não deve parecer grande coisa, imagino. Além disso, gente de cor não conta. Bem, não sabem, nunca souberam e nunca hão de saber. Nunca. E então? Sei que estás a caminho de casa e que podes não chegar aqui senão quando eu tiver noventa anos, mas um dia espero ver a tua cara. Enquanto espero contratei a Sofia pa-

ra a nossa loja. Fiquei com o branco, o Alphonso, para a dirigir na mesma, mas puz a Sofia para atender os negros porque antes nunca ninguém os atendeu numa loja nem os tratou bem. A Sofia é realmente boa a vender coisas também porque faz de conta que não se rala que comprem ou não. Não se rala nada. E então, se decidem comprar mesmo assim, bom, pode trocar algumas palavras simpáticas com as pessoas. Além disso, aquele homem branco tem medo dela. Ele tenta chamar a qualquer pessoa de cor tiazinha e coisas assim. A primeira vez que tentou com a Sofia ela perguntou-lhe qual tinha sido o homem de cor que tinha casado com a irmã da mãe dela. Perguntei ao Harpo se ele se ralava por a Sofia trabalhar.

- Por que ia eu ralar-me? - pergunta ele. - Parece que isso a torna feliz. E eu posso tomar conta de tudo em casa. E a Sofia arranhou quem me ajude um pouco quando a Henrietta precisar de alguma coisa especial para comer ou se ficar doente.

- Sim, - diz a Sofia. - A Miss Eleanor Jane vai olhar pela Henrietta e prometeu levar um prato especial de dois em dois dias. Porque os brancos têm montes de máquinas nas cozinhas. Ela bate os inhames com coisas que nem podes imaginar. A semana passada fez sorvete de inhame.

- Mas o que aconteceu? - Pergunto.
- Pensei que as duas estavam zangadas.

- Oh, - diz a Sofia. - Por fim lembrou-se de perguntar à mãe porque é que eu tinha ido trabalhar para lá.

- Não creio que dure muito, apesar de tudo, - diz o Harpo. - Sabes como são.

- E a família dela sabe? - Pergunto.

- Sabe, - diz a Sofia. - Estão a fazer o que deves calcular. Onde é que já se viu uma mulher branca a trabalhar para pretos, berram eles. Ela respondeu: Onde é que já se viu uma pessoa como a Sofia a trabalhar para uma merda de brancos?

- Leva o Reynolds Stanlty com ela?

- Pergunto.

- A Henrietta diz que não a incomoda.

- Bom, - diz o Harpo, - fico contente se os homens lá de casa não aguen-

tarem essa coisa de ela trabalhar para ti, e então ela vai desistir.

- Deixa-a desistir, - diz a Sofia. - Ela não está a trabalhar para me salvar a alma. E se não aprender que tem que julgar por si, nem sequer vai chegar a viver.

- Bom, tens-me sempre a mim, ao fim e ao cabo, - diz o Harpo. - E gosto sempre de tudo o que tu decides.

Levantou-se e deu-lhe um beijo no sítio onde o nariz levou pontos. A Sofia sacode a cabeça.

- Toda a gente acaba por aprender alguma coisa nesta vida, - diz ela.

E rimos todos. Por falar em aprender, o Sr. disse um dia quando estávamos a coser no alpendre:

- Comecei a aprender naqueles dias todos em que me sentava lá em cima no meu alpendre, a olhar por cima da varanda. Uma desgraça. Era o que eu era. E não podia perceber porque havia uma vida se tudo o que acontecia na maior parte das vezes era fazer-nos passar maus bocados. Tudo o que sempre quize da vida foi a Shug Avery. E durante um tempo, tudo o que ela quize da vida fui eu. Bom. Não pudemos ter-nos um ao outro. Fiquei com a Annie Julie. Depois contigo. Todos esses malditos miúdos. Ela arranjou o Grady e quem sabe quantos mais. Mas parece que se saiu melhor do que eu.

- É custoso não amar a Shug, - digo. - Ela sabe o que deve dar.

- Experimentei fazer qualquer coisa pelos meus filhos depois de me deixares. Mas nesse momento era tarde demais. O Bub esteve ao pé de mim quinze anos, roubou-me o meu dinheiro todo, deitava-se no alpendre bêbado. As raparigas estavam muito pegadas a homens e nem falavam de religião. Cada vez que abriam a boca era para se queixarem. Quase me despedaça.

- Se achas que tens um coração que sente, - digo, - isso quer dizer que ele não está tão estragado como pensas. De qualquer maneira, sabes como é. Perguntas uma coisa a ti mesma e daí a pouco estás a perguntar-te quinze.

Eu comecei a pensar por que é que precisamos de amor. Por que é que sofre-

mos. Por que é que somos pretos. Por que é que uns somos homens e outros mulheres. Donde vêm realmente as crianças. Não levou muito tempo até descobrir que não sabia nada. E se se pergunta a nós mesmos por que é que se é preto ou homem ou mulher ou planta não quer dizer nada se não perguntarmos. Penso que estamos aqui para pensar, eu próprio para pensar. Para perguntar. E que ao pensar nas coisas importantes e ao fazer perguntas sobre as coisas importantes, se aprende coisas pequenas, quase por acaso. Mas nunca se sabe nada mais acerca da coisa importante do que aquilo que se sabia ao princípio.

- Quanto mais penso, - diz ele, - mais amor sinto.

- E as pessoas começam a gostar de ti, aposto, - digo eu.

- E gostam, - diz ele, admirado. - O Harpo parece gostar de mim. E a Sofia. E as crianças. Acho que até aquela peste da Henrietta gosta um bocado, mas isso é porque ela sabe que para mim é um mistério tão grande como o do homem na lua.

O Sr. estava muito afadigado a desenhar uma faca e nem podes pensar em pôr-lhe uma gravata; parece que vão ser linchados. E então, quando já descobri que também posso viver contente, o Sr. acabou de me pedir que volte a casar com ele, desta vez em espírito e em corpo e eu acabo de dizer:

- Não, ainda não gosto de rãs, vamos ser amigos.

A Shug escreve-me a dizer que volta para casa. Se ela vier fico feliz. Se não vier, fico contente.

- Oh Celie, - diz ela, saindo do carro, vestida como uma artista – Oh! A casa parece tão bonita. - diz ela.

Quando chega ao pomar:

- Arranjei-te alguns elefantes e também vais ter tartarugas.

- Bom, aqui o tens, - digo parando na porta. Tudo no meu quarto é púrpura e encarnado menos o chão. Ela olha-me divertida durante um momento eu olho para ela.

- Na universidade, - diz ela. - Wilbertorce. Não se pode deixar perder aquele talento todo. Entre nós acabou, apesar de tudo, - diz ela. - Agora parece que é da

família. Como um filho. Talvez um neto. Tu e o Albert que é que têm andado a fazer?

- Nada de especial, - digo.

Ela diz:

- Conheço o Albert e aposto que ele anda a preparar alguma, tu estás tão vistosa.

- Cosemos, - digo eu.

- Conversa fiada.

- É o que fazemos.

- Conversa fiada até onde? - Pergunta ela.

- O que achas?

E penso: A Shug tem ciúmes. Sou capaz de inventar uma história só para a chatear. Mas não faço isso.

- Falamos de ti, - digo. - De gostar-mos muito de ti.

Ela sorri, vem encostar a cabeça ao meu peito. Dá um grande suspiro. A tua irmã, Celie.

Querido Deus:

Queridas estrelas, queridas árvores, querido céu, queridas pessoas. Queridas Todas as Coisas. Querido Deus. Obrigado por teres trazido para casa a minha irmã e os meus filhos.

- Adivinha quem vem lá? - pergunta o Albert, a olhar para a estrada. Vemos pó no ar. Eu e ele e a Shug estamos sentados no alpendre depois de jantar. A conversar. Sem Conversar. A embalar-nos nas

cadeiras, a enxotar as moscas. A Shug diz que não quer cantar mais em público.

- Bem, talvez uma noite ou duas no Harpo's.

Se calhar vai retirar-se. O Albert diz que quer que ela prove a camisa nova. Eu falo da Henrietta, da Sofia. Do meu jardim e da loja. De como as coisas vão indo, em geral. Estou tão acostumada a cozer qualquer coisa que coso um monte de trapos, para ver o que dá. O tempo ficou mais fresco durante os fins de Julho, e estou a sentir-me mesmo bem sentada no alpendre com o Albert e a Shug. Na semana que vem é o 4 de Julho e estamos a pensar numa grande reunião familiar ao ar livre aqui, na nossa casa. Espero apenas que o tempo se mantenha fresco.

- Podia ser o carteiro. Mas ele guia um bocado mais depressa.

- Podia ser a Sofia, - diz a Shug. - Sabes que ela é uma maluca a conduzir.

- Podia ser o Harpo, - diz o Albert.

Mas não é. Nessa altura o carro pára debaixo das árvores no pátio e sai toda a gente vestida à antiga. Um homem alto e grande de cabelo branco e com um colarinho branco que já ninguém usa, uma mulher baixinha e gordinha de cabelo grisalho e com tranças cruzadas no alto da cabeça. Um rapaz alto e duas raparigas com ar saudável. O homem de cabelo branco diz qualquer coisa ao motorista do carro e vai-se embora. Ficam todos de pé ali em baixo, à beira do caminho, com caixas e malas de todos os feitios. Agora tenho o

coração junto à boca e não consigo mexer um pé.

- É a Nettie, - diz o Albert levantando-se. Todas as pessoas lá em baixo, à beira do caminho, olham para cima, para nós. Olham para a casa. Para o pátio. Para os carros da Shug e do Albert. Olham em roda para os campos. Depois começam-a subir devagar até à nossa casa. Estou tão assustada que não sei o que fazer. É como se a minha cabeça tivesse parado. Tento falar e não consigo. Tento levantar-me, quase caio. A Shug abaixa-se e estende-me a mão. O Albert aperta-me o braço. Quando os pés da Nettie pisam o alpendre quase morro. Fico a cambalear entre o Albert e a Shug. A Nettie cambaleia entre o Samuel e... lembro-me ago-

ra que deve ser o Adam. Depois começamos ambas a gemer e a chorar. Vamos aos trambolhões uma para a outra como em bebês. Depois estamos tão fracas quando nos tocamos que cada uma prega com a outra no chão. Mas que nos impera? Ficamos sentadas ali no alpendre agarradas uma à outra. Passado um bocado, ela diz:

- Celie.

Eu digo:

- Nettie.

Passa mais um bocado de tempo. Olhamos em volta para os joelhos de uma quantidade de gente. A Nettie não larga a minha cintura.

- Este é o meu marido Samuel, - diz ela, apontando para cima. - Estes são os

nossos filhos Olivia e Adam e esta é a mulher do Adam, a Tashi, - diz ela.

Eu aponto para a minha gente.

- Esta é a Shug e este o Albert.

Toda a gente diz muito prazer. Então a Shug e o Albert começam a abraçar todos um por um. Eu e a Nettie saímos por fim do alpendre e abraçamos os nossos filhos. E eu abraço a Tashi. Depois o Samuel.

- Porque temos sempre uma reunião no 4 de Julho? - diz a Henrietta a fazer beicinho e às queixinhas. Faz tanto calor.

- Porque os brancos andam muito atarefados a fazer uma festa por causa da sua independência da Inglaterra a 4 de Julho, - diz o Harpo, - e assim os negros não

têm que trabalhar. Podemos passar o dia a fazer uma festa entre todos nós.

- Ah, Harpo, - diz a Mary Agnes, bebendo limonada, - não sabia que estavas a par da história.

Ela e a Sofia fizeram juntas a salada de batata. A Mary Agnes veio a casa buscar a Suzie Q. Deixou o Grady, mudou-se para Memphis e vive com a irmã e a mãe. Vão tomar conta da Suzie Q enquanto ela trabalha. Arranjou muitas novas canções, diz ela, não está demasiado destruída para cantar.

- Ao fim de algum tempo com o Grady, não conseguia cantar, - diz ela. - Além disso, ele não era bom para estar com nenhuma criança. Claro, eu também não, - diz ela. - Fumamos erva a mais.

Toda a gente fica muito espantada com a Tashi. As pessoas olham para as cicatrizes dela e do Adam como sendo um assunto que lhes diz respeito. Dizem que nunca desconfiaram que as senhoras africanas pudessem ser tão bonitas. Fazem um belo par. Falam de uma maneira um pouco esquisita, mas estamos a ficar habituados.

- O que é que o teu povo gosta mais de comer lá na África? - perguntamos.

Ela parece ficar corada e diz barbecue. Toda a gente se ri e lhe impinge mais comida. Sinto-me um pouco estranha em relação aos meus filhos. Por um lado, cresceram. E vejo que pensam que eu e a Nettie e a Shug e o Albert e o Samu-

el e o Harpo e a Sofia e o Jack e a Odessa
somos velhos e não sabem muito bem o
que vai acontecer. Mas eu não acho que a
gente se sinta nada velha. E estamos tão
felizes. De fato, acho que é agora que nos
sentimos mais novos. AMÉM!

* * * * *

{1} Cucumbers em inglês, cuja pronúncia se parece

com a de «Columbus», nome latino do navegador Colombo (Cristóvão) adoptado pela língua inglesa. (N, da T.

{2} Nina, Pinta e Santa Maria

{3} De clive (azeitona, em inglês). (N. da T.)

{4} Corruptela de old (velho). (N. da T.)

{5} Horse significa cavalo, em inglês. Há um tro-

cadilho intraduzível em relação a hospitality (hospitalidade).

Não esqueçamos que tinham estado sentadas numa carroça.

(N. da T.)

{6} Paciente. (N. da T.)

{7} Milho, ou trigo, moído mais espessamente do

que para farinha. (N. da T.)

{8} O mesmo que chatterlings, que são os intesti-

nos delgados dos porcos preparados para comer. (N. da T.)

{9} Gemido. (N. da T.)

{10} Chamam-me amarela / Como se amarela fosse

o meu nome // Chamam-me amarela / Como se amarela

fosse o meu nome // Mas se amarela fosse nome / Porque
não chamar-me preta? / Bom, mas se digo Ei, negra /
Deus, ela tenta dar-me cabo da vida.

{11} Abreviatura de sugar, açúcar. (N. da T.)

{12} Sociedade Missionária Americana e Africana.

(N. da T.)

{13} A palavra é «coddle», deturpação fonética de

cuddle. É como a palavra soa a Nettie que é do Sul, onde
a pronúncia é mais doce. Por isso é que aparecem as aspas
no original americano. (N. da T.)

{14} Sociedade Antiescravista & Missionária. (N.

da T.)

{15} Açúcar. (N. da T.)

{16} É um americanismo. É a designação de uma

máquina que separa as fibras de algodão das sementes. (N.
da T.)